



Adair José Pereira da Rocha  
Gislaine Cristina Vagetti  
Valdomiro de Oliveira

# EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS NO BASQUETEBOL

RELATOS DO AUTOCONCEITO, AUTOEFICÁCIA E QUALIDADE DE VIDA



## Copyright

© 2023 by Editora Clube dos Recreadores  
www.clubedosrecreadores.com.br/editora  
Rua Osvaldo Hrecek, 92B. Jardim Paris III. CEP: 87083-500.  
Maringá, Paraná, Brasil.

Projeto Gráfico (Capa) e Diagramação (Miolo)  
Cleber Mena Leão Junior / Editora Clube dos Recreadores  
Capa: Ms. Adair José Pereira da Rocha e seus Atletas

Informamos que é de inteira responsabilidade dos autores a emissão de conceitos, bem como, a revisão dos textos.

Este livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo acordo Ortográfico que entrou em vigor em 2009.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Clube dos Recreadores ou dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/1998 e punido pelo art. 184 do Código Penal.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rocha, Adair José Pereira da  
Educação e formação de jovens no basquetebol  
[livro eletrônico] : relatos do autoconceito,  
autoeficácia e qualidade de vida / Adair José Pereira  
da Rocha, Gislaine Cristina Vagetti, Valdomiro de  
Oliveira. -- Maringá, PR : Editora Clube dos  
Recreadores, 2023.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-86423-40-2

1. Basquetebol - Brasil 2. Educação - Brasil  
3. Esportes - Aspectos sociológicos 4. Juventude -  
Aspectos sociais 5. Pesquisa - Brasil I. Vagetti,  
Gislaine Cristina. II. Oliveira, Valdomiro de.  
III. Título.

23-160980

CDD-796.323

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Basquetebol : Ação pedagógica : Esporte 796.323

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Maringá, Paraná

2023

### **Conselho Editorial**

Dr. Alexandre Paulo Loro (UFFS)

Dr. Franklin Castillo Retamal (Universidad Católica del Maule – Chile)

Dr. Guilherme da Silva Gasparotto (UFPR)

Dr. João Eloir Carvalho (PUCPR)

Dra. Juliana de Paula Figueiredo (UDESC)

Dr. Marcio Alessandro Cossio Baez (UNIPAMPA)

Me. Carlos Eduardo Sampaio Verdiani (FGP)

### **Comissão Editorial**

Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM)

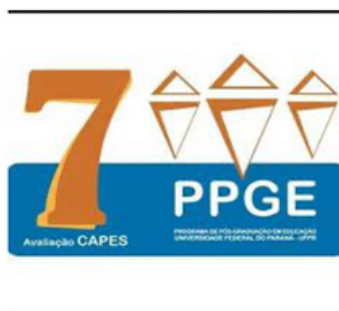
Me. Cleber Mena Leão Junior (Clube dos Recreadores)

Me. Tatyanne Roiek Lazier-Leão (Clube dos Recreadores)

**Este livro foi avaliado por pares e  
aprovado por pareceristas ad hoc.**



# APOIO PARA A REALIZAÇÃO DA OBRA





# **SOBRE OS AUTORES**



## **ADAIR JOSÉ PEREIRA DA ROCHA**

Doutorando Adair José Pereira da Rocha. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Curitiba, Paraná. Professor de Educação Física – Unidombosco – PR. Professor de Basquetebol na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Membro do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Técnico do Basquete convencional. Técnico de Basquetebol em cadeira de rodas. Técnico de Basquetebol para pessoas surdas. Membro da Rede Internacional de Basquete Educativo.



## **GISLAINE CRISTINA VAGETTI**

Doutora em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2012). Mestrado em Ciências da Saúde, pela Universidade Estadual de Maringá - UEM (2006). Especialista na área de Aprendizagem esportiva Professora Associada da Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, Campus II, onde ministra as disciplinas: Crescimento e Desenvolvimento Humano; Consciência Corporal; Metodologia da Pesquisa e Escrita de Artigo Científico. Orienta Iniciação Científica na UNESPAR, com apoio do CNPq e Fundação Araucária. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação (PPGE/UFPR/CAPES 7), na linha Cognição Aprendizagem e Desenvolvimento Humano. Ministra a disciplina Tópicos especiais em cognição, aprendizagem e desenvolvimento, Esportes na ótica de Gardner e Bronfrenbrenner. Vice-líder do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE) da UFPR. Membro do grupo de pesquisa em Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano (UFPR). Possui relações de pesquisas com instituições internacionais como EUA e Portugal. Possui Livros, capítulos de livros e artigos no Brasil e em vários Países. Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).



## **VALDOMIRO DE OLIVEIRA**

Doutor e Mestre em Educação Física pela Unicamp – área de concentração Ciências Pedagógicas da Educação Física, na Linha de Pedagogia do Esporte. Professor associado do Departamento de Educação Física da UFPR. Estágio pós-doutoral em Ciências Pedagógicas da Educação Física e do Desporto pelo Instituto de Cultura Física de Moscou (Rússia). Professor de Programas de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação, na linha de Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano. Líder do Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (Cepepe) da UFPR, com relações de pesquisas com instituições internacionais na Rússia, Estados Unidos e Portugal. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano (PPGE) da UFPR. Integrante do Centro de Estudos em Atividade Física e Saúde da UFPR e do Grupo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte, da Unicamp.



Dedico este livro aos meus pais, Adair Pereira da Rocha e Francisca de Melo Rocha, meus irmãos, Alessandra Pereira da Rocha e Alex Pereira da Rocha, aos meus avós in memoriam Sebastião Pereira da Rocha, Maria Cuoghi da Rocha, João de Melo e a minha avó, senhora Expedita Quirino de Melo pela chance de estarmos vivos. João de Melo conhecido como João Rato na região de Guareí - SP e Itapetininga - SP. Dedico este livro a minha esposa Lucia Helena Dionysio da Rocha, aos meus filhos Bernardo Dionysio da Rocha e minha filha Heloísa Dionysio da Rocha, in memoriam Cecilia Dionysio da Rocha e aos pais da minha esposa, Luiz Gonsaga Dionysio e a sua esposa Lucila Zanlorenzi Dionysio. A todos os técnicos que passaram em minha vida.

**Prof. Ms. Adair José Pereira da Rocha**

Dedico este livro ao meu marido Valdomiro de Oliveira (MIRO) e aos meus filhos, Caio e Giovana pelo amor que temos entre nós.

**Profa. Dra. Gislaine Cristina Vagetti**

Dedico esse livro aos meus familiares Paulo e Celeste in memoriam, João, Nilza, Nilson e aos seres superiores que nos conduzem nesta vida. A minha esposa Gislaine, autora associada nesse livro, e aos meus filhos Caio e Giovana, pelo “amor que temos entre nós”.

**Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira**



# AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Ao centro de pesquisa de Pedagogia do Esporte (CEPEPE).

A Rede Internacional de Basquetebol (RIBE) em nome de Hector Zambra e Dante De Rose Júnior e aos seus coordenadores das regiões do Brasil, professores (as) Mônica Cristina Flach, Majô Cristine Lopes Dias, Túlio Henrique de Siqueira, Tácito Pinto Filho, Marielson Nascimento Alves e Marcos Aurélio Guimarães Barbosa.

Aos técnicos e professores: Adel Youssef, Alexandre Pessoa, Alvaro Valadares, Bruno Bressan, Camila Fernandes Maia, Darlan França Ciesielski, Daniel Stelmachuk Lazier, Edison Estanislau, Emerson Venturini (Milico), Emerson de Souza, Fabio Antônio Pelanda, Fabiola Vila do Santos, Francisco Cordeiro, Josemar Damasco, Josias Machado, Luciano Cruz, João Lazier, Pedro Ernesto Ferreira, inmemorian Romildo Fagundes, Rolando Ferreira, Sabriana Tuleski, em especial ao professor Leonardo Proetti Simões o qual me incentivou em minha chegada na cidade de Curitiba no qual tenho gratidão eterna.

**Prof. Ms. Adair José Pereira da Rocha**

A todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a construção e publicação desta obra.

**Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira**  
**Profa. Dra. Gislaíne Cristina Vagetti**



# APRESENTAÇÃO

Inicialmente, gostaria de agradecer ao meu amigo Prof. Ms. Adair Jose Pereira da Rocha pelo convite para escrever a apresentação do seu livro. Me sinto muito honrado em participar desse momento importante de sua vida, pois conheço sua trajetória no esporte e sei o quanto é um apaixonado pelo basquetebol.

Nos conhecemos pelo basquete. Jogando em lados opostos, sempre de forma leal e respeitosa, me parecia natural que, ao final de sua carreira como atleta dentro das quadras, a linda história do meu amigo Adair continuaria fora delas. Depois, já como treinadores, nos encontraríamos em outros tantos torneios ao longo da vida, momentos que nos faziam lembrar das coisas boas que o basquete nos proporcionara.

Mais do que isso, aproveitávamos aquelas oportunidades especiais para trocar ideias e experiências sobre o desenvolvimento de atletas e as dificuldades desse caminho. Entre outras tantas coisas em comum, entendemos que o esporte é um ambiente fantástico, que nos permite aprender através de erros e acertos, conhecer e conviver com pessoas diferentes, estar em lugares jamais imaginados e proporcionar inúmeras oportunidades para nossa formação integral.

Esse livro reforça o sentimento mencionado anteriormente ao trazer importantes reflexões sobre a educação e a prática esportiva, na medida em que relaciona elementos relevantes para esse processo, como a qualidade de vida analisada em diferentes ambientes, classes sociais e gênero entre praticantes e não praticantes, apresentando estatisticamente os diversos benefícios que a prática do basquetebol pode proporcionar.

Através de uma pesquisa bibliográfica robusta, traz estudos que reforçam a importância do esporte para o desenvolvimento social e educacional e apresenta informações sobre a percepção das crianças e adolescentes sobre a qualidade de vida - temática que se faz ainda mais relevante quando observamos o cenário brasileiro e o distanciamento entre escola, esporte e saúde.



# APRESENTAÇÃO

As discussões presentes nessa obra comprovam a necessidade de alinhamento e aproximação desses aspectos para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, sobretudo de crianças e adolescentes em formação.

Ser professor é uma arte e ensinar esporte para crianças e adolescentes um desafio, e por esse motivo parablenizo o esforço e resiliência que sempre o colocaram o Prof. Adair em um patamar mais alto e o levaram à essa conquista. Também merecem os parabéns o Prof. Dr. Valdomiro de Oliveira e a Profa. Dra. Gislaine Cristina Vagetti, orientadores da obra.

Por fim, quero deixar registrado que espero que outros trabalhos científicos e pessoais possam ser desenvolvidos e multiplicado por meu amigo Prof. Adair, para que jovens professores e treinadores tenham oportunidade de aprender e se desenvolver nessa desafiadora, porém extremamente gratificante, arte de ensinar esporte para crianças e adolescentes.

Foi um privilégio escrever essa apresentação e sigo confiante e acreditando que o esporte transforma a vida das pessoas.

**Dr. Leandro de Melo Benelli**  
Sócio proprietário da AKDMIA de basquete





# PREFÁCIO ACADÊMICO

Início este prefácio, com um misto de sentimentos que me emocionam profundamente, pois em um País (Brasil), ainda longe do ideal de valorização literal, ser convidado a participar de um livro me honra profundamente, o que agradeço imensamente.

Como praticante de vários esportes na infância e juventude, em especial o basquete na cidade de Franca, considerada a Capital do Basquete, passei por todas etapas deste processo mergulhado no sentimento de paixão. Diferente do amor, a paixão nem sempre é uma boa companheira, principalmente no esporte competitivo onde, muitas vezes em nome do resultado, muitos valores são esquecidos e muitos adultos se projetam em seus filhos.

Diante deste aspecto passional, uma obra que trás conhecimento e experiências, é um farol para o esporte nos mais diferentes setores como escolares, clubes, entidades ou projetos. Os dados organizados, compartilhados e contextualizados no livro contribuem para todos envolvidos no ambiente esportivo, como um instrumento de reconhecimento de como estou exercendo meu papel enquanto professor, técnico, pais, gestor, etc.

Passada minha fase como praticante e jogador, comecei a atuar como professor e técnico, felizmente passando pelas mãos de alguns profissionais excelentes, com perfil educativo e até com formas de trabalho consideradas avançadas para seu tempo. Estes profissionais contribuíram de forma significativa para que eu percebesse a importância do basquete como ferramenta educacional e formadora não apenas de atletas, mas em especial de cidadãos.

Já no título e também em todo conteúdo do livro, fica claro a possibilidade e potencial do esporte quanto à contribuição para a formação integral dos praticantes, bem como marcas negativas e limitações quando utilizado de maneira equivocada, visando resultados precoces, reconhecimento e valorização pessoal (profissional ou entidades) e sem bases científicas e compatíveis com os diferentes níveis técnicos, físicos e emocionais.



# PREFÁCIO ACADÊMICO

Já no título e também em todo conteúdo do livro, fica claro a possibilidade e potencial do esporte quanto à contribuição para a formação integral dos praticantes, bem como marcas negativas e limitações quando utilizado de maneira equivocada, visando resultados precoces, reconhecimento e valorização pessoal (profissional ou entidades) e sem bases científicas e compatíveis com os diferentes níveis técnicos, físicos e emocionais.

Dentre as muitas contribuições do livro, quero destacar uma essencial e de difícil percepção dos professores, técnicos e pais, que são as formas de incentivo excessivos e errôneos que usam para conquistar a vitória e, quando conseguem, este sentimento de alegria muitas vezes esconde o que realmente é importante e necessário para que as crianças e adolescentes tenham auto estima, autonomia, iniciativa, criatividade, consciência crítica e prazer em jogar basquete.

*“Educação e Formação de Jovens no Basquete” me fez lembrar um momento que me deu a certeza que estava no caminho certo, estando como técnico de uma equipe de competição, após o árbitro indicar a posse de bola para nossa equipe, o garoto de minha equipe disse ao árbitro que a bola era do adversário, pois ele havia tocado na bola. Esta atitude do garoto me emocionou e mais ainda quando a mãe do garoto, do outro lado da quadra, gritou “Obrigado Jamil, ele assimilou a lição!”.*

*Parabéns para os autores Adair José Pereira da Rocha, Gislaine Cristina Vagetti e Valdomiro de Oliveira pela dedicação e amor ao esporte e ao estudo, pela contribuição imensurável a todos que buscam se melhorar para fazer diferença na sociedade, vivenciando e sendo referência para o esporte.*



**Jamil Marcelo Gonçalves Costa**  
Presidente do Instituto Anderson Varejão  
Coordenador Técnico do Instituto ASPA





*“A única coisa que quero nestes quatro meses que tenho de vida é aprender a jogar basquetebol”*

Fonte: in memoriam aluno Jonny 2016 ADFP Fênix



# RELATO DE UM PAI

## **A realidade da base no basquetebol geração 1983 do colégio Objetivo Sorocaba que esteve anos participando dos campeonatos Paulitas do Interior**

O acolhimento que se dá as crianças e jovens que se iniciam em um esporte ou na escola comum, é sempre importante para seu desenvolvimento futuro. No meu caso, posso citar o exemplo de meu filho e de colegas dele com os quais convivi durante uns bons anos.

De início a luta para conseguir se posicionar entre os amigos, fez que meu filho seguisse um conselho que fiz questão de lhe passar. “Considere-se sempre entre amigos”.

Parta sempre do princípio de vocês todos estão em busca do bem comum. No início essa coisa é fácil, pois todos estão no mesmo pé de igualdade. No caso tratava-se de um time de basquete mirim, de uma escola particular onde era permitido que não alunos pudessem frequentar.

Testes e cortes foram feitos e eram difíceis, pois não caberiam todos no time. Busquei sempre mostrar-lhe que o importante era estar ali, praticando o esporte que ele tinha escolhido. Tinha sonhos? Sim, era nítido que sim. Muitos fatores corroboravam para isso, seu tamanho, sua destreza, sua amizade com os colegas, enfim, uma gama de certezas e uma incerteza: seria escolhido para estar entre eles?

Com o passar do tempo as relações entre os colegas foi se aprimorando, se robustecendo, as táticas se avolumando, o desejo de se firmar entre os melhores é constante nesses momentos. E foi aí que entendi que poderia agir em benefício de seu desenvolvimento como jogador e como ser humano.



# RELATO DE UM PAI

Desde o início busquei mostrar a ele que tinha dois caminhos a diversão e a competição, que não eram necessariamente apartados. Você pode perfeitamente juntar os objetivos, desde que um não atrapalhe o outro. Mas sempre ter critérios, quando se busca um objetivo ele tem que ser a principal coisa a ser tentada.

O amadurecimento que o ser humano tem que ter nesses momentos é que vão fazer toda a diferença. É difícil você controlar um jovem de 16/18 anos, quando ele já começa a se sentir “dono do mundo”. Tem que se lhe aplicar as rédeas necessárias para controlar as emoções. Senão a vida desembesta e todo o esforço vai por água abaixo.

Aí entram os conselhos, a vivência, as vezes os “puxões de orelha”, tudo para que a qualidade não dê lugar a emoção desenfreada. É nessa hora que uma decisão errada pode pôr tudo a perder, não só no momento, mas as vezes por toda a vida.

Quando você nota que as coisas começam a tomar outro rumo e não aquele que tinha sido traçado, é que precisa ser pensado o melhor caminho a tomar. Lembro quando meu filho estava indo mal na escola, vários problemas contribuíram para isso, distância do alojamento até a escola, local do almoço longe da escola e longe do local de treinamento. De repente tudo estava mal, os treinos, a escola, o desempenho nos jogos.

Daí tem que se tomar uma decisão. O ano escolar estava praticamente perdido, abrimos mão dele, perdeu-se um ano importante de estudos. A cobrança de que no novo ano tudo seria diferente, é enganosa.

Não se abre mão de algo tão importante como a escola. Tanto que isso só se resolveu alguns anos depois com o EJA ensino médio que lhe abriu caminho para a universidade. Mas o bom de tudo isso é manter o nível de responsabilidade tanto do pai como do filho. Proporcionar o que melhor for de interesse do filho, confiando que o sucesso é algo efêmero, mas que as lições apreendidas são para sempre.



# RELATO DE UM PAI

Tanto que findo o período de sonhos, e encarando a dura realidade do “profissionalismo” tudo começa a ruir. Aquilo que parecia ser futuro rapidamente virou um passado a ser deixado de lado.

Mas a vida continua e aquilo que se apreendeu não se joga fora, pelo contrário ele será o alicerce de todo o resto de sua vida. E assim foi. Hoje já tendo ele conquistado seu espaço no mundo, certamente dá valor as pequenas lições apreendidas naquele tempo, que foram de grande valor com o passar do tempo.

**Fonte: Drausio, um pai que contribuiu com meu desenvolvimento!**

Essa história real me remete ao mais profundo sentimento, pois, o filho de Drausio quando tinha essas lições do pai, rapidamente nos repassava nos ajudando a tomar as melhores escolhas daquele momento, esses ensinamentos foram fundamentais e cabe esse reconhecimento ao filho de Drausio no qual considero um irmão e ao Pai que atuou em sua vida reboteando as nossas com muito amor.





# SUMÁRIO

AUTORES.....	05
DEDICATÓRIA.....	06
AGRADECIMENTOS.....	07
APRESENTAÇÃO.....	09
PREFÁCIO ACADÊMICO.....	10
RELATO DE UM PAI.....	12
<b>CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO II - O ESPORTE EDUCACIONAL: O CASO DO BASQUETEBOL.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO III - AUTOCONCEITO, AUTOEFICÁCIA E QUALIDADE DE VIDA.....</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO IV - PESQUISA EMPÍRICA.....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO V - DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL, ESPORTIVO: AC, AE E QV... </b>	<b>58</b>
<b>CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
REFERÊNCIAS.....	100
AVALIAÇÃO DOS PARECERISTAS.....	112
ÍNDICE REMISSIVO.....	115



CAP  
01

# INTRODUÇÃO



Nos últimos anos, verifica-se na literatura nacional e internacional um aumento vertiginoso das pesquisas visando compreender melhor alguns aspectos psicopedagógicos que envolvem a participação de alunos/atletas que são submetidos a programas de treinamento esportivo na infância e adolescência (REVERDITO, 2016; DIOTAIUTI *et al.*, 2017; GASPAROTTO *et al.*, 2018; OPAS, 2019). Para compreender alguns fatores que influenciam a percepção destes adolescentes enquanto alunos/atletas, serão analisados nesta obra por diferentes fatores determinantes, tais como: variáveis de Autoconceito (AC), Autoeficácia (AE) e Qualidade de Vida (QV) e suas relações nos ambientes onde o basquetebol é ofertado na cidade de Curitiba, estado do Paraná, na faixa etária de 12 a 17 anos.

Posser, Almeida e Moll (2016) analisaram que o desenvolvimento de métodos da educação e seus diferentes sentidos é algo complexo. Um deles é o de ensino/aprendizagem, pois o aluno precisa aprender os conteúdos de seus diversos sistemas, tornando-se essencial para entendê-lo em seus processos, no sentido de compreender suas propostas e de que maneira elas podem contribuir para a mudança social com atividades socioculturais, artísticas e esportivas.

O esporte há bastante tempo tem sido alvo de estudos. Segundo Gallati e Reverdito *et al.* (2014), uma forma enquanto disciplina das ciências do esporte é a de entender e compreender os processos de treinamento do esporte, o qual cada vez mais é referido por estudiosos como a Pedagogia do Esporte. Por meio dela pode-se construir um mapa desses aspectos, acumulando conhecimento sobre as organizações esportivas, sua sistematização, aplicação da análise de práticas esportivas nas suas diversas manifestações.

A Pedagogia do Esporte tem estudado a importância do professor no processo de treinamento esportivo, relacionando-o ao planejamento técnico de ensino/aprendizagem (OLIVEIRA; PAES, 2012). Apesar da ampla divulgação em pedagogia do esporte, há poucos estudos relacionando os conceitos da psicologia do esporte com a pedagogia, o que interfere diretamente na educação esportiva. Dessa forma, um dos fatores a ser estudado é o AC, que é a visão que o aluno/atleta tem de si mesmo, ou seja, a capacidade de se enxergar perante um sujeito no qual ele se espelha como o ideal (SERASSUELO JÚNIOR *et al.*, 2012). Dessa forma,

compreende-se que na prática esportiva esse conceito pode ser expandido e utilizado como ferramenta avaliativa cujos resultados podem contribuir para análises positivas, a fim de auxiliar as práticas pedagógicas.

Já a AE é definida como o indivíduo que compreende e reage diante de diferentes situações usando sua capacidade para tomar decisões e agir da melhor forma possível, buscando resolver problemas sem se omitir deles e com convicção na execução das tarefas (REVERDITO, 2016). Esse conceito já foi publicado por Bandura em 1986 e tem sido vastamente usado para esclarecer a autoconfiança no desempenho, traçando uma relação entre AE, motivação e desempenho acadêmico.

Outra variável que se entende importante investigar é a QV. Trata-se do desfecho do processo de treinamento desportivo, e os técnicos precisam se preocupar com ela e colocá-la como um fator predominante em seu planejamento de médio-longo prazo, pois compreender esses fatores psicológicos podem ajudar a QV já que a parte psicológica tem sido citada como uma variável importante a se ter atenção. Para tentar compreender a QV em nível mundial, a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolveu um instrumento denominado *World Health Organization Quality of Life* (WHOQOL), que é a percepção que a pessoa tem de si mesma dentro do contexto, da cultura e das condições de como vive dentro de um sistema de relações, expectativas, padrões e preocupações frente aos objetivos da vida (WHOQOL, 1995).

Weinberg e Gould (2008) dizem que estudos focados nos praticantes de atividade física e atletas se pautam em discutir o que promove sua motivação. Eles estudam os ambientes e situações de atividades esportivas e, dentre essas influencias, como as formas de incentivo ou críticas influenciam as pessoas. Isso retrata a importância do reforço positivo quando se objetiva o comportamento adequado. Para os autores, o esporte possibilita o convívio e impulsiona as ações, as quais podem levar ao bem-estar, à autoconfiança e à AE.

É por meio de autores como Bandura (1986), Paes (2001), Oliveira e Paes (2012), Serassuelo Júnior *et al.* (2012), Reverdito (2016), Diotaiuti (2017), Gasparotto *et al.* (2018), Unesco (2018) e OPAS (2019), que falam e estudam os aspectos mencionados, que poderia ser melhor compreendido o desenvolvimento aluno/atleta das escolas/clubes e os reais impactos do AC, da AE e da QV que foram pesquisados,

gerando um olhar da percepção do que cada grupo entende e compreende de si mesmos através dos resultados que foram apresentados.

Portanto, a partir da análise destas variáveis se almeja compreender inicialmente alguns fatores. Existe relação entre as variáveis do AC, AE e a QV? As percepções dos praticantes e não praticantes são semelhantes? Praticantes de basquetebol, comparando-os com alunos não praticantes, têm distinções associadas a qual variável? Neste caso, o objeto a ser estudado, especificamente, são alunos (as) praticantes de basquetebol que participam de competições em nível escolar, federativo e com participação frequente em treinos, e, por outro lado, os alunos não praticantes das mesmas idades.

É sabida a existência de estudos pontuais, específicos, com resultados significativos, que deixam em evidência essas variáveis e suas possíveis interferências positivas ou negativas, que venham influenciar a variável QV! Sabe-se que os alunos têm diferentes vivências (praticantes contra não praticantes), não menos importantes umas das outras, porém distintas, e que poderão ser melhor compreendidas após a finalização do estudo, dando um norte para os alunos/atletas, escola e para o professor compreendê-las, já vista sua função importante no ambiente escolar.

A importância do mentor pode ser explicada nos estudos sobre a organização dos conteúdos, que está entre as tarefas relacionadas ao professor ao liderar um processo pedagógico de ensino, vivência e aprendizagem no esporte na perspectiva de formação integral do aluno (GALATTI; PAES; DARIDO, 2010). Porém se o professor dar aula sem um planejamento adequado, fora de sua realidade, não sabendo conduzir o fator tempo de todo esse processo, ele precisa de uma ciência específica, a Pedagogia do Esporte, que atenda a busca por essa compreensão por meio da ciência.

Galatti (2006) destaca que a Pedagogia do Esporte, quando se trata de modalidades coletivas, tem a função de: organizar, sistematizar, aplicar e avaliar procedimentos pedagógicos, a fim de formar jogadores inteligentes, ou seja, capazes de lidar com os problemas do jogo; serem cooperativos, assim como exige um jogo esportivo coletivo, estimulando ainda a transcendência dos conteúdos e atitudes

tomadas da quadra para além desta, através de um processo educacional para e pelo esporte.

Antonelli *et al.* (2012) em seu estudo destacam que uma abordagem pedagógica-esportiva do dado início do esporte transcende as simples execuções dos movimentos e gestos técnicos e dá a chance do adolescente passar por um processo de formação plena, tendo o esporte como meio Educacional. Entender a influência que a prática do basquetebol dá, mapear as características de cada grupo e o que ele pensa sobre si, como acontecem as decisões para resolver os problemas e desafios de cada grupo, observando suas percepções e conexões, além de sugerir qual peso uma atividade esportiva tem no indivíduo que treina e estuda (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002).

Os autores, enquanto professores de educação física, de projetos sociais, clubes, escolas e universidades tem o desejo de buscar informações que sejam convenientes ao ambiente esportivo, escolar e científico. Estudar a importância da prática esportiva de crianças e adolescentes, por entender que o esporte se torna uma ferramenta da educação e deixa de ser apenas esporte quando se acredita que ele educa e que por meio dele podemos criar pessoas preocupadas com o *fair-play* ou patifes (OLIVEIRA; PAES, 2012). Evidenciar os resultados deste livro poderá ser um início para mais uma forma de entender o basquetebol nas escolas, clubes e ambientes das prefeituras.

A obra poderá ser um norteador para a compreensão destas variáveis sobre a percepção do indivíduo, pois ter um AC elevado pode ajudar em seu processo de ensino-aprendizagem no esporte ou na escola, se comparado aos alunos com AC baixo, pois fundamentado em estudos o AC alto pode ser um fator importante para o equilíbrio psicológico (SERASSUELO JÚNIOR *et al.*, 2012).

Segundo Oliveira e Paes (2012), os jogos coletivos como o basquetebol devem estar presentes na educação, dentro da escola, ambiente natural e também nos ambientes não formais, nos clubes e nas escolinhas, que são espaços com relevância. Esses dois espaços, formais e não formais, são importantes cenários para o desenvolvimento do basquete. O autor ainda destaca a relevância do trato da escola sobre o desporto como um de seus conteúdos pedagógicos nas aulas de educação física, pois as práticas esportivas são fundamentais para se estar ativo além de

conhecer os valores do esporte, sabendo-se que há hoje no Brasil milhares de escolas públicas que atendem milhões de alunos (PAES, 2015).

No presente livro serão pesquisados alguns ambientes, o escolar, o do clube e ambientes da prática do basquetebol, e devido a isso é interessante ressaltar a importância destes ambientes formais, como as instituições de ensino – escolas, universidades –, e os não formais, como clubes, prefeituras e projetos sociais. O ensino do esporte deve seguir um planejamento organizado, sistematizado, iniciando pelos objetivos da educação mundialmente estruturados, tendo a visão do total planejamento dos participantes (MACHADO; GALLATI; PAES, 2015).

Justifica-se a realização dessa obra após realizar uma busca sistemática nas seguintes bases de dados – LILACS, ERIC, CAPES e SCIELO – usando os descritores Basquetebol AND autoconceito, Basquetebol AND autoconceito AND autoeficácia, Basquetebol AND qualidade de vida e Basquetebol AND autoeficácia, descritores referenciados pela base da Educação Thesaurus usando o operador booleano: AND. Outros estudos não realizados nesta busca também foram aceitos pela importância de como a ciência vem estudando as manifestações do esporte na educação. Alguns deles são Paes (2001) e Oliveira e Paes (2004). Abaixo elucida-se a quantidade dos estudos encontrados, excluídos, leitura dos resumos e leitura na íntegra.

Quadro 1 - BASE DE DADOS DE 2013 A 2018 DE UMA BUSCA SISTEMÁTICA

Base	Encontrados	Excluídos pelo título	Leiturado resumo	Leitura na íntegra
LILACS	4	1	3	3
ERIC	2	0	2	0
CAPES	993	985	8	8
SCIELO	1	0	1	1
<b>Total</b>	<b>1000</b>	<b>986</b>	<b>14</b>	<b>12</b>

Fonte: Elaborado pelos Autores (2023).

É compreendido que existem diversos estudos relacionando o AC, AE e a QV. Cita-se alguns deles: Lazzoli e Kawazo (1998), Joseph *et al.* (2014), Breton *et al.* (2017), Luis *et al.* (2018) e Gasparotto (2018). Uma busca sistemática entre outros estudos tendo como base as variáveis do foco principal foi realizada, porém poucas pesquisas específicas sobre as variantes do foco desta pesquisa foram encontradas, o que corrobora para que exista uma lacuna científica que pode ser melhor compreendida por este livro.

Quadro 2 - ESTUDOS E VARIÁVEIS DO AC, AE E QV

Bandura (1986)	Esteve presente em diversos estudos abordando o AE
Lazzoli e Kawazo (1998)	Estudou a QV ligada a atividade física na infância
Vieira <i>et al.</i> (2011)	Estuda a variável da AE na psicologia
Oliveira e Paes (2012)	Basquetebol e a Pedagogia do Esporte
Joseph <i>et al.</i> (2014)	Estudou as variáveis QV e AE em estudantes dos EUA
Breton <i>et al.</i> (2017)	Analisou a construção do AC em jogadores de basquete adolescentes categoria cadete
Rojas <i>et al.</i> (2018)	Estudou fatores que afetam a performance acadêmica de estudantes da Costa Rica
Gasparotto <i>et al.</i> (2018)	Uma revisão sistemática elencando diversos autores que falam sobre a performance acadêmica e sua relação com o AC
Heinemann, Greguol e Oliveira (2018)	Estudou QV em atletas de 13 – 14 de basquetebol

Fonte: Elaborada pelos Autores (2023).

O quadro 2 é um breve resumo de que existem diversos autores que estudaram as variáveis AC, AE e QV, porém nenhum estudo encontrado no quadro 1 e 2 relacionou todas as variáveis pesquisadas, elas são estudadas de uma forma

independente, sugerindo a obra ser um estudo científico de complemento. Entende-se que a sociedade esportiva necessita de pesquisas que ajudem as pessoas a se qualificarem buscando aspectos já mencionados na introdução e que precisam de maiores e mais evidências científicas. Especificamente nesse livro se vislumbra examinar alguns fatores pouco referidos na literatura quando estão associados ao basquetebol, tais como o AC, e a AE que suponha-se que estas variáveis tenham capacidade de interferir no produto final que é a QV na perspectiva dos autores.

**CAP**  
**02**

**O ESPORTE  
EDUCACIONAL:  
O CASO DO  
BASQUETEBO**



O esporte Educacional vem sendo estudado faz muito tempo, dada sua importância, destaca Paes (1996), que organizou um sistema de divisões dos esportes coletivos ensinados na escola, Handebol, Basquetebol e Futebol, e dividiu em fases o sistema de ensino/aprendizagem no ensino fundamental que podem ser melhor observados no Quadro 3.

Quadro 3 - ENSINO APRENDIZAGEM DOS ESPORTES COLETIVOS NA ESCOLA

Pré-Iniciação Diversão + conhecendo o corpo	2º – 3º ano	Conteúdos de domínio do copo e manipulação da bola.
Iniciação 1 Formação + satisfação	4º – 5º ano	Conteúdos de passe recepção e drible.
Iniciação 2 Fundamentação + técnica	6º - 7º ano	Conteúdos sugeridos, finalização e fundamentos específicos da modalidade.
Iniciação 3 Especialização + leitura do jogo	8º – 9º ano	Situação de jogo, sistemas ofensivos e defensivos.

Fonte: Paes (1996), adaptado pelos Autores (2023).

Paes (1996) planejou e sistematizou o processo de ensino/aprendizagem do esporte coletivo na escola com objetivos de sustentabilidade do desenvolvimento esportivo e preocupações associadas à idade, maturação, a não especialização precoce e à especialização no momento adequado. Corrobora este estudo Oliveira (2012), que esquematizou e organizou o processo de ensino da modalidade Basquetebol no Brasil dando ênfase aos momentos principais de se ensinar o basquetebol em diferentes ambientes. A escola pode ser aceita como o ambiente de maior potencial para a iniciação esportiva, passando por transformações dinâmicas.

A escola passa por mudanças. Uma das propostas é a educação integral, que tem como seus objetivos promover a aprendizagem completa e consubstanciada por ações educacionais propositadas que desenvolvam experiências capazes de desenvolver habilidades cognitivas, afetivas, éticas e sociais (POSSER; ALMEIDA; MOLL, 2016). Na educação integral são ofertadas diversas atividades extracurriculares, uma delas poderiam ser os esportes coletivos em formato de

conteúdo educacional, servindo como motivação para se aprender um esporte e participar de competições.

A participação de crianças e adolescentes em competições de basquetebol implica não somente adesão a um sistema de recompensa e de motivação, mas também consideração de um processo educacional com vistas ao desempenho cognitivo, físico, extremamente complexo no desenvolvimento das habilidades motoras (FERRAZ, 2009). Oliveira (2012) dá a importância de se conseguir atingir um objetivo por meio do basquetebol, neste caso a execução de movimentos treinados dos fundamentos deste esporte, a importância se sentir-se competente no sucesso da execução de um fundamento (Bandeja) exemplo para se fazer pontos no momento do jogo, é algo que motivará o indivíduo a estar cada vez mais apto aos acertos do jogo, possivelmente dando novas percepções relacionadas ao seu AC e sua AE.

Não é tão simples competir, é preciso um especialista para conduzir esse processo para fatores que a criança ou o adolescente consigam alcançar, produzam maiores chances de sucesso esportivo, bem como seu desenvolvimento integral. Assim, a Educação Física, enquanto disciplina escolar, oferece variantes de conteúdo, tais quais o esporte, o jogo, a ginástica e atividades circenses, a dança, a luta, entre outros. Dessa forma, fica evidente a presença da educação no esporte (GALATTI; PAES; DARIDO, 2010).

Ainda discorrendo sobre a compreensão dos autores, é possível dizer quando um processo esportivo é equivocado em sua condução, o ensino do basquetebol, neste caso, podendo haver consequências na própria percepção do AC, com a AE podendo afetar a QV por meio de outras influências negativas (ALVES; LIMA, 2008).

O basquetebol é um esporte coletivo que teve seu desenvolvimento no final do século XIX, em 1891, no rigoroso inverno de Massachusetts, em um ambiente universitário norte-americano; sendo um jogo dinâmico, logo ganhou adeptos nos Estados Unidos e no mundo, tornando-se uma modalidade olímpica em 1936 na Europa, especificamente em Roma (FIBA, 2019).

Nos dias atuais é uma das modalidades mais praticadas no mundo, com mais de 170 países vinculados à Federação Internacional de Basketball, a FIBA (2019).

Seu inventor, o professor James Naismith, chegou a pensar em desistir da missão, mas seu espírito empreendedor o impedia. O basquetebol é praticado em dois tempos de 20 minutos e dividido em 4 quartos de 10 minutos; é jogado com cinco atletas em quadra e sete no banco de reservas; é um jogo de oposição e ataque, transições rápidas e esquemas táticos ofensivos e defensivos. Além das regras, o basquete é dinâmico, ágil e requer muita habilidade, e também condição física e psicológica para jogar nas competições (OLIVEIRA, 2012).

Quando se fala em educação por meio do basquetebol deve-se pensar de forma global no desenvolvimento humano. É este pensamento que induz a pensar que o corpo, a mente e alma estão interligados, dependentes um do outro. No seu estudo, Paes (1997) já apontava preocupações na precocidade da inserção das crianças em ambientes onde elas podem ser já especializadas em algum esporte. O autor ressalta que se deve ter cuidados com as fases do desenvolvimento das crianças e que o principal foco é o de ter a preocupação nos estímulos para o desenvolvimento motor, oportunizar o conhecimento de várias atividades esportivas e só depois das vivências esportivas, respeitando as fases do desenvolvimento, devem ser iniciados os aspectos metodológicos de treinamento.

### **Organização educacional do basquetebol**

Para que exista uma melhor compreensão sobre a diversidade dos ambientes onde o basquetebol é ofertado, será descrita uma breve explicação dos locais onde acontecem os esportes, iniciando pela escola. A escola é admitida como o contexto importante de prática esportiva na fase do adolescente, seja na educação física ou no contraturno escolar, porém existem diversos ambientes ligados ao esporte. São eles os ambientes da educação formal, da educação informal e da educação não formal (PAES; LIBÂNEO, 2010).

A educação informal tem seus espaços educativos marcados e referenciados nacionalmente, local, idade, sexo, etc., especificamente a casa onde mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que frequenta, a igreja ou local religioso a que se vincula,

sua crença religiosa (SZEREMETA, 2018, p. 19). Pode-se citar ainda, no âmbito informal, os clubes, em que a criança deve receber um tratamento único, pedagógico, semelhante ao que receberia na escola, aliado a um sistema planejado, de acordo com Oliveira e Paes (2012), em que são compreendidas as sequências esquematizadas da idade biológica, idade escolar, idade cronológica, etapas do desenvolvimento e suas fases. Nota-se a importância de seguir sistematicamente as sequências, respeitando-as, pois caso as etapas do ensino aprendizagem sejam fragmentadas no sentido de não cumpridas é possível que surjam prejuízos no processo final, já que cada fase é específica a uma etapa do desenvolvimento (OLIVEIRA; PAES, 2012).

Para compreender mais sobre os ambientes formais e informais, Gaspar (2005) elucida que a escola da vida são os ambientes informais relacionados à educação, sendo que estes ambientes não necessariamente estão ligados a instituições de ensino, não sendo obrigatório existir um plano sistematizado, ou seja, o crescimento do adolescente em suas competências socioeducacionais acontece devido às interações socioculturais (LIBÂNEO, 2010). No quadro 2 destaca-se o quanto é necessário que exista um programa educacional para o esporte planejado, aliado a uma metodologia adequada para a especialização no basquetebol.

Quadro 4 - DESENVOLVIMENTO E APERFEIÇOAMENTO ESPORTIVO

Idade Biológica	Idade Escolar	Idade Cronológica	Etapas do desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivos	Fases do desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo
<b>Infância</b>	Anos iniciais do ensino fundamental (1º-5º ano)	6-10 anos	<b>Iniciação</b>	Conhecer brincando
<b>Adolescência inicial</b>	Anos finais do ensino fundamental (6º-7º anos)	11-12 anos		Aprendizagem inicial
<b>Adolescência mediana</b>	Anos finais do ensino fundamental (8º-9º ano)	13-14 anos		Automatização e refinamento
<b>Adolescência final</b>	Ensino médio (1º, 2º e 3º anos)	15-17 anos	<b>Especialização</b>	Aperfeiçoamento inicial
<b>Idade Adulta</b>	Ensino superior	18-20 anos		Aperfeiçoamento profundo
		Acima de 20 anos		Manutenção da performance

Fonte: Oliveira e Paes (2012).

A fase de conhecimento do jogo pela brincadeira pode ser entendida por Oliveira e Paes (2012). Ela corresponde aos anos iniciais, do 1º ao 5º ano, do ensino fundamental, atendendo crianças de 7 a 10 anos que estão aprendendo sobre o jogo com o foco lúdico envolvido pelo prazer do esporte, participativo e harmonioso, a fim de elencar as práticas do esporte, estimulando os pensamentos táticos.

Todas elas devem ter acesso ao entendimento de como acontecem as brincadeiras, influenciando positivamente o processo de ensino e aprendizagem. Ainda se percebe que não é apropriado acontecer frequentemente competições antes dos 12 anos, pois as crianças não estão preparadas para fazer os gestos técnicos do basquete de forma específica, porém a atividade física, ainda que seja de forma lúdica, é de extrema importância para seu desenvolvimento, com claros objetivos de prevenção ao sedentarismo, tão discutido em diversos estudos.

Segundo Alves e Lima (2008), a atividade física leve a moderada tem efeito benéfico sobre o crescimento estatural e o desenvolvimento ósseo, enquanto a atividade física intensa atenua o crescimento, podendo causar atraso puberal e diminuição da mineralização esquelética.

A fase de aprendizagem inicial dos sistemas e fundamentos básicos do basquetebol apresenta, além do ensinamento deles, vários conteúdos, atendendo crianças do 6º ao 7º ano do ensino fundamental, com idade de 11 a 12 anos, que corresponde à primeira fase da puberdade, sendo apresentada como a fase I, que visa a estimulação do desenvolvimento motor por intermédio de atividades variadas, mas ainda não específicas.

A fase de aprendizagem II, por sua vez, dá início a diversas modalidades desportivas, dentro de suas particularidades. Objetivando compreender e aproximar os atletas federados que participam de competições estaduais, seu planejamento, sua idade, maturação e tempo podem seguir um programa organizado, sendo elucidado primeiro pelas categorias que compõem as competições da Federação Paranaense de Basquetebol (Sub-12, 13, 14, 15, 16, 17 anos) e que podem seguir um planejamento pedagógico desenvolvido por Oliveira e Paes (2012), com intenções da não precocidade, idade x maturação, não especialização e iniciação x especialização, fatores que podem ajudar no processo de desenvolvimento natural e sistêmico do

basquetebol, ocasionando a evolução com menores chances de detrimientos por não respeitar a idade e o tempo natural de cada criança/adolescente.

Entende-se que se requer um programa orientado com base no modelo referente ao esporte culturalmente determinado. Neste viés, torna-se necessário, para a prática dos jogos desportivos coletivos, uma sistematização dos conteúdos, na qual os professores desempenham um papel protagonista no processo de aprendizagem e na busca de rendimento.

Esse rendimento vem na fase de especialização, aos 15 anos, idade que corresponde ao 1º ano do ensino médio, até o 3º ano, completando 17 anos de idade, fase de fundamentos refinados do esporte, coordenação das mais variadas, desde o processo de iniciação até o processo final de especialização, domínio do corpo e o físico formado atentando para o suporte de cargas emocionais, psicológicas e físicas. A partir deste momento, o planejamento de ensino passa a ser principalmente fechado (GALLAHUE; OZMUN, 2001), e a especialização passa a ser o foco.

Da mesma maneira, o volume e a intensidade dos treinamentos se especificam para o esporte escolhido, e as capacidades devem ser aumentadas gradualmente. Assim, o desenvolvimento das capacidades físicas, da resistência de velocidade e da força devem ter ênfase no treinamento.

Em vista do processo de treinamento do basquetebol, estamos em consonância com Oliveira e Paes (2012), que dimensionam um quadro complexo, importante, que orienta o professor/técnico a ter um programa planejado para a execução das atividades bem ou mal planejadas, sendo que esta pesquisa se correlaciona com o quadro explicativo dos possíveis ganhos de uma atividade estruturada e os riscos de uma atividade mal planejada em alguns aspectos físicos.

O quadro 4 foi desenvolvido por divisões e sistemas, como a idade, tempo e método para que o adolescente possa desenvolver-se com menor risco de maior ganho em todos os processos, desde a iniciação até a espacialização. O contrário disso se deve em decorrência de uma forma pedagógica equivocada do ponto de vista da metodologia do esporte, e que, se for mal planejada, poderá trazer prejuízo a saúde, enquanto a bem planejada poderá trazer benefícios, compreendida pelo

quadro 2 com riscos e benefícios da atividade esportiva. A ideia de interação dos estudos do quadro 01, Oliveira e Paes (2012), e do quadro 02, Alves e Lima (2008), período do desenvolvimento e aperfeiçoamento esportivo, é dar a importância que existe de um planejamento a seguir e que o fato de não segui-lo pode trazer prejuízo e o fato de segui-lo pode trazer ganhos nos diversos aspectos do desenvolvimento físico.

Observa-se em outro estudo, no quadro 2, alguns riscos e benefícios. Riscos, no caso, se não existir uma metodologia apropriada, e benefícios se essas metodologias acontecerem na especialização do esporte de uma forma planejada e organizada.

Quadro 5 - BENEFÍCIOS E RISCOS ASSOCIADOS A CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA PARTICIPAÇÃO EM ESPORTES

BENEFÍCIOS	RISCOS
Promoção de crescimento físico	Lesões musculares
Estímulo do desenvolvimento motor	Trauma
Benefício cardiovascular	Osteocondrose (apófise de tração)
Efeito positivo no perfil lipídico	Fratura
Redução do risco de diabetes melito tipo 2	Disfunção menstrual
Incremento da massa óssea	Escoliose
Aumento da força e massa muscular	Tendinite
Trabalho em conformidade com a idade; Intensidade de acordo com a maturação; (Pedagogia do esporte) Respeito às cargas; Respeito aos trabalhos lúdicos devido à idade; Respeito à especialização e seu tempo adequado à idade.	(Exercícios mal planejados não respeitando as fases do desenvolvimento)  Nenhum respeito às cargas;  Atividades especializadas esquecendo a ludicidade, idades não compatíveis;  Especialização em desacordo com a fase da idade cronológica.

Fonte: Alves e Lima (2008), adaptado pelos Autores (2023).

O quadro 5 objetivou a compreensão de que existe, segundo a pedagogia do esporte, a produção de um sistema adequado aos vários fatores do desenvolvimento do adolescente, e que devem ser seguidos de perto, observando neste caso o

desenvolvimento dos aspectos físicos e proporcionando no ensino do esporte ou de uma atividade física mais ganhos do que perdas ocasionadas por um sistema adequado, ou mais perdas do que ganhos ocasionados por um sistema falho.

Quadro 6 - ANALOGIA AO PLANEJAMENTO EQUIVOCADO DOS ESPORTES COLETIVOS

PLANEJAMENTO EQUIVOCADO	
EFEITO DA IDADE RELATIVA	
Dirigente querendo o título	
Pais fazendo pressão!	
Nasceu em dezembro	Nasceu em janeiro
<b>CRIANÇA DE 10 ANOS</b>	<b>CRIANÇA DE 10 ANOS ALTA</b>
1,50 de altura	1,80 de altura
Eleito à posição fixa de armador	Eleito à posição fixa de pivô
Especialização precoce	Especialização precoce
Treinos excessivos	Treinos excessivos
<b>ADOLESCENTE COM 15 ANOS</b>	<b>ADOLESCENTE COM 15 ANOS</b>
1,90 de altura	1,83 de altura
Armador alto no basquete e tem destaque na equipe	Tem dificuldades e atuar em outras posições
Está cansado de tanto treino	Está cansado de tanto treino
<b>ADOLESCENTE COM 17 ANOS</b>	<b>ADOLESCENTE COM 17 ANOS</b>
Não joga mais devido ao estresse dos treinos	Parou de jogar pois está baixo para a posição pivô
<p><b>Chances de frustração durante o processo!</b>                      O técnico/professor não entende a maturação!                      Importante entender a maturação, pois é possível que os nascidos em janeiro nesta fase da vida poderão ter uma melhor performance do que quem nasce em dezembro.</p>	

Fonte: Paes (1997), Gallahue e Ozmun (2001), Bompa (2002), Oliveira e Paes (2012), Rose Júnior *et al.* (2009). Adaptado pelos Autores (2023).

O quadro 6 elucida um sistema de compreensão equivocada para recrutação de novos praticantes de basquetebol, pais fazendo pressão, diretores esportivos tendo objetivos apenas de sucesso, a má compreensão da pedagogia do esporte onde não se investe no tratamento individualizado, não entendendo a carga, fator idade, maturação, poderá interferir ao longo deste processo, ocasionando no adolescente

estresse, fatores físicos de desgaste, podendo levá-lo ao fracasso não pela falta de talento, e sim pela conduta equivocada (PAES, 1997; GALLAHUE; OZMUN, 2001; BOMPA, 2002; OLIVEIRA; PAES, 2012; ROSE JÚNIOR *et al.*, 2009).

Quadro 7 – ANALOGIA SEGUNDO A PEDAGOGIA DO ESPORTE

PEDAGOGIA DO ESPORTE	
EFEITO DA IDADE RELATIVA	
Dirigente querendo a promoção do esporte!	
Pais colaborando com o projeto!	
Nasceu em dezembro	Nasceu em janeiro
<b>CRIANÇA DE 10 ANOS</b>	<b>CRIANÇA DE 10 ANOS ALTA</b>
1,50 de altura	1,80 de altura
Joga em todas as posições	Joga em todas as posições
Iniciação precoce	Iniciação precoce
Treinos adequados a idade	Treinos adequados a idade
<b>ADOLESCENTE COM 15 ANOS</b>	<b>ADOLESCENTE COM 15 ANOS</b>
1,90 de altura	1,83 de altura
Entende o jogo em todas posições	Entende o jogo em todas posições
Tem motivação para o treino	Tem motivação para o treino
<b>ADOLESCENTE COM 17 ANOS</b>	<b>ADOLESCENTE COM 17 ANOS</b>
Está plenamente fundamentada e sabe suas condições em se profissionalizar ou seguir em diante no esporte.	Está plenamente fundamentado e sabe suas condições em se profissionalizar ou seguir em diante no esporte.
<b>Menores chances de frustração durante o processo!</b>	
Chances de frustração durante o processo são reduzidas! Entende a maturação.	
Importante entender a maturação e saber equilibrar o tempo de evolução para cada indivíduo, sabendo que nesta fase da vida alguns podem estar à frente pela questão temporal momentânea.	

Fonte: Paes (1997), Gallahue e Ozmun (2001), Bompá (2002), Oliveira e Paes (2012), Rose Júnior *et al.* (2009). Adaptado pelos autores (2023).

No quadro 7 nota-se a recrutação adequada segundo a pedagogia do esporte, pela compreensão da idade, os pais motivando os filhos, os diretores preocupados com a promoção do esporte, e todo o processo de ensino/aprendizagem em prol de

um aluno com entendimento das posições do jogo de basquete, ser armador, ser ala ou ser pivô, um aluno motivado a continuar treinando dentro das cargas, respeitando a idade até o final de sua especialização, o caminho do sucesso, mas não o sucesso de tornar-se um jogador de basquetebol, mas o sucesso de escolher para onde ir dentro do esporte (PAES, 1997; GALLAHUE; OZMUN, 2001; BOMPA, 2002; OLIVEIRA; PAES, 2012; ROSE JÚNIOR *et al.*, 2009).

**CAP**  
**03**

**AUTOCONCEITO,  
AUTOEFICÁCIA  
E QUALIDADE  
DE VIDA**



## Autoconceito e Autoeficácia

Os termos AC e AE são importantes para a pesquisa em qualidade de vida, pois o AC é uma visão de si próprio, de se enxergar perante um sujeito em relação ao qual ele se espelha como o ideal, como ele poderá agir e tomar decisões (SERASSUELO JÚNIOR *et al.*, 2012). A AE está ligada aos aspectos psicológicos e físicos, além da semelhança de ambos com o ambiente físico, uma vez que trabalha com a capacidade do indivíduo realizar tarefas ela é compreendida como a forma pela qual o indivíduo lida com diversas situações tendo convicção de sua capacidade para tomar decisões e agir da melhor forma possível, buscando resolver o problema sem se omitir, podendo obter sucesso na execução (BANDURA, 1997).

É importante comentar que a infância é um celeiro de novas experiências e que nela muitos aspectos psicológicos são formados. Neste caso destaca-se em acordo com os autores Serassuelo Júnior *et al.* (2012) a forma pela qual o aluno se vê, seu peso dentro de uma imagem que ele formou nesse ambiente frequente dos adolescentes, ao mesmo tempo a forma que este aluno tem sucesso em suas tarefas, sejam elas educacionais ou esportivas, pois só o fracasso traz consequências em suas percepções, o fracasso aliado ao sucesso e às vitórias diárias de um adolescente traz outras percepções que podem ser compreendidas pelos autores que tratam o AC e a AE, além de que no processo final estes aspectos psicológicos podem vir a influenciar em outros. Ter um AC, conseguir enxergar a si próprio, ter um olhar positivo poderá promover um impacto na motivação dos alunos e deste modo possibilitar melhor rendimento escolar (GASPAROTTO *et al.*, 2018).

Monteiro (2012) tem a compreensão de que o AC é um construto que conecta aspectos cognitivos e comportamentais, sendo multidimensional; quanto à autoestima, ela parece estar limitada a um componente afetivo, unidimensional. Para García, Musitu e Veiga (2006), o AC pode ser definido, de forma ampla, pela imagem e concordância do indivíduo consigo mesmo, localizando-se sempre em um *continuum* conectado ao bem-estar e a seu oposto. Pesquisas direcionam que o impacto do AC positivo promove relações positivas com as outras pessoas e implica

diretamente no bem-estar (CASAS *et al.*, 2007; MARTÍNEZ ANTÓN; BUELGA; CAVA, 2007).

Santos (2008) concluiu que “o desporto valoriza socialmente o homem, proporciona uma melhoria do seu AC, e a aprendizagem de uma modalidade esportiva constitui uma das mais significativas experiências que o ser humano pode viver com o seu próprio corpo”. O AC a se discutir nos ambientes acadêmicos os relaciona a fatores físicos, sociais e espirituais (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002).

Abruzzo (2016) demonstrou o impacto da participação dos estudantes em atividades extracurriculares oferecidas pela escola. Neste estudo, o exercício da atividade esportiva continuada e a participação em outras atividades reunidas em contraturno, como música, teatro, entre outras, incorporadas ao AC, explicaram mais de um terço da variância dos resultados acadêmicos de estudantes norte-americanos.

Estudiosos destacam o esporte como ambiente propício para a construção do AC, o que, por consequência, melhora o desempenho escolar. Diversos promotores científicos expõem inclusive que o AC pode ser o principal construto afetivo-emocional conexo com o sucesso acadêmico (PEREIRA; CIA; BARHAM, 2008).

Nos estudos de Castejón *et al.* (2016), comparando-se os estudantes de alto rendimento acadêmico com os de baixo e médio desempenho, os autores dão a entender que o desempenho de sucesso dos estudantes se dá pela diversidade de táticas de aprendizado que foram utilizadas.

Entender o porquê de tal rendimento escolar, se é baixo, médio ou alto, pode ser mais compreendido na sugestão dos autores que citam uma investigação para identificar se o menor AC acadêmico é relacionado ao baixo AC acadêmico e pessoal.

Gasparotto *et al.* (2018) compreendem que existem outras variáveis que podem influenciar o AC e outras que não influenciam, porém podem estar entrelaçados ao desempenho escolar ligado a uma ação positiva do aluno abordando o sucesso e a capacidade dos filhos em favorecer o desenvolvimento de um AC acadêmico elevado, aliado a uma motivação interior e exterior para os trabalhos escolares, determinando, em parte, o desfecho acadêmico. No entanto o relacionamento familiar não teve ligação direta com o rendimento acadêmico, como ocorreu com o AC.

Ainda o autor comenta sobre a conexão que relaciona o AC e desempenho acadêmico mostrou-se sólido e se confirmou em nove dos 10 trabalhos pesquisados. Outras variáveis também se exibiram importantes na contextualização do desfecho do rendimento acadêmico, tais como a motivação acadêmica, a prática de atividades extracurriculares, a AE acadêmica e a inclusão dos pais. AE que se envolve diretamente a execução da tarefa, bem-sucedida ou malsucedida que poderá influenciar nas outras variáveis.

As competências psicológicas podem provocar ganhos no processo de aprendizagem em termos cognitivos, comportamentais, motivacionais, que segundo Zimmerman (2008) desenvolve o processo autorregulado que se dá por uma auto competência e intermediam entre as competências psicológicas e o aparecimento de tais capacidades no desempenho acadêmico.

Segundo Lone & Lone (2016) apontam correlacionando a identificação do AC e o ganho acadêmico, deve-se levar em conceito o sistema escolar planejado feito pela instituição, em que se dê chances de atividades conduzidas e lúdicas fora e na escola, que dê a direção do crescimento do AC, ainda no ambiente escolar, criem-se oportunidades dos alunos participarem de formas semelhantes, já a família mostra-se com o papel de dar suporte em um ambiente favorável à liberdade de expressão de suas sensações emocionais e sentimentais.

Existem diversos fatores psicológicos, um deles, em harmonia com o AC, é a AE, e pode ser compreendida pela literatura. São várias as formas pelas quais a pessoa exerce influência sobre suas atitudes. A mais importante refere-se às crenças de AE, que são definidas como a confiança na capacidade pessoal para organizar e executar certas ações (BANDURA, 1986). O autor ainda a chama de “eficácia coletiva”. Trata-se de um elemento importante na manutenção dos compromissos dos membros da equipe, o que também pode aumentar o sentimento de eficácia pessoal, especialmente se as ações são vistas como bem-sucedidas.

Bandura (1997) já ressaltava que a materialização das coisas acontece de antemão por se ter uma AE elevada, diferente de quando se tem uma baixa AE, quando se busca atingir objetivos mais simples e não se pensa em objetivos mais complexos. Os autores discutem que a capacidade de discernir, dar profundidade às

ações e integrar arquivos de informação de eficácia aumenta com o desenvolvimento de habilidades cognitivas para o processamento de informação.

O fator psicológico vem sendo cada vez mais estudado. Existem estudos e teorias, as “universais”, como a motivação da AE, que focam diretamente no conceito de motivação intrínseca e mostram o tema de satisfação pela vida (REEVE; COLE; OLSON, 1986). A teoria da autodeterminação e competência segue a vertente de três princípios incentivadores de necessidades primárias e universais: autonomia, capacidade e relação social, que parecem ser importantes para ajudar no ótimo funcionamento das tendências naturais para o desenvolvimento social e o bem-estar (DECI; RYAN, 2000).

No trabalho de Diotauti (2017) é apontada uma influência positiva no prazer da atividade esportiva realizada, trata-se de uma de suas fontes juntamente com investimento pessoais, alternativas de envolvimento, restrições sociais. É importante mencionar outros esportes que foram submetidos a estudos envolvendo a AE, dada a sua importância como fator de percepção do que ela representa Tejero-González *et al.* (2016) pontua que fatores ambientais atuam como facilitadores ou inibidores da prática físico-esportiva, após interagir com atitudes, condições de saúde, motivação, idade, gênero e percepção de AE do participante.

Ainda na compreensão de Tejero-González *et al.* (2016), o efeito que favorece sobre a própria percepção da vida é um aspecto tão saliente como a própria mobilidade, e vimos que tal efeito vem sendo evidenciado e potencializado no presente estudo.

Em relação às variabilidades de AE do basquete em cadeira de rodas, os jogadores declaram uma percepção elevada da AE que está em consonância com as ideias apontadas nos estudos anteriores. No julgamento de Tejero-González *et al.* (2016), o trabalho quanto a valores elevados da AE na percepção da AE em atletas de basquete em cadeira de rodas, compreende-se que a prática esportiva exerce um efeito positivo sobre a própria percepção de competência em um aspecto tão relevante como a própria mobilidade.

Múltiplas formas de pensar sobre a AE e de observar estudos importantes na literatura sobre o sexo feminino e atletas. Breton Prats (2017) salienta que o estudo com o basquete da categoria cadete feminina tem sido objeto de estudo, análises e novas perspectivas (DÍEZ-FLOREZ; ZUBIAUR; REQUENA, 2014), existindo um aparente interesse por conhecer diferentes aspectos dessa prática, alguns aspectos analisados desde aspectos técnicos, táticos (GÓMEZ *et al.*, 2013).

Há indicações de que os esportistas que estão com baixa resiliência se encontram mais vulneráveis psicologicamente aos desafios e adversidades que existem para um atleta com maior capacidade de superar cargas (CUBEROS *et al.*, 2016, tradução nossa). Todos estes aspectos são prováveis que exista impacto na QV do atleta.

## **Qualidade de vida**

Iglesias (1992) já relatava que as pessoas têm percepções únicas e particulares sobre seus objetivos de como encarar a vida, portanto é de cada um julgar o quanto conseguiu alcançar suas perspectivas em relação a todos os problemas encontrados. Assim, a QV está mais relacionada a parâmetros individuais, como a percepção do bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais que modificam ou não o ambiente e que caracterizam a forma como vive o indivíduo.

Forattini (1992) também discute que a QV é difícil de ser definida e por isso é muito mais difícil de ser mensurada. Seu estudo prevê que para estimar a QV será necessária a junção de vários dados que resultariam em medidas que de forma genérica poderiam ser objetivas ou subjetivas. A QV apresenta-se de forma subjetiva para a sociedade, sendo diferente de pessoa para pessoa, pois depende do entendimento individualizado de cada um de como é sua vida. O termo QV é abrangente, não se limitando à condição de saúde do indivíduo e intervenções médicas (BULLINGER *et al.*, 1993).

Compreender a QV é complexo, pois o conceito é interpretativo devido aos fatores individuais do ser humano. Pode-se falar que a qualidade de vida (QV) é

entender, compreender e sentir satisfação pela vida (FERRANS, 1996), ter um bem-estar contínuo e prazeroso (ZHAN, 1992). Podemos observar que não existe um conceito específico prático para o termo QV, ela também pode ser relacionada com a saúde (QVRS), desde que seja observada em escala multidimensional, abrangendo domínios físicos, psicológicos, sociais e espirituais da vida (FLECK; 2000; EISER; MORSE, 2001). A QV sendo relacionada com diversos aspectos como lazer, ambiente do trabalho, familiar e também com a prática de atividade física.

Os estímulos para se praticar atividade física são baseados em uma tática escolar, sendo considerada positivamente correlacionada à melhoria e controle da glicemia, bem como à colaboração das boas funções cardiovasculares e da composição corporal (CARREL *et al.*, 2005). Tani (2002) diz que, à figura da QV se relacionam determinados aspectos de nossas vidas, como a felicidade, o amor e a liberdade; mesmo anunciando sentimentos e valores difíceis de serem compreendidos, não se tem dúvida quanto a sua importância. Ela une diferentes projeções de como compreender a vida; cito a felicidade, o lazer, a saúde, uma condição financeira estável, entre outros aspectos nos atletas (CIA; BARHAM, 2008).

Um agravante para se ter QV é diretamente ligado às condições de saúde do ser humano, pois sem saúde as pessoas tendem a ter mais sofrimento podendo causar desequilíbrio à QVRS, porém evidenciar que a saúde não é apenas um termo superficial “não somente como ausência de doenças ou enfermidades, mas, sobretudo, como um estado favorável de bem-estar” (GUEDES; GUEDES, 2011).

A saúde está intensamente sofrendo influências de seus categóricos e nomeados fatores: pessoais, hereditários; estilo de vida; sociais; comunitários; condições de vida e de trabalho; e socioeconômicos, ambientais e culturais Segundo Florindo e Ribeiro (2009), a atividade física não pode ficar de fora do desenvolvimento da criança e do adolescente, sendo seus benefícios oriundos da prática na infância.

Outro ponto a ser discutido com a relação à QV são as condições nutricionais que afetam diretamente todo estado metabólico dos adolescentes e as mudanças dos estados nutricionais desta população, a atividade física poderá ser necessária para se ter uma manutenção da saúde nos momentos da infância e da adolescência. De

acordo com Rose Júnior *et al.* (2009), “a obesidade é considerada um dos principais problemas de saúde pública de crianças e adolescentes de países como o Brasil”.

Rose Júnior *et al.* (2009) ressalta que nas últimas décadas foram realizados diversos estudos que puderam constatar em investigações os efeitos da atividade física no sentido de prevenção a doenças crônicas ou mesmo reabilitação e seus fatores de risco na infância e na adolescência.

“As atividades físicas na adolescência melhoram a aptidão cardiorrespiratória e a força muscular” (FLORINDO; RIBEIRO, 2009, p. 32). As interações de todos estes fatores fazem com que as experiências de vida das pessoas tragam uma percepção da QV praticamente única para cada indivíduo, e assim não se pode julgar que o que seja QV para uma pessoa seja a mesma QV para outra pessoa. O envolvimento integral com a atividade física reduz a chance de ter diversas doenças do coração e sobrepeso, e também afeta os aspectos cognitivos psicológicos nesta fase da adolescência em pleno processo de desenvolvimento (ARAUJO; ARAUJO, 2000).

A cada ano que se passa toda a população do planeta vem sofrendo influência pela forma de que a pessoa vive, se alimenta, não sendo diferente com a criança e o adolescente. Existe uma prevalência de excesso de peso nesta população de 6 anos a 18 anos, e este estudo é muito significativo, pois foi observado que na década de 70, eram 4% e agora chegou a 13% desta população (1997) com sobrepeso, ou seja, um aumento descontrolado (HAYNES *et al.*, 2009).

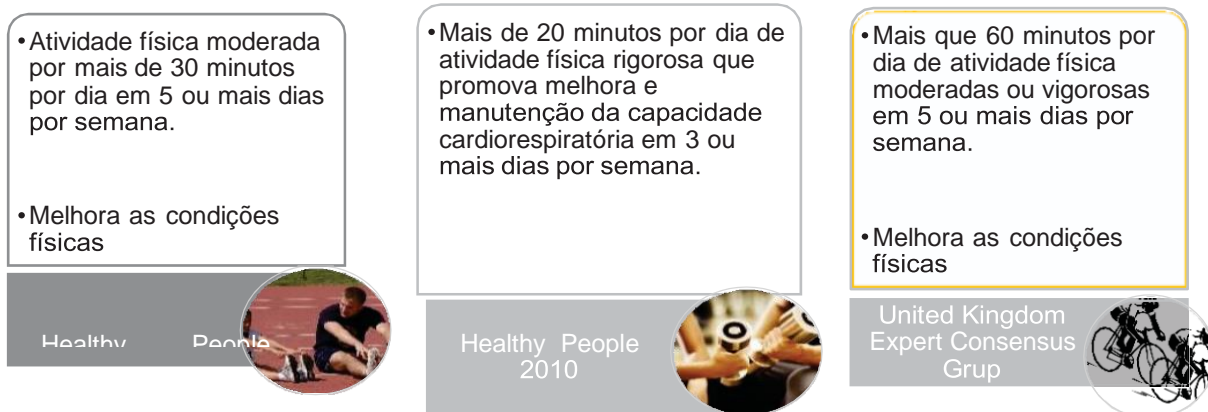
A saúde é considerada em conjunto ao bem-estar em seu estado completo, mental e social, não se nota apenas a ausência das doenças ou graves enfermidades. Ter prazer do melhor estado de saúde que é possível de chegar constitui um dos direitos necessários de todo o ser humano, sem diferenças raciais, religiosas, políticas, econômicas ou sociais. Saúde é essencial para todos para que se consiga paz e segurança e depende da mais fina união dos indivíduos e dos Estados (VITURAL, 2019). Sendo a QV considerada como um conceito muito amplo, incorporando, de forma complexa, a saúde física, o estado psicológico, o nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e a relação com aspectos significativos do meio ambiente (FLECK *et al.*, 2009).

Esses eventos são importantes para reduzir-se o tempo gasto em frente à uma televisão e para somar no gasto energético diário por meio de eventos esportivos, físicos, recreativos que são importantes no combate à obesidade e para crianças e adolescentes utilizando projetos baseados na escola, podendo assim gerar mais QV (ROBINSON, 2003).

A atividade física praticada por adolescentes pode ser um panorama de como uma atividade é importante para as promoções da saúde e a manutenção das capacidades físicas (PEREIRA, 2013). Segundo Florindo e Ribeiro, “problemas comuns em adultos, como pressão arterial elevada, estão começando a aparecer já nos adolescentes” (2009). Percebe-se que Missias-Moreira e Valentim (2018) aponta a QV e a saúde como aspectos densamente conectados, aparecendo como dois conceitos que não dependem um do outro, pois se há muito tempo a saúde era observada numa perspectiva dualista de saúde e doença, nos dias de hoje ela aparece como um contínuo, constituindo um recurso para o dia a dia. A QV é um termo mais recente, está relacionado às formas em que a pessoa vive, às condições, e como ela entende saúde, além de áreas não relacionadas com a saúde.

Segundo OPAS (2019), “A adolescência (10 a 19 anos) é um momento único, que molda as pessoas para a vida adulta. Enquanto a maioria dos adolescentes tem uma boa saúde mental, múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais, incluindo a exposição à pobreza, abuso ou violência, podem tornar os adolescentes vulneráveis a condições de saúde mental. Promover o bem-estar psicológico e protegê-los de experiências adversas e fatores de risco que possam afetar seu potencial de prosperar não são apenas fundamentais para seu bem-estar, mas também para sua saúde física e mental na vida adulta”.

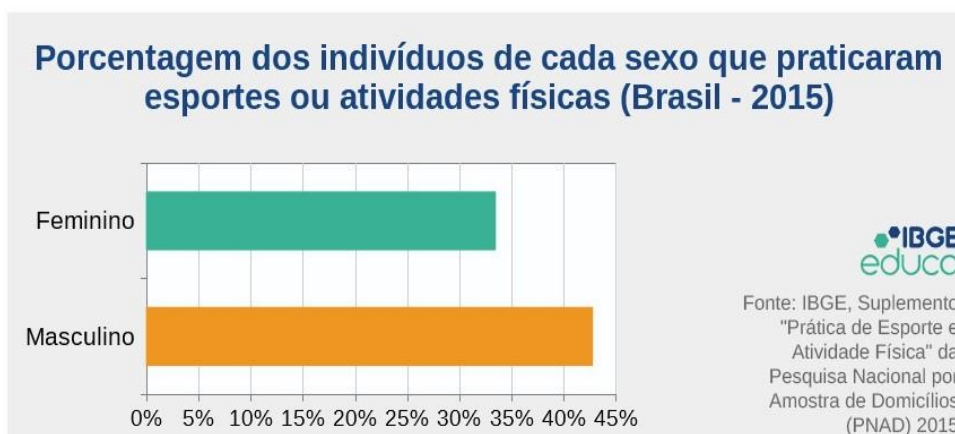
Figura 1 - RECOMENDAÇÕES DE ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA PELO AUTOR



Fonte: Rose Júnior, 2009, p. 27, adaptado pelos Autores (2023).

A figura acima, destaca-se o quanto a atividade física/esportiva pode ajudar na melhoria das capacidades físicas do adolescente no período da escola ou do clube, em ambientes formais ou informais, pois a atividade em vários níveis faz bem para a manutenção física, a figura traz um resumo de atividade moderada até uma atividade com maior intensidade, mas prevalecendo os fatores positivos de sua prática, desde o nível menor até o maior, despontando que é importante ser ativo fisicamente.

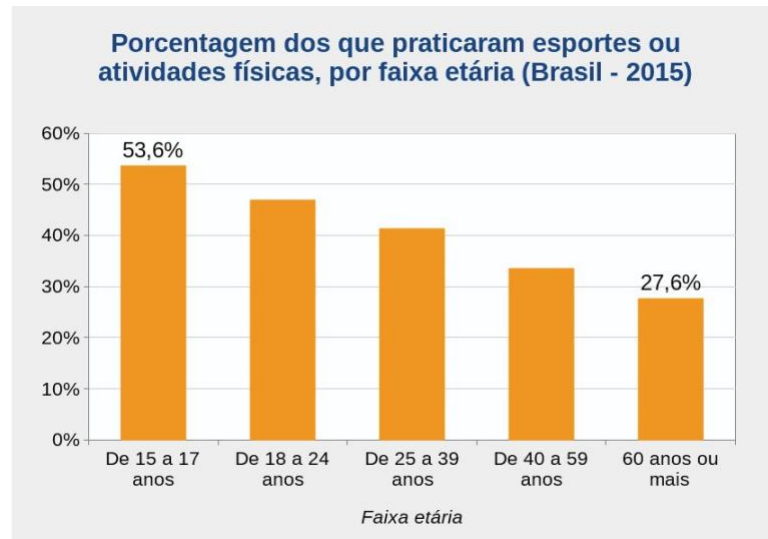
Figura 2 - PORCENTAGEM DE PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA NO BRASIL



Fonte: (IBGE, 2015)

Pesquisa do IBGE (2015) que aponta a diferenças de praticantes de atividade física no Brasil destacando a maior proporção para o sexo masculino.

Figura 3 - PORCENTAGEM DE PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA NO BRASIL POR IDADE



Fonte: (IBGE, 2015)

A figura 3 mostra que indivíduos de 15 a 17 anos estão praticando atividades físicas com diversos objetivos, lazer, esportivo e também em busca da QV aliado ao bem-estar com uma % maior que as outras faixas etárias (IBGE, 2015).

CAP  
04

# PESQUISA EMPÍRICA



Esta obra retrata um estudo quantitativo de cunho transversal com delineamento descritivo de correlação, com participantes selecionados aleatoriamente (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). Segundo Creswell (2010), “é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis”. Os dados foram coletados por meio dos instrumentos: KIDSCREEN-52, Escala Multidimensional de Autoconceito AF5 e Escala de Autoeficácia.

O estudo quantitativo é quando o investigador argumenta com fatores pós-positivistas para o processo de conhecimento e faz uso de metodologias para a investigação de caráter científico, como é nesta obra o caso do levantamento e de informações a partir de instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos (CRESWELL, 2007).

Sampieri *et al.* (2013) acrescentam os estudos quantitativos como processos investigatórios que têm como a coleta de dados fator de processo para avaliar possíveis hipóteses, tendo como base a mensuração numérica que por meio de análises estatísticas irá apresentar padrões que comprovem a eficiência das teorias, permitindo ter uma reflexão para comparar os resultados, além de evidenciar estudos semelhantes.

## **Planejamento da abordagem dos dados**

De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2007), os estudos correlacionais objetivam examinar a relação entre as variáveis escolhidas, porém não podem presumir uma relação de causa e efeito. As variáveis do estudo que serão correlacionadas estão descritas nos resultados que apresentaram informações e interpretações geradas pelos instrumentos que avaliaram os aspectos da AE, AC e QV.

## População/amostra

Foram demonstrados os dados do número de praticantes de basquetebol de clubes, escolas da prefeitura de Curitiba que ensinam ou proporcionam um espaço para se jogar basquete. Equipes que participam do Campeonato da Federação Paranaense de Basquete da cidade de Curitiba, Campeonato Escolar. Para o entendimento foram construídas tabelas explicativas em que consta a quantidade de praticantes de basquetebol da cidade de Curitiba nos ambientes formais (escolas) e informais (clubes).

Estão expostos neste livro os projetos de basquete da prefeitura de Curitiba, escolas públicas, escolas do setor privado, clubes da cidade de Curitiba envolvidos na modalidade basquetebol, com alunos praticantes e alunos não praticantes de basquete. Com base nas informações do Núcleo Regional de Educação de Curitiba (SUED/ SEED-PR, 2018) e informações da Prefeitura Municipal de Curitiba (ICI, 2019) e clubes tradicionais, existem instituições de Curitiba que participam de competições considerando os ambientes formais, não formais e informais em diferentes idades. O foco desta obra centra-se na adolescência inserida na prática do basquetebol.

Foram entregues e recolhidos os termos de concordância, para a participação no estudo, às escolas públicas e às escolas particulares, além de clubes da cidade de Curitiba. Foram aplicados instrumentos de pesquisa com os alunos praticantes de basquetebol e alunos não praticantes. O número total de alunos masculino e feminino, classe B, 12 a 14 anos e A, 15 a 17 anos, que participaram dos jogos escolares da fase de Curitiba modalidade de basquetebol foi de  $n^0 = 264$ . Já o número de atletas federados que participaram do campeonato Paranaense de basquetebol da cidade de Curitiba de 12 a 17 anos foi de  $n^0 = 271$ , totalizando o universo de 535 praticantes de basquetebol da cidade de Curitiba.

Objetivando ter um número adequado para a amostra, o grupo de não praticantes deveria ser o mesmo dos praticantes, porém foi coletado uma amostra de 89 não praticantes

Quadro 10 - POPULAÇÃO E AMOSTRA

Praticantes/ Universo Curitiba	Não praticantes
535	535
n=197	n=89

Fonte: Elaborada pelos Autores (2023).

O quadro 10 aponta a quantidade de atletas/alunos da cidade de Curitiba que estão participando dos campeonatos escolas ou federativos de 12 a 17 anos do sexo masculino e feminino em 2019. Do outro lado, os não praticantes, que foram limitados ao mesmo número dos praticantes. Somando praticantes  $N = 535$  e não praticantes  $N = 535$  há um universo de 1070 indivíduos. Na realização do cálculo amostral com nível de confiança de 95% foi constatado que são necessários 283 indivíduos para se ter um número significativo, segundo a plataforma eletrônica de SurveyMonkey (2019).

Se o cálculo amostral usar como referência apenas o  $N = 535$ , seria necessária uma amostra de 169 indivíduos praticantes de basquetebol, mas existem os não praticantes, o qual foram delimitados pela mesma quantidade do  $N$  de praticantes,  $N=535$ . A amostra real da pesquisa selecionou 197 praticantes de basquetebol e 89 não praticantes.

## Critérios de Inclusão

Indivíduos nas faixas etárias de 12 a 14 anos e 15 a 17 anos, formalmente identificados como praticantes de Basquetebol; e indivíduos das mesmas faixas etárias não identificados como praticantes de esportes em nível de treinamento, mas sendo matriculados nas mesmas escolas; alunos/atletas do sexo masculino/feminino que estejam matriculados nas escolas coparticipantes; os responsáveis pelo adolescente autorizarem sua participação; o adolescente demonstrar desejo e

aceitação em participar do estudo; Os praticantes terem treinos no mínimo 2x na semana.

A assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento também foi considerada como critério de inclusão, pois ele deveria ser assinado pelos responsáveis dos participantes. O não cumprimento desse critério ocasionaria a substituição deles. Outro critério estabelecido foi o preenchimento total dos instrumentos, pois caso ocorresse o fato de o participante não preenchê-los totalmente, ele seria excluído da amostra final da pesquisa.

## **Critérios de Exclusão**

Indivíduos não identificados como praticantes de basquetebol, porém que fazem outras atividades esportivas formais; atletas que não tenham um termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos pais ou pelos responsáveis; atletas que se recusem a assinar o Termo de Assentimento livre esclarecido; atletas que não estejam presentes no dia e horário, previamente agendando, para a realização da pesquisa; atletas que não se enquadram na faixa etária, ou seja, menores de 12 anos e maiores de 17 anos; atletas que não estejam presentes no dia e horário previamente agendado para a realização da pesquisa.

## **Instrumentos e procedimentos**

### Ficha Descritiva

Por meio dos questionários foi diagnosticado quantitativamente: o perfil sociodemográfico (o número exato de participantes e não participantes de basquetebol do sexo masculino e feminino e o número exato de participantes envolvidos na modalidade.

**MATRIZ ANALÍTICA: DESENVOLVIMENTO DAS ETAPAS DO MÉTODO**

Quadro 11 - MATRIZ ANALÍTICA

OBJETIVO GERAL	OBJETIVO ESPECÍFICO	INSTRUMENTO DE MEDIDAS	ANÁLISE DE DADOS
	Caracterizar o perfil sociodemográfico. Caracterizar o perfil econômico	ABEP	Análise descritiva dos dados, apresentando as estatísticas básicas de média, desvios padrão e proporções para os grupos participantes
Comparar, associar e correlacionar a AE, AC e QV de jovens praticantes e não praticantes de basquetebol	Comparar o AC de jovens praticantes e não praticantes de basquetebol	Escala Multidimensional do AC (AF5)	Análise comparativa dos dados por meio de aplicação de teste T, ou seus alternativos não paramétricos como o Teste de Mann-Whitney
	Comparar a AE de jovens praticantes e não praticantes de basquetebol	Escala de AEGP	
	Comparar a QV de praticantes e não praticantes de basquetebol	Instrumentos: Kidscreen-52/ QV QQVA	
	Verificar a possível associação do autoconceito e da autoeficácia com a qualidade de vida em praticantes e não praticantes de basquetebol.	Escala Multidimensional do AC (AF5) Escala de AEGP Instrumentos: Kidscreen-52/ QV QQVA	Regressão Linear Múltipla para verificar a possível associação do AC, AE e QV em cada grupo da amostra

Fonte: Elaborado pelos Autores (2023).

## Questionário Econômico

O perfil socioeconômico dos participantes buscou informações sobre escolaridade do responsável financeiro da residência e bens possuídos, como quantidade de geladeiras, carros, televisões, banheiros e as condições da rua onde vive, para que possa ser feita a classificação dentro das classes (PILLI *et al.*, 2018).

Figura 4 - CRITÉRIO BRASIL DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA

Classe	Pontos
A	45 - 100
B1	38 - 44
B2	29 - 37
C1	23 - 28
C2	17 - 22
D – E	1 - 16

Fonte: Pilli *et al.* (2018).

## Questionário para a Escala de Autoeficácia Geral Percebida – EAGP

Foi aplicado, com os alunos/atletas, um questionário Escala de AE Geral Percebida, que se constitui de uma escala de autorrelato com 10 itens respondidos em formato Likert\*, em que as opções de resposta variaram entre 1 = Muito baixas e 5 = Muito altas. O questionário com versão brasileira (SBICIGO *et al.*, 2012) é uma tradução da EAGP do trabalho Generalized Self-Efficacy Scale.

## Questionário para o Autoconceito - AF5

Para identificar a percepção de AC dos alunos/atletas foi utilizada a Escala Multidimensional de Autoconceito – AF5. Desenvolvida por Garcia e Musitu (1999), ela foi traduzida para a língua portuguesa por Coelho *et al.* (2015). Essa escala é ideal para medir o AC em alunos com idades compreendidas entre 10 e 62 anos, e ela consta de 30 elementos formulados em termos positivos e negativos. Uma das preocupações dos autores foi a de aumentar sua validade discriminante (problema de aquiescência), e para isso propuseram uma escala de Likert com um nível de resposta que oscila de 1 a 99, sendo "1" a pontuação que designa total desacordo com a formulação do item e "99" um total acordo com ele.

A maior pontuação em cada um dos fatores mencionados corresponde a um maior autoconceito em determinado fator.

## Questionário para qualidade de vida em crianças e adolescentes

O KIDSCREEN-52, validado no Brasil por Guedes e Guedes (2011), instrumento que abarca 52 questões de múltiplas escolhas, distribuídas nas dimensões: saúde e atividade física, sentimentos, estado emocional, autopercepção, autonomia, ambiente familiar, aspecto financeiro, amigos e suporte social, ambiente escolar e bullying.

O questionário possibilita a avaliação do bem-estar e da saúde subjetiva de crianças e adolescentes. As respostas de cada item do questionário se configuram em escala Likert\*, variando de um a cinco pontos, e estão relacionadas a acontecimentos ocorridos na semana anterior à aplicação do questionário.

## Questionário para Qualidade de Vida de Atletas (QQVA)

O QQVA, desenvolvido por Cunha (2008), é um instrumento que avalia a qualidade de vida de atletas. Ele é constituído de 14 questões agrupadas em cinco fatores que influenciam a QV dos atletas no ambiente de treinamento e competição: os sinais e sintomas de supertreinamento, as condições básicas para a saúde, o relacionamento social no ambiente esportivo, os estados emocionais do atleta e o planejamento e periodização do treinamento esportivo.

### PROCEDIMENTOS E COLETA DE DADOS

- I - Definiu local/individuo – após aprovação do presente projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foram novamente contatadas todas as escolas públicas estaduais e do setor privado, escolas das prefeituras, além de clubes da cidade de Curitiba onde existem praticantes de basquetebol no ano de 2019. Em acordo com a direção da escola, centros de basquete e clubes, com os professores/treinadores e com os alunos/atletas, foram agendados os horários mais apropriados para a aplicação da pesquisa;
- II - Definiu a amostragem intencional – com todos os alunos/atletas envolvidos nas escolas ou clubes considerados praticantes de basquetebol, e alunos que não praticam de nenhuma atividade esportiva de treinamento;
- III - Coletar dados – os participantes da pesquisa foram reunidos em uma sala de aula da escola, onde lhes foram entregues os termos de assentimento. Importante mencionar que os termos de consentimento dos alunos/atletas menores de idade assinados pelos pais também foram recolhidos antes do início da coleta de dados.

Após a assinatura dos termos e do esclarecimento de todas as possíveis dúvidas geradas em relação aos objetivos da pesquisa, a coleta de dados foi iniciada.

Os questionários de pesquisa foram levados, já impressos, pelo pesquisador responsável. Os questionários e as canetas foram entregues aos alunos/atletas. A duração do preenchimento dos questionários tem um tempo estimado de 30 a 60 minutos. Registrar as informações – após o término do preenchimento dos questionários,

eles foram recolhidos pelo pesquisador e colocados em um envelope lacrado. O envelope foi devidamente identificado para facilitar o posterior armazenamento e tabulação dos dados coletados.

Solucionar questões do campo – qualquer problema referente à coleta de dados foi solucionado da melhor forma possível pelo pesquisador responsável.

Armazenar os dados – os dados estão armazenados na casa do pesquisador responsável. Somente após a coleta ser realizada em todas as escolas e clubes envolvidos é que foi iniciado o processo de tabulação dos dados.

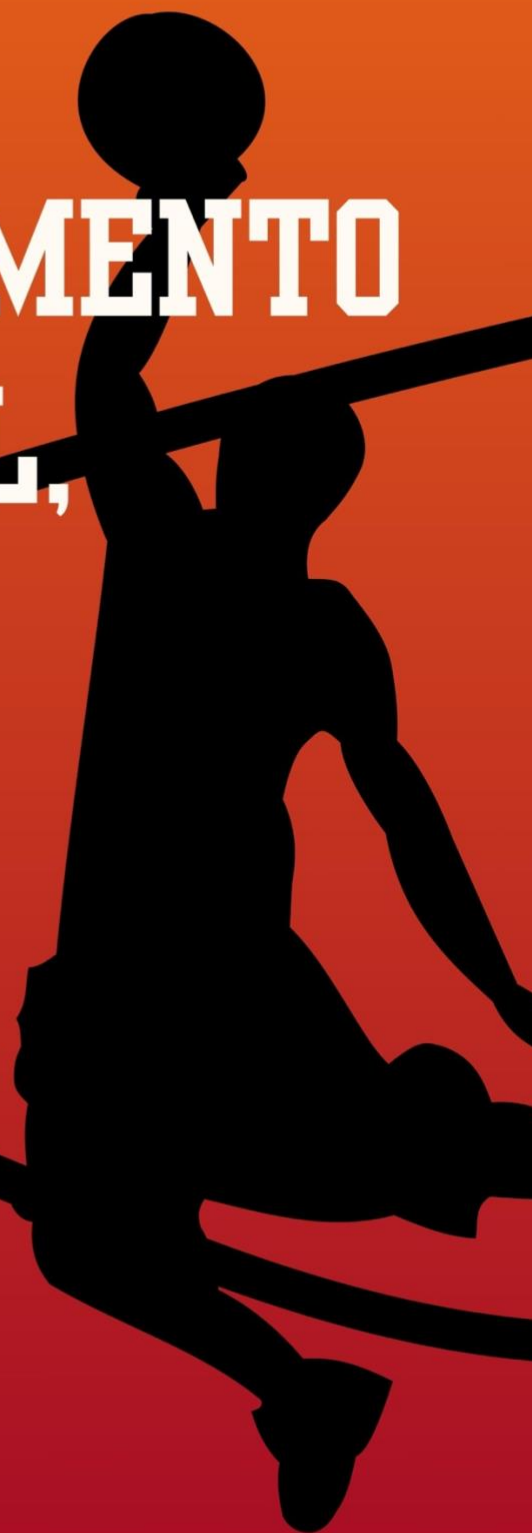
Antes dos instrumentos de pesquisa serem utilizados efetivamente, foi feito o teste piloto. Ele foi utilizado para verificar se o pesquisador é capaz de aplicar corretamente os testes e se todos os instrumentos e procedimentos funcionam como especificado (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

### **Critérios éticos do estudo**

Este projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná e aprovado pelo CEP/SD no dia 22 de abril de 2019, parecer 3275069.

**CAP**  
**05**

**DESENVOLVIMENTO  
EDUCACIONAL,  
ESPORTIVO:  
AC, AE E QV**



## Perfil da amostra

A presente obra obteve dados validados de 286 participantes com idade média de  $14,4 \pm 1,6$  anos para a amostra total, sendo de  $14,3 \pm 1,6$  anos para o grupo de praticantes de basquetebol e  $14,7 \pm 1,5$  anos para o grupo de não praticantes.

Dados sobre as características sociodemográficas dos participantes estão dispostos na Tabela 1.

A amostra total foi composta em sua maioria por participantes do sexo masculino (77,6%) e NSE A (58,7%). O grupo de praticantes foi composto em sua maioria por participantes do sexo masculino (79,7%), com faixa etária de 12 a 14 anos (55,3%) e NSE A (58,9%). O grupo de Não praticantes foi composto em sua maioria por participantes do sexo masculino (73,0%), de faixa etária de 15 a 17 anos (61,8%) e NSE A (58,4%).

Tabela 1 - CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DOS PARTICIPANTES, CURITIBA, PR (n=286).

	Total (N=286)	Praticantes (N=197)	Não praticantes (N=89)
	N (%)	N (%)	N (%)
<b>Sexo</b>			
Feminino	64 (22,4)	40 (20,3)	24 (27,0)
Masculino	222 (77,6)	157 (79,7)	65 (73,0)
<b>Faixa Etária</b>			
12 a 14 anos	143 (50,0)	109 (55,3)	34 (38,2)
15 a 17 anos	143 (50,0)	88 (44,7)	55 (61,8)
<b>NSE</b>			
A	168 (58,7)	116 (58,9)	52 (58,4)
B1	57 (19,9)	42 (21,3)	15 (16,9)
B2	44 (15,4)	26 (13,2)	18 (20,2)
C1	15 (5,3)	12 (6,1)	3 (3,4)
C2	2 (0,7)	1 (0,5)	1 (1,1)

NSE: nível socioeconômico. Fonte: Elaborada pelos Autores (2023).

## **Análise do perfil socioeconômico**

Foram analisados 197 praticantes de basquetebol de 12 a 17 anos e 89 não praticantes de basquetebol de 12 a 17 anos do sexo masculino e feminino.

A tabela 1 apontou que os praticantes de basquetebol estão classificados pela tabela ABEP (PILLI *et al.*, 2018) e foram numerados com 116 praticantes na classe A, sendo 58,9% do total de praticantes, 42 praticantes na B1, sendo 21,3%, 26 praticantes na B2, sendo 6,1% e 1 praticante na C2, sendo 0,5%. Os não praticantes, por sua vez, com 52 alunos na classe A, sendo 58,4% do total, 15 não praticantes na B1, sendo 16,9%, 18 não praticantes na B2, sendo 20,2%, 3 não praticantes na C1, sendo 3,4%, e 1 não praticante na C2, sendo 1,1%.

## **Associações do autoconceito e autoeficácia com a qualidade de vida dos praticantes de basquetebol**

Os coeficientes de regressão linear multivariável para a associação entre autoconceito e autoeficácia e a percepção de qualidade de vida dos praticantes de basquetebol estão dispostos na tabela 2.

O domínio Acadêmico de autoconceito esteve diretamente associado à Qualidade de vida Geral (Coeficiente= 0,08,  $p<0,05$ ), Família/Ambiente familiar (Coeficiente= 0,35,  $p<0,01$ ) e Ambiente escolar (Coeficiente= 0,46,  $p<0,01$ ).

O domínio Social de autoconceito esteve diretamente associado à Qualidade de vida Geral (Coeficiente= 0,11,  $p<0,05$ ), Sentimentos (Coeficiente= 0,35,  $p<0,01$ ), Autonomia e Tempo livre (Coeficiente= 0,43,  $p<0,01$ ) e Amigos e Apoios social (Coeficiente= 0,55,  $p<0,01$ ), e inversamente associada ao Estado emocional (Coeficiente= -0,38,  $p<0,01$ ).

O domínio Emocional de autoconceito esteve diretamente associado ao Estado emocional (Coeficiente= 0,20,  $p<0,01$ ) e inversamente associado a Amigos e Apoio

social (Coeficiente= -0,20,  $p<0,01$ ) e aos domínios Família/Ambiente familiar (Coeficiente= - 0,17,  $p<0,05$ ).

O domínio Familiar de autoconceito esteve diretamente associado ao domínio Família/Ambiente familiar (Coeficiente= 0,23,  $p<0,01$ ).

O domínio Físico de autoconceito esteve diretamente associado aos domínios Saúde e Atividade física (Coeficiente= 0,23,  $p<0,01$ ), Sentimentos (Coeficiente= 0,35,  $p<0,01$ ), Família/Ambiente familiar (Coeficiente= 0,32,  $p<0,01$ ) e Financeiro (Coeficiente= 0,29,  $p<0,05$ ), e inversamente relacionado ao Estado emocional (Coeficiente= -0,40,  $p<0,01$ ).

A autoeficácia esteve diretamente relacionada à Qualidade de vida geral (Coeficiente= 0,30,  $p<0,01$ ), Saúde e Atividade física (Coeficiente= 0,80,  $p<0,01$ ), Sentimentos (Coeficiente= 0,59,  $p<0,01$ ) e Ambiente escolar (Coeficiente= 1,09,  $p<0,01$ ).

Tabela 2 - COEFICIENTES DE REGRESSÃO LINEAR MULTIVARIÁVEL DA ASSOCIAÇÃO DO AUTOCONCEITO E AUTOEFICÁCIA COM A QUALIDADE DE VIDA DOS PRATICANTES DE BASQUETEBOL DE CURITIBA, PR (n=222).

Praticantes											
	QVG	Saúde e Atividade física	Sentimentos	Estado emocional	Autopercepção	Autonomia e Tempo livre	Família/ Ambient e familiar	Financeiro	Amigos e Apoio social	Ambient e escolar	Provocação / Bullying
<b>Autoconceito</b>											
Acadêmico	<b>0.08*</b>	0.03	0.04	-0.04	0.05	0.01	<b>0.35**</b>	0.24	-0.10	<b>0.46**</b>	-0.12
Social	<b>0.11*</b>	0.15	<b>0.35**</b>	<b>-0.38**</b>	0.06	<b>0.43**</b>	0.21	-0.27	<b>0.55**</b>	0.04	-0.05
Emocional	-0.01	-0.06	-0.04	<b>0.20**</b>	0.10	-0.12	<b>-0.17*</b>	0.08	<b>-0.20**</b>	-0.07	0.15
Familiar	0.05	0.00	-0.04	0.10	0.03	0.16	<b>0.23**</b>	0.04	0.06	-0.11	0.09
Físico	0.07	<b>0.23**</b>	<b>0.35**</b>	<b>-0.40**</b>	-0.13	-0.02	<b>0.32**</b>	<b>0.29*</b>	0.12	0.16	-0.13
<b>Autoeficácia</b>	<b>0.30**</b>	<b>0.80**</b>	<b>0.59**</b>	-0.30	0.08	0.60	-0.25	-0.15	0.38	<b>1.09**</b>	0.14

<sup>a</sup>=Modelos ajustados para Sexo, Idade e Nível socioeconômico. \*= $p<0,05$ . \*\*= $p<0,01$ .

## Associação do ac, ae e qv de praticantes e não praticantes de basquetebol

Os coeficientes de regressão linear multivariável para a associação entre autoconceito e autoeficácia e a percepção de qualidade de vida dos não praticantes de basquetebol estão dispostos na tabela 3. O domínio Acadêmico de autoconceito esteve diretamente associado somente ao Ambiente escolar (Coeficiente= 0,67,  $p<0,01$ ).

O domínio Social de autoconceito esteve diretamente associado à Qualidade de vida Geral (Coeficiente= 0,11,  $p<0,05$ ), Sentimentos (Coeficiente= 0,50,  $p<0,01$ ) Autonomia e Tempo livre (Coeficiente= 0,50,  $p<0,05$ ), e Amigos e Apoio social (Coeficiente= 0,59,  $p<0,01$ ).

O domínio Emocional de autoconceito esteve diretamente associado a Estado emocional (Coeficiente= 0,45,  $p<0,01$ ) e Autopercepção (Coeficiente= 0,21,  $p<0,01$ ), e inversamente associado a Sentimentos (Coeficiente= -0,35,  $p<0,01$ ), Autonomia e Tempolivre (Coeficiente= -0,33,  $p<0,01$ ), Família/Ambiente familiar (Coeficiente= -0,47,  $p<0,01$ ), Amigos e Apoio social (Coeficiente= -0,29,  $p<0,01$ ) e Ambiente escolar (Coeficiente= - 0,29,  $p<0,01$ ).

O domínio Familiar de autoconceito esteve diretamente associado ao domínio Família/Ambiente familiar (Coeficiente= 0,75,  $p<0,01$ ) e inversamente associado ao Estado emocional (Coeficiente= -0,44,  $p<0,05$ ).

O domínio Físico de autoconceito esteve diretamente associado à Qualidade de vida geral (Coeficiente= 0,12,  $p<0,01$ ) Saúde e Atividade física (Coeficiente= 0,58,  $p<0,01$ ) e Sentimentos (Coeficiente= 0,22,  $p<0,05$ ). A autoeficácia esteve diretamente relacionada somente ao domínio de Sentimentos (Coeficiente= 0,81,  $p<0,05$ ).

O AC acadêmico teve associação direta com a QV de geral, demonstrando que é um construto importante não apenas como aspecto psicológico, mas também como um fator para a melhora da QV, pois o praticante de basquetebol que tem bons resultados na escola pode promover influências positivas na sua QV geral

(ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002). Foram notadas associações sobre o ambiente escolar, ou seja, um acadêmico pode ser importante para se estar bem na escola. Isso pode constatar que a prática do basquetebol é algo importante como atividade extracurricular (GALATTI; PAES; DARIDO, 2010; LONE; LONE, 2016).

Os estudos de Heinemann, Greguol e Oliveira (2018) apresentaram resultados muito semelhantes a esta pesquisa. Eles pesquisaram usando o mesmo instrumento Kidscreen-52 e avaliaram atletas de basquetebol de 13 a 14 anos e mostraram que o basquetebol pode colaborar com a QV geral, considerando sua percepção como boa e colaborando com os resultados desta pesquisa, que identificaram que os praticantes têm boa QV geral em relação ao AC acadêmico, sugerindo assim que praticar um esporte como o basquete ajuda não só a parte física, mas também a parte acadêmica, além da percepção de sua QV.

O AC social apresentou associação com a QV geral, destacando que a prática do basquetebol pode ser encarada como atividade física beneficiando os alunos/atletas, condicionando-os fisicamente por meio dos programas de treinamento, segundo Alves e Lima (2008), possibilitando assim uma percepção melhor de sua QV comparada aos não praticantes (FLORINDO; RIBEIRO, 2009). A outra associação do AC social se deu com as dimensões dos sentimentos, emoção e autonomia/tempo livre e amigos e apoio social, todas associações positivas que demonstram benefícios oriundos de se ter uma autopercepção do AC social elevada, compreendendo que se ter uma visão positiva de si mesmo poderá incorrer em boas associações com outras variáveis importantes para a formação da personalidade, questões físicas e de bem-estar (SERASSUELO JÚNIOR *et al.*, 2012).

Os praticantes parecem ter mais autonomia em usar seu tempo livre otimizando-o e aproveitando-o melhor junto aos amigos e familiares, fora a capacidade de saber lidar com os sentimentos e emoções. Isso já é algo estudado por Secco e Oliveira (2017), que mostram o quanto os laços de afetividade são importantes, o quanto entender os sentimentos e emoções pode contribuir para esse ambiente esportivo. Além disso, o professor tem que levar em consideração os aspectos psicológicos e não apenas a preparação física ou técnica, cuidando de

uma forma mais ampla da saúde relacionada com a atividade física (MISSIAS-MOREIRA; VALENTIM, 2018; DAMÁSIO, 2013; BRETÓN PRATS; ZURIGA ORTEGA; CEPERO GONZÁLEZ, 2017).

Já o AC emocional teve associações positivas com o estado emocional relacionado a saúde. Albuquerque e Oliveira (2002) elucidam a importância dos atletas estarem condicionados e bem preparados, enquanto as emoções como a tristeza e a satisfação de estarem praticando um esporte também são necessários. Rose Júnior *et al.* (2009) ressaltam que são muitos os benefícios gerados por se praticar um esporte. Por outro lado, a associação do AC à família e amigos foi negativa, o que pode estar relacionado à família que não apoia a prática do esporte, e o fato de se ter um AC baixo emocional pode interferir nas relações com os familiares e nas relações com os amigos, principalmente nos momentos de se construir novas amizades.

O AC familiar teve associações com o AC relacionado à QV, ou seja, o praticante que tiver um melhor AC terá uma melhor percepção sobre sua família. O Estado emocional está associado às emoções que apresentaram escores positivos. No esporte a satisfação e as experiências positivas trazem o bem-estar e sentimentos que ajudamos adolescentes a ocupar suas mentes com o treino, o jogo e as competições (FERRAZ, 2009).

O AC físico teve associações com as dimensões da saúde e atividade física, sentimentos, família e dimensão financeira, ou seja, o praticante com um AC físico elevado pode desencadear influências positivas em sua saúde e nos níveis de atividade física aceitáveis, pois possuir uma melhor percepção em seus sentimentos, além de ter a família como algo muito importante, está relacionado também a ter condições financeiras para se alcançar seus objetivos. Pires (2010) avaliou a QV e o desempenho motor, e utilizou o Kids-screen para mensurar a percepção da QV de alunos do sexo feminino e masculino na fase da adolescência. Foram encontrados piores escores na dimensão da rejeição social, seguida pelo bem-estar psicológico. Já os menores escores foram observados na dimensão da Atividade Física e Saúde, desta forma vindo a colaborar com esta pesquisa, que

elucida que os praticantes de basquetebol possuem melhores escores ligados à QV se comparados aos não praticantes.

O estudo de Interdonato *et al.* (2010) contempla aspectos relacionados à percepção da saúde, energia/disposição, forma física e prática de atividade física, que estão associadas a outras variáveis. Sendo assim, poderá existir uma real necessidade de estar inserido nas atividades físicas que podem estar ligadas à melhoria de outras dimensões, como: meio escolar que mensura o nível de satisfação com a escola e professores, percepção do desempenho escolar e a capacidade de prestar atenção nas aulas.

Nos estudos de Heinemann, Greguol e Oliveira (2018), foram avaliadas as questões socioeconômicas dos atletas de basquetebol de 13-14 anos e ficou evidente neste estudo que existiu associação negativa entre as questões financeiras e a QV geral, pois os praticantes sentiram desvantagens financeiras, o que pode contribuir e até mesmo restringir o estilo de vida, supondo que devido a essas desvantagens pode ocorrer mais dificuldades na aprendizagem. É fato que quanto mais recursos, pode-se ter mais possibilidades para todo processo de aprendizagem, seja o de treinos, seja o de estudar, pois ser um aluno/atleta exige boa alimentação, há de se ter cuidados extremos com relação à saúde, entre diversos fatores que possam contribuir para o bom desenvolvimento esportivo ou educacional.

Ainda, Heinemann, Greguol e Oliveira (2018) destacam que é devidamente importante que haja estratégias que proporcionem a melhora das capacidades profissionais dos professores, direcionadas à otimização dos relacionamentos intrapessoais com os alunos, e que estes possam se sentir mais atraídos ao meio escolar, relacionado a isso, terem melhorias dos aspectos da QV geral.

Estas evidências contribuíram muito para a presente livro, que transitou experiências de sucesso quando se observar das instituições que têm projetos no contraturno escolar, não apenas os esportivos, mas também os artísticos, culturais, musicais, técnicos e religiosos, que podem ser vistos nos estudos de GASPAROTTO *et al.* (2018).

Tabela 3 - COEFICIENTES DE REGRESSÃO LINEAR MULTIVARIÁVEL DA ASSOCIAÇÃO DO AUTOCONCEITO E AUTOEFICÁCIA COM A QUALIDADE DE VIDA DOS NÃO PRATICANTES DE BASQUETEBOL DE CURITIBA, PR (n=65).

Não praticantes											
	QVG	Saúde e Atividade física	Sentimentos	Estado emocional	Autopercepção	Autonomia e Tempo livre	Família/Ambiente familiar	Financeiro	Amigos e Apoio social	Ambiente escolar	Provação / Bullying
<b>Autoconceito</b>											
Acadêmico	0.04	-0.03	0.01	-0.21	0.03	-0.12	0.02	0.16	-0.04	<b>0.67**</b>	.028
Social	<b>0.15*</b>	-0.16	<b>0.50**</b>	-0.14	0.22	<b>0.50*</b>	0.27	-0.16	<b>0.59**</b>	0.12	-.139
Emocional	-0.09	-0.08	<b>-0.35**</b>	<b>0.45**</b>	<b>0.21**</b>	<b>-0.33**</b>	<b>-0.47**</b>	-0.06	<b>-0.29**</b>	<b>-0.29**</b>	.233
Familiar	0.14	0.22	0.28	<b>-0.44*</b>	-0.10	0.11	<b>0.75**</b>	0.37	0.14	0.15	-.125
Físico	<b>0.12**</b>	<b>0.58**</b>	<b>0.22*</b>	-0.06	0.07	0.18	0.14	0.13	0.14	-0.08	-.135
<b>Autoeficácia</b>	0.15	0.39	<b>0.81*</b>	-0.68	0.25	0.61	-0.07	-0.30	0.40	0.00	.177

\*=Modelos ajustados para Sexo, Idade e Nível socioeconômico. \* = p<0,05. \*\* = p<0,01

## Associação do ac, ae com a qv dos não praticantes de basquetebol

Com a apresentação de resultados semelhantes do capítulo anterior na presente pesquisa, a realização de regressão linear por idade, sexo e nível socioeconômico, a QV, o AC e a AE e sua relação com os não praticantes, foram constatados escores piores quando associamos a outras dimensões comparadas aos praticantes de basquetebol, tais como: Acadêmica associada ao Ambiente Escolar, dimensão Social associada à Qualidade de vida Geral, Sentimentos, Autonomia e Tempo Livre, Amigos e Apoio Social.

Mendes *et al.* (2014) avaliaram em um ambiente escolar a QV dos alunos, numa amostra de 63 adolescente de 14 anos utilizando, como instrumento o Kidscreen-52. Os resultados mostraram que eles possuem boa percepção da QV, pois os escores foram superiores a 60,0, porém no caso desta pesquisa os não praticantes, ou seja, os alunos ficaram com escores inferiores aos praticantes de Basquetebol, podendo-se dizer que a prática do esporte pode melhorar essa percepção.

De acordo com Damásio (2003), a dimensão Emocional está associada aos Sentimentos, aspectos que envolvem o momento da derrota e da vitória, podendo alterar o estado emocional dos adolescentes; ademais, a prática da atividade física também causa estresse e desgastes. Em Abruzzo (2016), Estudo que trata o esporte como algo bom para a QV na dimensão do estado emocional, porém existe o lado estressante, vindo a colaborar com os resultados desta pesquisa, que elucidaram melhores escores aos não praticantes na dimensão emocional.

A dimensão Emocional está associada à Autopercepção. Imagina-se que os praticantes de basquetebol estejam envolvidos emocionalmente com os colegas, criando novos laços afetivos e assim possibilitando melhor condição da Autopercepção, principalmente aquela que envolve a afetividade (SECCO; OLIVEIRA, 2017). A dimensão Emocional está associada à Autonomia e Tempo livre (GUEDES, 2011). Diferente de alguns estudos que destacam que o atleta tem menos tempo de dedicação para o lazer, para sua diversão, porém, a pesquisa evidenciou que os praticantes têm uma melhor percepção desta dimensão em relação aos não praticantes, supondo que os não praticantes têm mais dificuldades em dividir seus momentos de tempo livre, como lazer e mesmo o momento de dormir.

A dimensão Emocional está associada à Família e Ambiente/Familiar, evidenciando os estudos de que uma das prioridades do aluno/atleta é a família. A dimensão Emocional está associada a Amigos e apoio Social à performance acadêmica, variáveis que podem gerar fatores estressantes, por exemplo: uma nota ruim, um mau desempenho que desmotiva a ida para a escola. Contudo, do lado do praticante existe também este lado do estresse pós-competições, pós-derrota. A percepção ruim desta dimensão poderá existir nos dois grupos, pois tanto quem pratica o basquete quanto os que não praticam tem demandas de trabalho, seja o treino, seja tarefas laborais.

O Estado Emocional associado ao Ambiente mostrou que nestes dois ambientes pode-se ter desequilíbrios emocionais causados por outras variáveis, como o medo, a baixa autoestima. Segundo Santos (2013), uma melhora nas atividades da escola e na vida diária é o fato de a prática da atividade física ser necessária para a manutenção da saúde. Existe um contraponto importante que pode ser analisado nos

momentos, esses momentos são onde ocorrem os picos de estresse geralmente ocorridos em tempos de competição ou avaliações acadêmicas.

A dimensão Família está associada ao Estado Emocional e Família/Ambiente Familiar pois para os atletas a família é um ponto fundamental e necessário para sua consolidação no esporte. A dimensão Física está associada a QV geral e aos Sentimentos, pois a prática da atividade física pode trazer melhorias na condição, saúde como as reduções do nível de gordura, ansiedade e estresse, melhora do humor, melhor autoestima, sendo uma possível geradora do bem-estar (SANTOS 2013).

Para Paes (2012), o esporte é um ambiente importante para o desenvolvimento social e educacional, e pode ser incluído como um ambiente extraordinário que se nota nos esportes coletivos, em que ocorre afinidades entre os atletas e a formação de grupos por afinidade pelo clube ou escola, pela modalidade esportiva e pelos objetivos que cada um possui. Uma importante organização internacional afirma que o esporte e a educação física são agentes formidáveis para a concepção de valores, socialização e o desenvolvimento humano (UNESCO, 2018). A AE apresentou associação com a dimensão dos Sentimentos, já as outras variáveis não tiveram resultados significativos em suas associações envolvendo a AE.

É importante que se entenda os ambientes dos não praticantes de basquetebol, pois eles estão inseridos na escola, na fase da adolescência, experimentando e aprendendo a lidar com as dificuldades, cobranças da idade, variáveis que podem interferir na sua QV geral, já que nesta fase da vida as mudanças são iminentes e dinâmicas pelo próprio estado do adolescente (ROSE JÚNIOR *et al.*, 2009).

Estudo semelhante da pesquisa trouxe um resultado de escores mais baixos encontrados na categoria Sub-14, sugerindo que os atletas manifestam sentimentos não tão positivo face à própria saúde, à prática de atividade física e ao ambiente escolar (HEINEMANN; GREGUOL; OLIVEIRA, 2018). Tal resultado é oposto ao desta pesquisa, que mostrou os resultados de boa percepção da QV para os praticantes, apenas associando o Estado Emocional com escores piores nesta dimensão quando relacionados aos não praticantes.

Observação do estudo de Oliveira, Matsukura e Fontaine (2017) o exemplo de uma destas variáveis é o AC. De acordo com a ciência da Psicologia, há um pressuposto de que sua construção tem início na infância pelas interações com os outros indivíduos e das interpretações que as crianças fazem com o ambiente, podendo sofrer mudanças ao longa da vida de acordo com as experiências que são significativas para cada pessoa. É fato que a infância apresenta momento de transformações imensuráveis em todos os campos, físicos e psicológicos, sempre associados a diversas variáveis, às vezes difícil de serem observadas. Diante disso, entende-se que a QV depende de muitas variáveis e que todas elas são importantes para seu equilíbrio e sua compreensão.

Percebe-se que o aluno, principalmente o não praticante, poderá entrar em outras atividades extracurriculares, não esportivas, mas que também podem ajudar no sentido de ocupação da mente, buscando melhorar de uma certa forma esses aspectos psicológicos como o AC, porém não conseguindo atingir todas as variáveis, pois o corpo precisa de uma atividade física aceitável para se ter benefícios para a QV relacionados à atividade física (FLORINDO; RIBEIRO, 2009).

Correlacionar esses mesmos aspectos com a percepção dos alunos de sua QV associado ao bem-estar (SECCO; OLIVEIRA, 2017, p. 43) é evidenciar o quão necessário é preciso entender e absorver um aprendizado de como se lidar com os sentimentos e emoções que afloram na essência das pessoas, podendo ampliar o repertório de competências do profissional que atua com alunos/atletas para que estes alcancem suas metas desportivas e educacionais. Isso acontece por inúmeros fatores, dentre eles: psicológicos, emocionais, que fazem parte do desenvolvimento humano, entre estes os genéticos e os ambientais, e naturais, do contexto social e cultural no qual estão imergidos (TAIROVA; DI LORENZI, 2011).

Vista a relação que existe entre a educação e o esporte, é necessário compreender e discutir fatores que podem influenciar em todo processo do desenvolvimento escolar e esportivo, observando estudos importantes que possam apresentar outros resultados distintos, outra opinião já discutida vindo a contribuir para o desenvolvimento deste estudo.

Tabela 4 - VALORES MÉDIOS, DESVIO PADRÃO, MÍNIMOS E MÁXIMOS DOS ESCORES DE QUALIDADE DE VIDA DE ATLETAS DE BASQUETE, CURITIBA, PR (N=197).

	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Valor mínimo</b>	<b>Valor máximo</b>
Geral	34,1	8,7	0,0	55,0
Relacionamento social	9,6	2,1	0,0	12,0
Condições básicas de saúde	8,7	2,4	0,0	12,0
Supertreinamento	8,3	4,3	0,0	16,0
Planejamento	3,9	2,3	0,0	8,0
Estado emocional	3,6	2,1	0,0	8,0

Fonte: Elaborada pelos Autores (2023).

A Tabela 4 apresenta os dados descritivos do questionário de qualidade de vida para atletas QQVA. Na análise geral os participantes apresentaram escores médios de  $34,1 \pm 8,7$ . Ao analisarmos os domínios do questionário os escores médios variaram de  $3,6 \pm 2,1$  para o Estado emocional a  $9,6 \pm 2,1$  para o Relacionamento social.

### **Análise do qqva dos atletas**

Na análise dos 197 atletas, foram respondidas as 14 questões do QQVA que avaliaram o nível de influência na QV do ambiente competitivo; é uma escala de 0 a 4, que pode variar de forma crescente em relação ao seu nível de influência, ou seja, 0 não influencia até chegar a 4, que é a maior intensidade na influência do ambiente que os atletas estão habituados (CUNHA, 2008).

A tabela 4 apresentou os resultados obtidos por uma média geral dos atletas avaliados que chegaram a uma média de  $34,1 \pm 8,7$ . Na análise, os domínios do questionário obtiveram escores médios que variaram de  $3,6 \pm 2,1$  para o Estado emocional a  $9,6 \pm 2,1$  para o Relacionamento social, trazendo à frente da discussão que atletas têm alta influência do Relacionamento Social como maior evidência, pois no ambiente de treino presume-se que os laços relacionais estão agindo de uma forma

inconsciente e consciente na afetividade do ambiente do basquetebol (SECCO; OLIVEIRA, 2017).

Alta relação nas médias da dimensão do relacionamento social, podem estar influenciando na QV geral do ambiente de treino, o que vai ao pensamento de Celestino *et al.* (2019), que reconhecem que os fatores sociais de contexto extra treino envolvendo amigos e familiares são importantes, mas não substituem os fatores que buscam a excelência nos esportes, como a preparação psicológica, a física e a técnica, que proporcionam uma sustentação para se alcançar a melhor performance.

Tentando compreender o autor, ele destaca o reconhecimento de que os fatores relacionais como a amizade são importantes, porém sem os fatores da preparação biológica não se atinge um objetivo de rendimento, tem que prevalecer os fatores físicos, técnicos, mas no contexto geral um deve complementar o outro.

Os estudos apontaram que os atletas estão imersos de outras variáveis, mas que o Relacionamento Social tem uma média mais alta, não podendo se esquecer das outras médias, como as médias de Condições básicas de Saúde e o Supertreinamento, que demonstraram estar recebendo influência no ambiente de treino, pois esse ambiente pode ser propício a atletas que não tem condições de cuidar da saúde causados por uma lesão em treino ou pelo Supertreinamento.

Os praticantes de basquetebol estão imersos por diversas forças que agem, muitas das vezes intrinsecamente, como a ligação sentimental com a família em conjunto à afetividade dos professores, algo relevante quando se é harmonioso, assim podendo construir uma espécie de blindagem de variáveis que possam prejudicar a QV geral dos alunos/atletas em ambientes de treino (SECCO; OLIVEIRA, 2017).

Quando se nota a importância para os fatores familiares/amigos como uma das condições que envolvem o processo ensino/aprendizagem, compreende-se a força que esses aspectos influenciadores têm nos esportes coletivos. Há de se ter cautela quando existem as emoções que envolvem os relacionamentos sociais, pois elas não propriamente são sentimentos e podem agir em polos diferentes de modo a ajudar ou piorar as condições de bons resultados dos atletas (SECCO; OLIVEIRA, 2017).

É provável que no ambiente que o basquetebol está sendo ofertado o fazer novas amizades e criar novos laços transcenda o próprio esporte, pois o basquete é um jogo coletivo de cooperação para se chegar no objetivo principal, que é fazer a cesta, por isso pode ser importante o grupo estar bem em suas relações interpessoais para que no momento de alcançar o objetivo aconteça de uma forma coletiva.

Celestino *et al.* (2019) concluem que a excelência na direção do professor/técnico apresenta uma matriz multidimensional e a sua assertiva concretização é apontada pela interação bem-sucedida entre as dimensões da performance e as dimensões sociocontextuais e culturais que envolvem a modalidade orientada, ou seja, o planejamento arquitetado pode trazer maiores chances de sucesso nos resultados do processo de treinamento esportivo (OLIVEIRA, 2012).

Muito se fala nas influências que podem existir no contexto dos treinos esportivos, e no caso da adolescência os fatores da puberdade. Alves e Lima (2008) apontam que as disfunções hormonais na adolescência, aliadas aos fatores de descobertas, podem ser um desafio para o equilíbrio das relações sociais.

É importante observar que essas influências também estejam apontadas como imprevisíveis dentro do planejamento do professor, porém com a Pedagogia do Esporte à frente do processo, sua manifestação irá afetar o desempenho do aluno para melhor ou pior, mas é diminuída quando se entende o problema, para que suas consequências não prejudiquem o processo de ensino aprendizagem nesta conturbada fase da adolescência (PAES, 2001).

Segundo Matsudo (2000), o exercício pode influenciar diretamente a QV, sendo um dos aspectos importantes na promoção da saúde. No entanto, atletas são expostos a diversos tipos de cargas, sejam elas emocionais, psicológicas ou de treino, podendo até ser prejudicial à saúde, sendo um agente reverso a busca da QV.

Essas influências psicológicas ligadas à QV de atletas podem ser observadas de perto, tanto por técnicos e multiprofissionais quanto pela própria família, que observa o adolescente.

Quando se investigam fatores visíveis e invisíveis que estão em ação no processo de treino na fase da adolescência onde as relações sociais são ampliadas, o

professor tem mais recursos para identificar e conduzir ações que sejam benéficas às influências que o aluno/atleta vem sentindo, seja para diminuir possíveis prejuízos, seja para potencializar ganhos causados pelo vínculo das relações sociais (CUNHA, 2008).

Cunha (2008), entretanto, ao investigar a QV de atletas envolve diferentes aspectos: objetivos, como a capacidade física para a performance esportiva, determinantes antropométricos e biomecânicos, condições climáticas, entre outras, e os determinantes subjetivos, que incluem os interesses, motivações, expectativas, experiências próprias, opiniões e preconceitos, sentimentos e emoções. Estes últimos permitem à avaliação de cada atleta quanto à percepção subjetiva de quais fatores influenciam a QV e em que grau ocorre tal influência.

É um destaque importante para os esportistas, praticantes de basquetebol que têm seu ambiente de treino como algo que pode ser estressante, exaustivo e ao mesmo tempo harmonioso, satisfatório, agindo diretamente na QV. Missias-Moreira e Valentim (2018) notam a necessidade da QV para os atletas que têm o desejo de obter seu melhor resultado esportivo, já que a execução do atleta está influenciada pela sua saúde física, condição psicológica, relações sociais e com o ambiente.

Tabela 5 - COMPARAÇÃO DOS ESCORES DE QUALIDADE DE VIDA, AUTOCONCEITO E AUTOEFICÁCIA ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES DE BASQUETEBOL DE CURITIBA, PR (N=286).

	Total (N=286)	Praticantes (N=197)	Não praticantes (N=89)	P	Probabilidade (Praticante > Não praticante)
	Mediana (IIQ)	Mediana (IIQ)	Mediana (IIQ)		
<b>Qualidade de vida</b>					
Geral	61,9 (10,4)	<b>63,7 (9,0)</b>	<b>56,6 (9,9)</b>	<b>&lt;0,001</b>	72,1%
Saúde e Atividade física	80,0 (25,0)	<b>85,0 (15,0)</b>	<b>65,0 (35,0)</b>	<b>&lt;0,001</b>	73,6%
Sentimentos	83,3 (20,8)	<b>83,3 (16,6)</b>	<b>70,8 (33,3)</b>	<b>&lt;0,001</b>	70,4%
Estado emocional	28,6 (32,1)	<b>25,0 (28,6)</b>	<b>42,8 (35,7)</b>	<b>&lt;0,001</b>	33,0%
Autopercepção	62,6 (18,75)	62,5 (18,7)	62,5 (18,7)	0,158	55,2%
Autonomia e Tempo livre	75,0 (30,0)	<b>75,0 (25,0)</b>	<b>65,0 (25,0)</b>	<b>&lt;0,001</b>	64,0%
Família/Ambiente familiar	79,1 (29,1)	<b>83,3 (25,0)</b>	<b>66,6 (33,3)</b>	<b>&lt;0,001</b>	65,9%
Financeiro	75,0 (41,7)	75,0 (33,3)	66,6 (33,3)	0,15	55,2%
Amigos e Apoio social	79,1 (25,0)	<b>83,3 (16,6)</b>	<b>75,0 (29,2)</b>	<b>&lt;0,001</b>	64,7%
Ambiente escolar	66,6 (25,0)	<b>70,8 (20,8)</b>	<b>54,1 (25,0)</b>	<b>&lt;0,001</b>	69,7%
Provocação/bullying	8,3 (25,0)	8,3 (25,0)	8,3 (25,0)	0,05	42,8%
<b>Autoconceito</b>					
Acadêmico	75,2 (7,5)	<b>79,1 (16,7)</b>	<b>68,1 (16,8)</b>	<b>&lt;0,001</b>	73,0%
Social	65,8 (14,8)	<b>66,1 (13,6)</b>	<b>61,8 (15,0)</b>	<b>0,004</b>	60,7%
Emocional	43,3 (26,6)	<b>42,8 (26,0)</b>	<b>49,1 (26,6)</b>	<b>0,028</b>	41,9%
Familiar	65,6 (12,0)	65,6 (10,0)	65,0 (14,8)	0,823	49,2%
Físico	75,0 (20,7)	<b>78,8 (19,0)</b>	<b>65,8 (36,3)</b>	<b>&lt;0,001</b>	74,4%
<b>Autoeficácia</b>					
Geral	31,0 (6,0)	<b>31,0 (6,0)</b>	<b>30,0 (5,0)</b>	<b>0,001</b>	61,6%

IIQ= intervalo interquartilico. Fonte: Elaborada pelos Autores (2023).

## **Comparação da qv, ac e ae de praticantes e não praticantes**

A tabela 5 apresentou as comparações dos escores de qualidade de vida, autoconceito e autoeficácia entre praticantes e não praticantes de Basquetebol para a amostra geral. Os dados apresentaram na dimensão da saúde e atividade física para o grupo de praticantes maiores escores além disso maiores escores nas dimensões dos sentimentos, autonomia e tempo livre, família/ambiente familiar, amigos e apoio social e ambiente escolar. Por outro lado, o grupo de praticantes apresentou menores escores para o domínio emocional.

Com relação ao autoconceito, o grupo de praticantes apresentou maiores escores para o domínio acadêmico e físico e menores escores para o domínio emocional. Maiores escores de autoeficácia também foram visualizados para o grupo de Praticantes em comparação ao grupo de não praticantes.

Tabela 6 - COMPARAÇÃO DOS ESCORES DE QUALIDADE DE VIDA, AUTOCONCEITO E AUTOEFICÁCIA ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES FEMININOS DE BASQUETEBOL DE CURITIBA, PR (n=64).

	Total (N=64)	Praticantes (N=40)	Não praticantes (N=24)	P	Probabilidade (Praticante > Não praticante)
	Mediana (IIQ)	Mediana (IIQ)	Mediana (IIQ)		
<b>Qualidade de vida</b>					
Geral	61,8 (13,8)	<b>64,3 (7,1)</b>	<b>53,0 (10,6)</b>	<b>&lt;0,001</b>	81,8%
Saúde e Atividade física	75,0 (27,5)	<b>85,0 (12,5)</b>	<b>40,0 (37,5)</b>	<b>&lt;0,001</b>	92,4%
Sentimentos	79,1 (35,4)	<b>85,4 (12,5)</b>	<b>50,0 (31,2)</b>	<b>&lt;0,001</b>	90,7%
Estado emocional	33,9 (42,8)	<b>25,0 (25,0)</b>	<b>60,7 (35,7)</b>	<b>&lt;0,001</b>	12,8%
Autopercepção	68,7 (18,7)	68,7 (18,7)	68,7 (12,5)	0,746	47,6%
Autonomia e Tempo livre	65,0 (25,0)	<b>67,5 (27,5)</b>	<b>55,0 (27,5)</b>	<b>&lt;0,001</b>	77,6%
Família/Ambiente familiar	70,8 (40,6)	<b>83,3 (25,0)</b>	<b>50,0 (29,2)</b>	<b>&lt;0,001</b>	83,8%
Financeiro	79,1 (33,3)	75,0 (33,3)	83,3 (37,5)	0,556	45,6%
Amigos e Apoio social	83,3 (19,8)	<b>87,5 (14,6)</b>	<b>75,0 (18,7)</b>	<b>0,004</b>	71,6%
Ambiente escolar	62,5 (29,2)	<b>72,9 (25,0)</b>	<b>50,0 (22,9)</b>	<b>&lt;0,001</b>	81,8%
Provocação/bullying	8,3 (16,7)	0,0 (16,6)	12,5 (25,0)	0,122	39,1%
<b>Autoconceito</b>					
Acadêmico	80,9 (23,0)	<b>86,75 (11,1)</b>	<b>66,7 (11,4)</b>	<b>&lt;0,001</b>	80,8%
Social	64,1 (15,4)	<b>66,6 (14,8)</b>	<b>59,6 (11,4)</b>	<b>0,007</b>	<b>70,1%</b>
Emocional	56,6 (28,9)	<b>50,3 (21,1)</b>	<b>65,8 (41,1)</b>	<b>0,044</b>	34,9%
Familiar	66,3 (15,4)	66,3 (9,4)	64,1 (24,7)	0,437	55,8%
Físico	73,8 (31,7)	<b>83,6 (18,8)</b>	<b>51,5 (25,2)</b>	<b>&lt;0,001</b>	86,7%
<b>Autoeficácia</b>					
Geral	31,5 (7,0)	32,0 (6,5)	30,5 (8,5)	0,102	62,2%

IIQ= intervalo interquartilico.

Tabela 7 - COMPARAÇÃO DOS ESCORES DE QUALIDADE DE VIDA, AUTOCONCEITO E AUTOEFICÁCIA ENTRE PRATICANTES E NÃO PRATICANTES MASCULINOS DE BASQUETEBOL DE CURITIBA, PR (n=222).

	<b>Total (N=222)</b>	<b>Praticantes (N=157)</b>	<b>Não praticantes (N=65)</b>	<b>P</b>	<b>Probabilidade (Praticante &gt; Não praticante)</b>
<b>Qualidade de vida</b>	<b>Mediana (IIQ)</b>	<b>Mediana (IIQ)</b>	<b>Mediana (IIQ)</b>		
<b>Geral</b>	61,9 (10,4)	<b>63,6 (9,5)</b>	<b>57,8 (8,5)</b>	<b>&lt;0,001</b>	68,3%
Saúde e Atividade física	80,0 (25,0)	<b>85,0 (20,0)</b>	<b>70,0 (30,0)</b>	<b>&lt;0,001</b>	66,9%
Sentimentos	83,3 (20,8)	<b>83,3 (16,6)</b>	<b>75,0 (25,0)</b>	<b>0,002</b>	63,0%
Estado emocional	28,6 (28,6)	<b>25,0 (28,6)</b>	<b>32,1 (28,6)</b>	<b>0,024</b>	40,4%
Autopercepção	62,5 (12,5)	<b>62,5 (12,5)</b>	<b>56,2 (18,7)</b>	<b>0,024</b>	59,5%
Autonomia e Tempo livre	75,0 (30,0)	<b>75,0 (25,0)</b>	<b>70,0 (20,0)</b>	<b>0,038</b>	58,7%
Família/Ambiente familiar	79,1 (26,0)	<b>83,3 (29,2)</b>	<b>75,0 (37,5)</b>	<b>0,032</b>	59,1%
Financeiro	66,6 (41,7)	<b>75,0 (41,6)</b>	<b>66,6 (33,3)</b>	<b>0,047</b>	58,4%
Amigos e Apoio social	79,1 (25,0)	<b>83,3 (20,8)</b>	<b>70,8 (29,2)</b>	<b>0,002</b>	63,2%
Ambiente escolar	66,6 (25,0)	<b>66,6 (20,8)</b>	<b>58,3 (29,2)</b>	<b>&lt;0,001</b>	65,6%
Provocação/bullying	8,3 (25,0)	8,3 (25,0)	8,3 (25,0)	0,135	43,8%
<b>Autoconceito</b>					
Acadêmico	74,3 (18,4)	<b>77,5 (16,3)</b>	<b>68,3 (27,1)</b>	<b>&lt;0,001</b>	71,7%
Social	65,8 (14,7)	66,1 (13,3)	63,3 (23,3)	0,072	57,7%
Emocional	41,9 (24,9)	41,6 (25,8)	43,3 (21,3)	0,147	43,8%
Familiar	64,9 (11,2)	64,8 (10,2)	65,1 (12,8)	0,421	46,6%
Físico	75,0 (19,7)	<b>78,3 (18,6)</b>	<b>70,0 (28,2)</b>	<b>&lt;0,001</b>	69,4%
<b>Autoeficácia</b>					
Geral	31,0 (6,0)	31,0 (6,0)	30,0 (5,0)	0,006	61,6%

IIQ= intervalo interquartilico.

## **Comparação da qv, ac e ae de praticantes e não praticantes do sexo feminino**

A tabela 6 apresentou os resultados das comparações dos escores de qualidade de vida, autoconceito e autoeficácia entre praticantes e não praticantes de Basquetebol do sexo feminino.

Com relação à qualidade de vida, o grupo de praticantes apresentou maiores escores para a qualidade de vida geral, saúde e atividade física, sentimentos, autonomia e tempo livre, família/ambiente familiar, amigos e apoio social e ambiente escolar. Por outro lado, o grupo de praticantes apresentou menores escores para o domínio emocional. Com relação ao autoconceito, o grupo de praticantes apresentou maiores escores para a o domínio acadêmico, social e físico e menores escores para o domínio emocional. Nenhuma diferença significativa foi verificada para os escores de autoeficácia.

## **Comparação da QV, AC e AE de praticantes e não praticantes do sexo masculino**

A tabela 7 apresenta as comparações dos escores de QV, AC e AE, entre praticantes e não praticantes de Basquetebol do sexo masculino. Com relação à qualidade de vida, o grupo de Praticantes apresentou maiores escores para a QV Geral, Saúde e Atividade Física, Sentimentos, Autopercepção, Autonomia e Tempo Livre, Família/Ambiente Familiar, Financeiro, Amigos e Apoio Social e Ambiente Escolar. A explanação dos resultados está exibida em conjunto com o sexo masculino e feminino elucidando a discussão dos dados das tabelas 6 e 7.

Por outro lado, o grupo de praticantes do sexo masculino e feminino apresentaram menores escores para o domínio Emocional. A Dimensão da QV geral com os dados evidentes apresentou melhores escores do grupo de praticantes de basquetebol comparado aos não praticantes. Isso entra em consonância com o trabalho de Matsudo (2000), que destaca a atividade física com interferência na

percepção da QV, apesar de existirem outras variáveis importantes que não foram avaliadas.

Matsudo (2000) acrescenta que a atividade física tem uma influência diretamente no praticante esportivo, e que isso ocorre na saúde, nos aspectos antropométricos, neuromusculares, metabólicos e no bem-estar social, de forma contrária aos não praticantes de atividade física, que podem ter menor percepção da QV que indivíduos prontamente ativos, fisicamente mostrando evidências semelhantes aos resultados desta pesquisa.

Gaspar *et al.* (2014) defendem a necessidade de que existam medidas que proporcionem fazer o diagnóstico dos comportamentos de ordem biológica, social e psicológica desde a infância, bem como ações para melhoria do bem-estar e da QV e que devem abranger dimensões dirigidas ao bem-estar individual e coletivo que considerem a atividade física, além de aspectos pessoais, ambientais, psicológicos, sociais e culturais, fatores decisivos para uma boa QV.

Em outro caso semelhante a este estudo, um trabalho que envolve o basquetebol de base obteve resultados, nas dimensões que formam a QV, observando-se que ambas as categorias manifestaram os escores mais altos na dimensão “Rejeição Social”, seguida pela dimensão “Bem-estar psicológico”. Na sequência, tem-se a dimensão “Estado de humor geral”, para a categoria Sub-13, e a dimensão “Amigos e apoio social”, para a categoria Sub-14, conforme Heinemann, Greguol e Oliveira (2018, p. 6), estudo que usou o instrumento Kids-Creen 52 para comparar as categorias de praticantes de basquetebol elucidando diferenças significantes em alguns escores da QV, mesmo que seja em grupos com atividades iguais, mas distintas pela idade, podendo ajudar na compreensão dos resultados desta pesquisa.

Elementos concordando com os indicadores de QV no contexto esportivo ainda são raros e permitem identificar grupos de risco, analisar os níveis de QV dos atletas e subsidiar o desenvolvimento de programas que apontem à manutenção e crescimento do bem-estar desta população, podem também auxiliar na otimização do treinamento esportivo, contribuindo na identificação e correção de possíveis déficits nas diferentes dimensões da QV, adequando, assim, um crescimento nas condições de saúde e performance atlético (MOREIRA *et al.*, 2016).

Ainda na compreensão de Moreira *et al* (2016), entende-se que ter informações sobre QV geral pode trazer fatores que proporcionem melhorias no desenvolvimento de atletas capacitados a conseguir melhores rendimentos dentro de sua modalidade.

Diante dos resultados apresentados no presente estudo, que teve como objetivo avaliar a qualidade de vida em atletas de basquetebol da cidade de Londrina, no Paraná, conclui-se que tanto a categoria Sub-13 quanto a categoria sub-14 apresentaram valores elevados para a QV. Além disso, constata-se que não ocorreram diferenças significativas entre os valores obtidos em cada categoria. (HEINEMANN; GREGUOL; OLIVEIRA, 2018, p.12)

Este estudo contribui com os resultados de melhores escores da QV de praticantes de basquetebol da cidade de Curitiba com os não praticantes, concordando que indivíduos ligados ao basquetebol podem ter melhor percepções da QV comparados aos não praticantes.

Heinemann, Greguol e Oliveira (2018) acrescentam que é de muito valor que outros estudos sejam realizados e vinculados de modo a se ter maior quantidade de variáveis possíveis de serem analisadas e discutidas, iniciando pelas diferenças socioeconômicas, por poderem apresentar influência em outras variáveis. É importante mencionar que nesta pesquisa foram avaliados indivíduos de diferentes classes sociais, porém esses fatores não tiveram diferenças significativas nos resultados finais, nas associações ou correlações em que a variável socioeconômica influencia outras variáveis. No entanto, é visto a importância de continuar tais discussões sobre essas variáveis.

Sobre a dimensão da Saúde e Atividade Física, um estudo antigo já evidencia o quanto é importante estar praticando a atividade física proporcionando mudanças em suas capacidades metabólicas de recuperação e ativação rápida dos sistemas de energia do corpo humano, estabelecendo o condicionamento adequado à prevenção de doenças causadas pela falta de atividade física (LAZZOLI *et al.*, 1998). Para se conseguir a QV, é determinante ter os exercícios físicos como um dos importantes, necessários, pois eles são componentes capazes de diminuir as consequências estressantes das atividades cotidianas e têm a capacidade de reduzir os prejuízos

proporcionados pelo sedentarismo e pela alimentação inadequada diária (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003).

No estudo de Pontes *et al.* (2019) foram analisadas diversas regiões no Brasil com objetivo de saber a quantidade e o porquê da prática de atividade física, quais os objetivos dos praticantes. Os resultados apontados foram de que a maioria dos indivíduos praticando atividade física no Brasil é de homens solteiros com melhores condições econômicas que buscam QV e bem-estar.

Percebeu-se que no ano de 2015, das 161,8 milhões de pessoas na faixa etária de 15 anos ou mais, 61,3 milhões (37,9%) praticaram atividade física ou alguma modalidade esportiva. Nas regiões Sul e Centro-Oeste, houve uma proporção (41,1%) maior que a média nacional, enquanto as regiões Nordeste (36,3%), Norte (36,6%) e Sudeste (37,5%) apontaram percentuais inferiores (8). Convém informar que os dados do PNAD 2015 estão apresentados apenas em forma de porcentagem no documento original e em todas as suas referências, não estando disponíveis em valores absolutos. (Pontes *et al.*, 2019, p. 3)

O número de praticantes de basquete do sexo feminino de 12 a 17 anos na cidade de Curitiba é menor do que o de alunos do sexo masculino da mesma idade, parecendo ter fatores semelhantes com os estudos acima, destacando que a grande maioria que faz uma atividade física são homens (Pontes *et al.*, 2019).

Na dimensão dos Sentimentos, Silva *et al.* (2018) identificaram que os aspectos emocionais pré-jogo no basquete apresentam uma correlação com o desempenho dos jogadores em quadra. Aprecia-se dessa forma que seja importante que treinadores e professores treinem a perspectiva técnica e física dos atletas e fiquem atentos à parte sentimental, observando quais influências elas estão causando. Ainda no estudo do autor, outra dedução influenciadora, a partir dos dados revelados sobre o time feminino pesquisado, foi que mesmo compreendendo suas condições técnicas havia em questão um componente psicológico importante, que pode ser chamado de autoestima, harmonia entre a emoção, aspectos influenciadores nas dimensões da QV.

Secco e Oliveira (2017) destacam em seu livro a afetividade como uma conexão ao sentimento que também está entrelaçada à emoção dentro do basquetebol e seu ambiente de notórias diversidades de possíveis sentimentos que podem vir a ajudar o aluno/atleta por influenciar muitas variáveis e ir ao outro polo, a de prejudicar aluno/atleta no processo de ensino/aprendizagem, já que existem sentimentos positivos ou negativos, como a conquista de uma vitória e o fracasso de uma derrota.

Secco e Oliveira (2017) salientam que praticar esportes, em treinamentos ou nas competições, faz com que aumente o fator emoção e sentimentos, e que esses podem ser considerados aspectos importantes que proporcionam outros olhares para além do jogo, do treino e mesmo da técnica. Ou seja, o sentimento pode transcender em alguns momentos a técnica, a tática e mesmo fatores temporais, como o sentimento da perda de um astro do esporte, como no caso de Kobe Bryant, falecido em um grave acidente de helicóptero na Califórnia, nos EUA, que deixou milhões de pessoas no mundo perplexas, com os sentimentos de tristeza e dor, porém também veiculou a sensação do legado que o gênio de 41 anos deixou ao mundo, um legado de beleza, espetáculo, compaixão, solidariedade e competitividade leal no esporte (GAYDOS, 2020).

No livro de Secco e Oliveira (2017) existem dados que colaboram com os resultados deste estudo, poucos estudos específicos sobre jovens de 13 a 15 anos que envolvam o sentimento e emoções e poucos estudos sobre o basquetebol de base. Ainda, Secco e Oliveira (2017, p. 78) ressaltam que sua busca sistemática de 2002 a 2014 traz estudos ligados ao basquetebol de rendimento em maior quantidade do que o basquete de base, onde são estudados os sentimentos e emoções que corroboram esta pesquisa, alertando que os profissionais da área continuem a estudar e pesquisar para que se possa compreender mais do aspecto do sentimento dentro do ambiente de treino e jogo.

Por esses fatos, os profissionais da área de Educação Física necessitam empenhar-se firmemente para o reconhecimento da sua disciplina por meio de novos estudos, novas pesquisas que evidenciem as atividades coletivas como dever de serem praticadas, entendidas além de compreendidas, portanto, como elemento

fundamental da aprendizagem, pois busca-se alcançar a melhoria por completa do aluno (CELESTINO; LEITÃO; PEREIRA, 2019).

Na dimensão da Autonomia e Tempo livre apresentaram escores melhores os praticantes de basquetebol comparados ao não praticantes, sugerindo que os praticantes podem ter uma melhor organização de sua autonomia, proporcionando uma melhor percepção dos não praticantes em relação ao tempo de estar em uma atividade prazerosa com os amigos fazendo o que gosta, no caso o basquetebol.

O estudo de Alves *et al.* (2018) menciona um resultado desfavorável aos resultados desta pesquisa, pois eles apontaram que na comparação de atletas da natação em relação ao grupo de não praticantes da modalidade estes têm maiores escores da dimensão de Tempo Livre. Pode-se compreender que existem diversos níveis de treinamento, os quais podem ser divididos em horas semanais com uma somatória anual dividida em níveis de performance que o atleta deve atingir, sendo medidos pelos tipos de competições, regional, estadual, nacional e internacional, pois para cada competição as exigências são maiores ou menores no sentido de hora/treino para se atingir a maestria técnica/tática e altos índices de condicionamento físico (BOMPA, 2002).

Parece que os atletas da natação têm maiores níveis de treinamento quando comparados aos alunos/atletas desta pesquisa. Isso pode ser uma causa de que os resultados se contraporão, pois, no caso do basquete de Curitiba, os treinos da faixa etária de 12 a 14 anos e 15 a 17 anos têm uma duração baixa diária, às vezes apenas 2x na semana de 1h30/dia, fazendo com que exista mais tempo para as outras atividades diárias, comparadas a outros centros do basquete, em que se chega a treinar 4h/dia

A constatação do estudo que analisou a faixa etária de 16 e 17 anos abordou um escore mais baixo em relação a faixas etárias de 12 a 15 anos, sendo que os mais novos tiveram o maior escore nesta dimensão. O fato é que o adolescente tem diferentes momentos de ver seu tempo livre, momento de lazer, pois os estudos (GUEDES; GUEDES, 2011) relatam que existem muitas variáveis nessa dimensão, como: jogar vídeo game, estudar, fazer um esporte ou mesmo dormir. Podem existir outras variáveis e gerar muitas percepções influenciadas pelos diferentes ambientes.

Na dimensão da Família/ambiente familiar os dados apresentaram que a percepção dos praticantes tem escores melhores do que a dos não praticantes, e que elas podem ser compreendidas por Celestino *et al.* (2019), que expõem em seus estudos que os efeitos identificam que de modo semelhantemente técnicos e atletas consideram os fatores secundários associados aos aspectos sociocontextuais, como a família, os amigos/pares e o treinador, e aos aspectos socioculturais como os principais fatores influenciadores de suas vidas, mostrando que os atletas e técnicos têm como prioridade esse tempo com a família e amigos.

Os dados apresentaram que os praticantes de basquetebol têm prioridades diferentes dos não praticantes, talvez o ambiente em que aqueles estão inseridos na prática do esporte, de disciplina, respeito, trabalho em equipe, faz com que o praticante tenha maiores chances de colaboração com as diretrizes da escola nos compromissos de cooperação e trabalho em equipe, porém é preciso entender outros ambientes, familiares e sociais. Secco e Oliveira (2017) comentam que a educação se faz no ambiente familiar, na convivência social, no trabalho, nas escolas e nas manifestações culturais, tendo um papel importante neste processo de formação.

As dimensões Amigos e Apoio Social tiveram maiores escores para os praticantes comparado aos não praticantes. Para entendê-lo, Oliveira e Paes (2004) citam a importância dos esportes coletivos na contribuição para os sistemas educacionais para crianças e adolescentes, podendo proporcionar reflexões a respeito de aspectos de cooperação, convivência entre todos amigos da escola, participação nas atividades esportivas, inclusão, solidariedade, autonomia e socialização, do momento da construção de novas amizades à eternização das vitórias e também derrotas.

Segundo Antonelli *et al.* (2012) a pedagogia do esporte, ciência que estuda os esportes, esclarece que estar em uma equipe de basquetebol é uma forma de conhecer novas pessoas, estar acolhido e ter um bem-estar promovido pelos vínculos de novas amizades. Coutinho *et al.* (2009) falam que a contribuição da pedagogia do esporte permite ao aluno um maior intercâmbio pessoal com os colegas de escola. A dimensão Ambiente Escolar mostrou que os praticantes de basquetebol têm maiores escores nesta dimensão comparado aos não praticantes, colaborando para a

compreensão que o esporte praticado na escola pode ser aliado à educação, ajudando o aluno em sua percepção perante a escola.

Bompa (2002) estuda a importância do esporte na escola, dos esportes coletivos, do aprendizado que pode ser proporcionado para se trabalhar em equipe, além de que essa prática é a garantia que o aluno/atleta tenha acesso aos esportes coletivos. Ribeiro e Marinho (2019) enxergam vários professores de esportes coletivos como um braço de outras matérias tradicionais, podendo entender que para outros professores a prática da Educação Física libera o estresse intelectual que os alunos têm nas aulas tradicionais de sala, fazendo com que se distraiam positivamente. Contudo, sabe-se de outras melhorias significativas no que diz respeito à saúde e ao desenvolvimento físico e psicossocial dos alunos, pois estar praticando um esporte é um grande fator para não se tornar sedentário ainda na infância, ou seja, o esporte é um grande aliado à prevenção de doenças causadas pelo sedentarismo (FLORINDO; RIBEIRO, 2009). Coutinho *et al.* (2009) dizem que os esportes coletivos permitem ao aluno satisfazer o corpo e a mente, a fim de aperfeiçoar a sua performance acadêmica e em outras áreas.

Na dimensão do Estado Emocional, o resultado demonstrou que o não praticante tem escores melhores do que os praticantes de basquetebol, e para compreender melhor o resultado observa-se que Cunha (2008) destaca o esporte como um domínio da atividade física, podendo determinar dos seus atletas o mais alto nível em suas capacidades, o que pode trazer muitos desgastes para a construção das capacidades técnicas, psicológicas e físicas, podendo interferir na sua percepção da QV.

Estudar, treinar, jogar e além disso estudar são compromissos semanais de um atleta de basquetebol que quer chegar à maestria do jogo e para isso se abdicar de muitas coisas que um não praticante está isento por não estar ligado à atividade. Como Valovich *et al.* (2009) apontaram, a dedicação do atleta é um pressuposto necessário na prática do esporte de alto rendimento, pois exige do atleta um tempo enorme de abdicar da vida social, e por muitas vezes essa prática traz consigo limitações de ordem física que podem influenciar a sua percepção da QV. Gomes *et al.* (2018), em sua pesquisa com praticantes de basquetebol de 17 anos, ressaltam que o hábito da preparação técnica e física no basquetebol apresenta uma diversidade

de fatores estressantes. Esse estudo corrobora os resultados desta pesquisa, que podem causar tanto desequilíbrio físico quanto psíquico. Os autores ainda comentam as possíveis mudanças psicológicas ligadas ao humor, que pode variar com as diferentes fases da competição.

Gomes *et al.* (2018) distinguem variáveis ligadas a problemas familiares, sociais e intra e extragrupo difíceis de serem controlados, e boa parte das equipes negligencia a preparação psicológica de atletas jovens, construindo muitas vezes ambientes controladores e com níveis exagerados de pressão em uma fase de transformações – da adolescência para a vida adulta – físicas, sociais, psicológicas e emocionais, o que pode levar a alterações nos estados emocionais.

Gomes *et al.* (2018) citam em seu estudo que existe relação com subescalas negativas, raiva, depressão e confusão, que podem ter relação com adiposidade. Entretanto, pouco se viu em relação ao desempenho físico. Sendo assim, sua conclusão é a de que mudanças do estado de humor pouco podem ser associadas a mudanças no desempenho físico em momentos diferentes. Os atletas podem estar submetidos a treinos exagerados incompatíveis com a idade, da Pré-Iniciação até anos adiante, quando entrar na Especialização, pois segundo Paes (1996) essas divisões devem ser respeitadas. Por outro lado, o aluno que treina insuficientemente a parte física poderá nos jogos sofrer por não estar preparado adequadamente para exercer todas as capacidades de que ele precisa para a boa performance no jogo: velocidade, resistência, força e explosão (OLIVEIRA; PAES, 2012).

Gomes *et al.* (2018) apresentaram em seu estudo que o estado físico não teve ligação significativa para estes níveis emocionais, trazendo novos fatos. Existem outras variáveis ocultas que estão agindo nos estados emocionais. Verificou-se que os atletas demonstraram seus estados de humor (fadiga, raiva, depressão, vigor) muito elevados durante os jogos, sendo que tensão e confusão mental não se alteraram (SANTOS *et al.*, 2008).

Secco e Oliveira (2017) fizeram colocações que assemelham emoções e sentimentos e permitem até entendê-los como parentes ou até sinônimos, mas dentro de suas características são distintos e isso os completa toda vez que são interligados. Porém podem ser compreendidos por Damásio (2003), de acordo com quem a

emoção é um entrelaçado de todas as respostas motoras que o cérebro floresce no corpo em resposta a alguma ação. É muito complexo lidar com as emoções em todas as etapas da vida, mas nesta etapa de 12 a 17 anos o adolescente é coberto de influências sobre a emoção e entendê-las completamente é algo ainda misterioso, pois será que a emoção pode ser compreendida.

Ainda segundo Damásio (2003), os sistemas de movimentos do corpo manifestados pelos sentimentos e emoções podem acelerar ou desacelerar os batimentos do coração, causando tensão ou relaxamento dos músculos, e assim por diante. Existe um planejamento para o medo, um para a raiva, outro para a compaixão.

O sentimento é a maneira de como a mente vai decodificar e manifestar todo este programa de movimentos, pode-se dizer que ele é a vivência mental do todo. Nem todos os sentimentos têm a ver com as emoções, mas sempre tem relação com o movimento do corpo, por exemplo a sensação de fome, que uma interpretação da mente que pede uma ação em movimento (DAMÁSIO, 2013).

Indivíduos que têm uma sobrecarga de emoções negativas podem experimentar raiva, medo, frustrações, desespero, fúria, tristeza, tensão, nervosismo intenso, pânico, desespero, culpa, vergonha e embaraço. Essas emoções alteram o nível de atenção, concentração, e como consequência modificam a coordenação motora (ROSE JÚNIOR, 2008). Na variável AC, o grupo de Praticantes apresentou melhores escores para o domínio Acadêmico e Físico.

No domínio Acadêmico, os dados constataram que os praticantes têm maiores escores comparados aos não praticantes de basquetebol, oferecendo semelhança aos resultados a que chegaram Gasparotto *et al.* (2018), que mostram AC associado ao desempenho acadêmico sendo tão estudado pelo mundo científico, visto que atividades complementares dentro das escolas, sejam elas artísticas, educacionais, musicais ou esportivas, podem contribuir para essa variável, indo ao encontro dos resultados desta pesquisa que demonstram um escore melhor de quem pratica basquetebol.

Não é apenas o AC – outras atividades desenvolvidas nas escolas fora das tradicionais parecem beneficiar o rendimento acadêmico dos alunos, entre as quais

destacam as atividades corporais sistematizadas (ABRUZZO *et al.*, 2016). Um estudo que ajudasse a observar com outros olhos a importância de demais atividades extracurriculares entrelaçadas à comunidade em geral e às escolas e das presentes em clubes e centros de basquete da prefeitura.

O domínio social apresentou maiores escores dos praticantes comparados aos não praticantes, supondo que os estudos já realizado sobre o AC, um dos principais constructos já compreendidos, podem estar associados também à prática de esportes coletivos, principalmente elevando o conhecimento de si mesmo perante outro, o que possibilita a criação de novos vínculos socioafetivos. (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2002).

Compreendendo os fatores acadêmicos é possível de entender que atividades complementares estrategicamente sendo executadas pela escola/clube/centro de basquete, pode ir além da educação tradicional, pois poderá promover uma atenção nos tributos psicológicos relacionados ao desempenho escolar usando atividades extracurriculares como ferramenta de socialização, podem até contribuir para o rendimento acadêmico (ABRUZZO *et al.*, 2016).

Desenvolvido sob o paradigma qualitativo de análise, aplicou-se entrevistas Semiestruturadas a um grupo de dez treinadores ibéricos de elite e a um grupo de catorze atletas de elite que integram as seleções nacionais da Suíça, Celestino, Leitão e Pereira (2019) estudaram países como Noruega, Dinamarca, França, Itália, Romênia e Letônia e obtiveram resultados que indentificaram, treinadores e atletas dando importância a fatores associados aos aspectos sociais, contextuais como amigos, família ou pares, aspectos socioculturais como determinantes modeladores da excelência da capacidade de influencia neste contextos esportivos. Nos estudos de Celestino *et al.* (2019) evidencia-se que outras variantes estão agindo no meio do esporte coletivo, umas delas os fatores atribuídos aos fatores sociais, interpretados como secundários, parecendo ser tão importante, porém não os substituindo das outras variáveis.

O domínio Físico apresentou em seus dados que os praticantes têm escores mais altos comparados aos não praticantes, tanto a QV relacionada ao AC está entrelaçada de outras variáveis difíceis de serem mensuradas, além de serem

arquitetados sob a perspectiva única de cada sujeito, mas entende-se que ter um AC alto, bom pode promover melhores percepções sobre a QV que está interligado em todas essas dimensões (BRETÓN PRATS; ZURIGA ORTEGA; CEPERO GONZÁLEZ, 2017).

Outros estudos como no esporte paraolímpico também se posicionam com resultados importantes aos praticantes esportivos, Bacerra *et al.* (2019), a motivação para a prática do esporte deu-se por desejos pessoais como busca por melhor qualidade de vida, independência física e desejo de reabilitar-se, bem como possibilidade de se desenvolver no campo pessoal, social e educativo inicia-se pela atividade física, por estar fazendo parte de uma equipe trazendo mais um evidencia de que o esporte pode ser uma ferramenta para a busca do bem-estar (BACERRA *et al.*, 2019).

Um das grandes preocupações mundiais sobre as atividades que os adolescentes exercem é a atividade física nessa fase, principalmente a baixa desta pratica que pode ocasionar prejuízos na saúde por estar no caminho inverso ao da OPAS (2019), existem níveis aceitáveis de atividade física que promova prevenções para diversas doenças, o baixo AC físico pode prejudicar a compreensão do que cada um entende sobre si comparado a outra pessoa pela falta de capacidade de se movimentar até com transtornos coordenativos que são vistos na aulas de Educação Física (SANTOS; PALACIO; GONZÁLEZ, 2018).

Nesta situação entende-se os alunos com sobrepeso que tem muitas dificuldades em estar presente nas atividades esportivas, vale ressaltar os alunos com deficiência física, paraplegia ou tetraplegia, dificultam primeiro pela acessibilidade estrutural de escolas e depois pela falta de preparação dos professores aprendem muito pouco sobre a deficiência em sua preparação nas universidades. Estudo que corrobora com os resultados da pesquisa onde está associado o indivíduo que tem melhores escores do domínio físico associados ao AC prevalecendo o entendimento que o praticante está sendo beneficiado pela atividade esportiva (SANTOS; PALACIO; GONZÁLEZ, 2018).

Bandura (1986) já dava sua real importância para a AE há muito tempo, um facilitador da construção da personalidade, já que ela concebe o julgamento feito pelos

indivíduos de suas próprias capacidades para constituir e executar direções de ações promovidas para alcançar determinados tipos de comportamento. Não é relacionado com as capacidades que o aluno/atleta possui, mas sim com o julgamento do que ele pode fazer com quaisquer que sejam suas habilidades.

O constructo da AE nesta pesquisa teve uma média pouco ascendente, moderada, mas superior perante os não praticantes de basquetebol que tem sua percepção desta variável ligada a execução da tarefa bem-sucedida ou malsucedida, que pode ser uma ação complexa ou simples segundo (DIOTAIUTI *et al.*, 2017). No caso da prática do basquetebol pode-se notar as execuções dos movimentos treinados e ritmizados como a passada da bandeja, os saltos usando os dois pés ao mesmo tempo, ou o passe que exige uma técnica precisa para se obter sucesso (OLIVEIRA, 2012), já no caso do não praticante a performance acadêmica ligada também a boas notas ou notas ruins que irão gerar essa percepção melhor ou pior da AE. (GASPAROTTO *et al.*, 2018).

Pode-se entender que o indivíduo está imerso em diferentes ambientes, sejam eles esportivos ou educacionais, todos parecem influenciar no desenvolvimento dos alunos/atletas, colaborando com o estudo, o qual sugere a constatação que indivíduos na fase da adolescência passam por muitas experiências esportivas que são satisfatórias proporcionadas pelo ambiente, gerando um estímulo positivo, estes ambientes possibilitam maiores escores de AE para os praticantes de esporte, podendo ser necessário apreender sobre os ambientes na escola e na comunidade sugerindo pelo estudo que é benéfico aumentar a oferta destas atividades em cada ambiente (MENDES; PICCOLI; QUEVEDO, 2014).

É possível que esses ambientes da prática do basquetebol sejam uma espécie de causadores de maiores escores de AE, pois aprendendo os movimentos e sabendo fazer o que o professor exige no treino e jogo, pode ser um estímulo para a percepção da boa execução da tarefa Oliveira e Paes (2012), podendo dar um olhar de si mesmo satisfatório de seu gesto técnico. A preocupação deste estudo ~~era~~ aconteciam as coletas, foi tentar escolher o momento que se entende, ter menor quantidade de variáveis causadas pelo ambiente, no caso fora do ambiente de competição onde a

emoção e sentimentos, tomam conta dos alunos/atletas (DAMÁSIO, 2003; SECCO; OLIVEIRA, 2017).

Sendo assim o episódio que deve ser levado em consideração é com as coletas, elas foram realizadas em momentos mais tranquilos, pois os períodos de competição podem gerar outras variáveis difíceis de serem controladas, exemplo disso é: após um jogo que a equipe foi vitoriosa ou após uma derrota em que a equipe não se superou, Bandura (2006) comenta que o período de análise e avaliação da AE pode-se haver resultados distintos, pois essa variável é modificável dinâmica, não é um traço estável da personalidade, podendo variar de situação para situação dependendo do ambiente.

Estudo no voleibol sinaliza relação com o estudo, pois foram identificadas similaridades positivas e significativas entre o fluxo e AE que evidenciam que esses achados, além de confirmar que o fluxo está associado à percepção que os atletas possuem sobre suas capacidades para enfrentar os desafios que possuem.

(GOMES *et al.*, 2012). Desafios que podem ser compreendidos com a execução bem-sucedida dos fundamentos do esporte na competição objetivando uma tarefa complexa com de se alcançar.

Vieira *et al.* (2011) fez seu estudo usando atletas do atletismo do Paraná com objetivos de mensurar a AE relacionadas a ansiedade, concluíram que atletas que possuem altas expectativas de resultados apresetaram níveis maiores de ansiedade cognitiva somática e de autoconfiança. O resultado demonstra que atletas com altas expectativas de execução a tarefa sofrem, por isso pode-se entender que o ambiente do basquetebol causa maiores índices de ansiedade em alunos/atletas gerando desgaste cognitivo em alguns casos, como da época de avaliações e provas. Colaborando com score melhor para a AE dos não praticantes comparados aos praticantes de basquetebol, uma pesquisa elucidou que atletas que se autoanalisaram satisfatoriamente, tiveram melhores scores para a AE Machado *et al.* (2014), acordando que praticantes de basquetebol são estimulados a terem uma construção positiva da AE dentro do ambiente esportivo da escola, clube e escolinhas públicas da prefeitura, pois existe relações com outras variáveis, como a autoestima relacionada ao performance do jogo.

CAP  
06

# CONSIDERAÇÕES FINAS



O presente estudo objetivou de forma geral comparar, associar e correlacionar a AE, AC e QV de jovens praticantes e não praticantes de basquetebol. Para isso foram aplicados questionários que receberam informações de 197 praticantes de basquetebol e 89 não praticantes. De forma específica, analisou-se o perfil da amostra e observou-se que a idade média foi de  $14,4 \pm 1,6$  anos para a amostra total, de  $14,3 \pm 1,6$  anos para o grupo de praticantes de basquetebol e de  $14,7 \pm 1,5$  anos para o grupo de não praticantes.

No objetivo específico da caracterização do nível socioeconômico, foi constatado que os alunos/atletas praticantes de basquetebol são a maioria da classe A e do sexo masculino, além de se ter concluído que o perfil socioeconômico apresentou ter pouca influência, relação ou associação nas variáveis de AC, AE e QV, sugerindo que a maioria dos alunos/atletas estudados tem perfis parecidos economicamente e socialmente, elucidando esse resultado. Apesar disso, existem estudos semelhantes a este que mostraram que as características socioeconômicas têm influência nos aspectos sociais e da qualidade de vida, e o atleta que apresenta melhores condições, mais recursos financeiros, pode receber ajuda na qualidade dos treinos e até mesmo no fator recuperação de lesões, pois o atleta está sujeito a sofrer com isso e caso aconteça precisa ter condições financeiras para pagar um tratamento.

Os objetivos das possíveis Associações foram feitos e relataram que o domínio do conceito acadêmico está relacionado à QV geral positivamente. Isso mostra que o praticante que possui um AC acadêmico melhor também pode apresentar uma melhor percepção de QV geral.

O AC Social apresentou associações com a dimensão da Família/Ambiente e Ambiente Escolar, evidenciando que os praticantes que têm um melhor AC social podem ter melhores percepções da família e da escola. Por tal resultado é possível apontar que a prática do basquetebol pode ajudar a compreender estas percepções. O AC social está associado à QV geral, a sentimentos de forma positiva, relacionando um crescente nestas variáveis, evidenciando a socialização entre os atletas, o domínio de saber lidar com os sentimentos e a preocupação com sua QV geral, que pode estar associada à prática de uma atividade física. O AC social está associado negativamente com o estado emocional. O AC emocional, associado ao Estado

Emocional, se mostrou negativo, apresentando que os praticantes estão com dificuldades em lidar com suas emoções, podendo o praticante de basquetebol estar passando por estresse e frustrações provenientes dos diferentes ambientes, casa, escola e treino.

O AC emocional está associado à dimensão da Autonomia e Tempo livre, estado emocional positivamente contrário à relação com a dimensão da família de ambiente, amigos e apoio social, que apresentaram negativamente, ou seja, um diminui a percepção do outro quando existe a associação.

Na dimensão familiar os praticantes apresentaram melhores escores se comparados aos não praticantes, esclarecendo que é possível o atleta ter uma relação diferente com sua família. Acredita-se que o fato de ser atleta é uma espécie de atração esportiva, devido aos jogos, aos eventos em que participam. É legal ser atleta, a família tem orgulho de ele jogar e participar de competições, por isso existe um carinho recíproco dividido entre eles. Sua percepção é que a família é uma base, um porto seguro no processo de desenvolvimento esportivo.

Na dimensão do AC físico os praticantes tiveram relações positivas com a saúde/atividade física, sentimentos, família e o financeiro. Isso mostra que o praticante que possui melhor AC físico irá influenciar outras variáveis ligadas às dimensões da QV, e que os aspectos do sentimento, família e o financeiro são importantes para esta percepção.

A dimensão da AE está associada à QV geral, saúde, sentimentos e ambiente escolar. Isso mostra a importância de o atleta estar executando suas tarefas, podendo levá-lo para uma melhor percepção de sua QV, de sua saúde, uma sabedoria para lidar com seus sentimentos e estar bem no ambiente escolar.

Na associação dos não praticantes as relações apresentadas na dimensão do AC acadêmico foram positivas com o ambiente escolar. Na dimensão do AC social as associações foram positivas com a QV geral, de sentimentos. Já na associação de autopercepção, família, ambiente escolar e amigos/apoio social, apresentaram-se negativas.

O AC emocional teve associações negativas com os sentimentos, associação positiva com o emocional, autopercepção, e um contraponto a isso, teve associações negativas com a família, amigos e ambiente escolar evidenciando que pode ser um ponto a ser mais trabalhado e observado pela escola e também pela família.

O AC físico teve associações positivas com a QV geral, saúde e sentimentos, A AE teve associação positivas com os sentimentos.

Outros aspectos específicos foram analisar e comparar a AE dos praticantes e não praticantes. Esses dados apresentaram uma moderada melhora nos escores de AE dos praticantes quando comparados aos não praticantes.

Sugere-se que para se ter um estudo mais detalhado será preciso uma maior quantidade de indivíduos, porém a AE está relacionada com a execução bem-sucedida, podendo ser acadêmica ou esportiva. É possível que todas as instituições pesquisadas tenham atividades que capacitem os alunos a terem sucesso na execução de suas atividades na escola, no clube ou em centros de treinamento, gerando uma similaridade neste resultado.

Outros aspectos específicos foram o do AC, uma comparação dos praticantes e não praticantes. Os resultados evidenciaram que o praticante tem melhor escore de AC em várias dimensões quando foram comparados aos não praticantes – pode-se citar as dimensões acadêmica, social, emocional e familiar.

A performance acadêmica do atleta apresentou melhores escores. Isso pode estar ligado aos objetivos esportivos do atleta, que é o de ir bem na escola para poder viajar e treinar, e acontece geralmente junto à cobrança dos pais, em alguns casos até exagerada, culpando o esporte por às vezes atrapalhar a rotina e dificultar os estudos, mas essa cobrança gera ao aluno um maior foco nos estudos, pois se ele for mal na escola a família tende a paralisar a frequência em jogos e treinos. Desta forma, o atleta faz o necessário para estar bem com as notas escolares, por medo de perder os treinos e os jogos. O comportamento e o bom relacionamento com os professores pode ser percebido, pois o atleta tende a ser bem relacionado criando um vínculo de amizade com os professores. O esporte pode ser um aliado educacional, pois ele gera diversas regulações e estímulos, principalmente aqueles que envolvem os raciocínios

rápidos e que estão entrelaçados aos sistemas complexos da tática do basquetebol. Às vezes essa tática tem mais 30 movimentações diferentes, altamente imprevisíveis, pois o técnico precisa de jogadores pensantes que trabalhem em equipe. O jogador que responde melhor às estratégias do jogo também trabalha como cooperador coletivo, fazendo com que a nota da equipe, a nota do jogo tenha que ser coletiva. O trabalhar em grupo é natural para o atleta de basquete, pois está disciplinado a agir como equipe.

Na dimensão social, os praticantes apresentaram melhores escores comparados aos não praticantes, evidenciando assim que o fato de as relações sociais, a criação dos novos vínculos de amizade, os fatores eventos esportivos e os fatores treinos e jogos causam uma espécie de espetáculo esportivo, e os atletas sentem até artistas do esporte, pois existe uma sinergia que contagia as pessoas, os amigos, a família, e principalmente atrai a criação de novas amizades, dando ao espírito do atleta a capacidade da fácil socialização, além da importância que se notados atletas perante as amizades longínquas que perduram até mesmo por décadas. Esta afirmação se observa pelas competições Master de Basquete pelo Brasil, pessoas que jogam há mais de 50 anos juntas, um verdadeiro casamento bem-sucedido.

Na dimensão emocional, os praticantes apresentaram piores escores quando comparados aos não praticantes, fato importante que pode ser interpretado com relação ao sofrimento esportivo. Esse sofrimento ocorre em várias situações: dificuldades em aprender os fundamentos do jogo, principalmente quando se chega a fase de especificação do esporte, pois são os mais fundamentados que têm maiores chances de conseguirem o sucesso nos jogos de alto nível; por outro lado, os que não conseguem ser bem coordenados, os que não estão fisicamente compatíveis com o nível do jogo acabam sofrendo emocionalmente, pois terão dificuldades em executar os movimentos que o jogo de basquete exige, terão dificuldades em ser dinâmicos.

Outro fator são as lesões durante o processo de treinamento. Elas podem afetar diretamente o atleta, seja pela dor física ou pela dor emocional – ficar fora por uma lesão grave é extremamente difícil emocionalmente, pois o atleta se sente incapacitado por não atingir aquele objetivo a que se direcionou, seu corpo é seu instrumento de trabalho, ele em condições ruins não atingiu o mínimo para se jogar,

causando desgaste, estresse, até mesmo lesões irreversíveis. Estar com a parte mental das emoções em equilíbrio é relevante para se alcançar o bem-estar.

Por isso é tão necessária a parte do trabalho psicológico, estar atento aos jogadores que estão sofrendo emocionalmente também pelos casos relacionais, pois nesta fase da adolescência, são muitas as emoções, as mudanças hormonais. O descarte é outro caso de sofrimento. Ele pode acontecer pelo corte do atleta da equipe sem uma justificativa plausível que seja acompanhada de uma crítica construtiva, justificando por que ele está sendo cortado. Mesmo naquele atleta que joga pouco, que não tem oportunidades semelhantes aos outros, o descarte pode causar sofrimento e ter influência direta em seu AC, pois o esportista crítico se sente inferior quando comparado ao seu amigo que tem o tempo maior de quadra, quando isso não é justificado. O não praticante tem um escore melhor, talvez baseado que o estresse acadêmico, por exemplo, daquele aluno que faz sacrifícios em tempos de provas talvez não seja maior que o estresse proporcionado pela derrota, pela lesão ou pelo descarte que é o desligamento de uma equipe sem justificativa.

Outros objetivos específicos considerados foram as dimensões da QV do praticante comparado ao não praticante: As dimensões foram QV geral, Saúde e Atividade Física, Sentimentos, Emocional, Autopercepção e Tempo Livre, Família/Ambiente Escolar e Amigos e apoio social.

A dimensão da QV geral teve para os praticantes melhor escore elucidando que quem está no esporte treinando semanalmente tende a ter uma QV geral melhor comparado à do não praticante, talvez com atividades insuficientes para se ter uma boa percepção da QV, sugerindo que a prática do basquetebol é uma espécie de atividade que ajuda nesta fase da vida o adolescente a não se tornar sedentário.

A dimensão do Sentimentos apresentou melhores escores para os praticantes. Isso pode ser possível devido aos praticantes terem que lidar com seus sentimentos e frustrações do esporte tão cedo, sejam eles para a busca da felicidade de outras formas. Um exemplo é o atleta se abnegar de festas ou tempos maiores de férias para poder treinar e se preparar para as competições. Muitas vezes as competições podem acontecer em dias importantes como o Natal ou mesmo o dia de seu aniversário,

optando por ficar longe de seus familiares. Essas experiências são notáveis, elas podem estar influenciando essa variável.

A dimensão do Estado emocional apresentou pior escore para o praticante, levando a crer que as emoções são difíceis de serem controladas, ainda mais no adolescente, que nesta fase de transição, seja ela puberal, seja ela psicológica, apresentam novos desafios para se lidar com as próprias mudanças. Uma emoção a ser considerada é a paixão do menino ou menina muitas vezes observada na infância – pode vir a ser um transtorno para os praticantes de basquetebol nas competições, seja ele causado por um laço interrompido por uma das partes levando ao declínio emocional naquele momento de uma final, de um jogo importante.

O fato já considerado são os próprios desgastes das rotinas de treinamento, as condutas equivocadas dos técnicos, a pressão dos pais ser muito forte, podendo causar um declínio emocional. O não praticante também está passando por situações parecidas, mas a vivência do jogo, de estar em uma final ou mesmo de ter sofrido uma lesão, é algo específico e único apenas para quem conhece e vive o esporte.

A dimensão Autonomia e Tempo livre apresentou melhores escores para os praticantes, destacando que ele conseguiu dividir seu tempo para também estar em momentos de lazer, mas muitas vezes esses momentos são identificados no próprio ambiente do jogo, da competição, estar com os amigos após os jogos, ir comer um lanche, participar de uma confraternização com a equipe, isso pode ser levado em consideração por essa percepção.

É importante mencionar que o basquete, o esporte de uma forma geral, às vezes transcende a percepção do que é seu tempo livre. Ele escolhe às vezes jogar nos próprios momentos de lazer que teria. Alguns estudos disseram, ao contrário, que os praticantes de esportes têm menor tempo do que os não praticantes. Neste caso, foi interpretado o nível de preparação que ele precisa para a competição em que irá participar, no caso uma competição em nível Estadual seu tempo de treino não será o mesmo que o preparo que se tem para uma competição em nível Internacional. Cada momento exige um tempo maior ou menor de preparação. No caso deste estudo os atletas treinam três vezes na semana, em sessões 1h30 minutos, não ocupando tanto tempo de sua autonomia e tempo livre.

Não dimensão Amigos e Apoios Social os praticantes apresentaram melhores escores. Isso pode ter ocorrido devido ao alto vínculo com os colegas em treinos e jogos além das competições. Muitos familiares também embarcam junto para acompanhar seus filhos em competições, e há de se notar a exibição do atleta no jogo e as novas experiências imprevisíveis causadas pelo ambiente esportivo. Existem amigos que os estão seguindo nas redes sociais, torcendo pelas vitórias e dando apoio aos resultados deste atleta. São esses fatores que podem dar melhores condições à percepção desta dimensão.

Após explanarmos os resultados dos objetivos específicos, pode-se pensar que o estudo atingiu seu objeto geral, a prática do basquete torna-se importante, pois ela pode proporcionar ganhos físicos, emocionais, além da percepção mais aguçada da AE, AC e da QV, mostrando que ela é importante de muitas formas, como aula da Educação Física na escola, como treino ou como jogo. O estudo promoveu a compreensão de muitos dados, porém existem muitas outras variáveis que podem ser também correlacionadas e podem ter recebido influência nos resultados finais.

Pode ser necessário que se promova outras combinações, com instrumentos de avaliação ligados ao basquetebol, talvez a criação de um novo instrumento com maior especificidade, que possa aferir os fatores de estresse do praticante de basquetebol.

# REFERÊNCIAS



ABRUZZO, K. J. *et al.* Does participation in extracurricular activities impact students. **Journal for Leadership and Instruction**, v. 15, n. 1, p. 21-26, 2016. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1097547>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ALBUQUERQUE, C.; OLIVEIRA, C. A importância do auto-conceito. **Revista do instituto politécnico de vitéu-vitéu**, Portugal, v. 7, p. 106-120, 2002.

ALVES, C.; LIMA, R. V. B. Impacto da atividade física e esportes sobre o crescimento e puberdade de crianças e adolescentes. **Revistas Paulista de Pediatria**, v. 26, p. 383-391, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v26n4/a13v26n4.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ANTONELLI, M. *et al.* Pedagogia do esporte e basquetebol: considerações para a elaboração de programa esportivo a partir do clube Divino Salvador, Jundiaí-Sp. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 49-65, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637674>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ARAUJO, D. S. M. S.; ARAUJO, C. G. S. Aptidão Física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista brasileira de medicina do esporte**, v. 6, p. 194-203, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v6n5/v6n5a05.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BACERRA, M. A.; MANZINI, M. G.; MARTINEZ, C. M. S. Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 2, set. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cadbto/v27n3/2526-8910-cadbto-2526-8910ctoAO1662.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BANDURA, A. Guide for constructing self-efficacy scales. In: **Self-efficacy beliefs of**. 2006.

BANDURA, A. **Self-efficacy**: the exercise of control. New York: Freeman, 1997.

BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a Unifying Theory of Behavioral Change. **Psychological review**, Palo Alto, California, v. 84, n. 2, p. 191, 1977. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1977-25733-001>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BANDURA, A. Social Foundations of Thought and Action. **Englewood Cliffs, NJ**, 1986.

BANDURA, A. Social Learning Theory. **General Learning Corporation**, New Yourk City, 1977.

BANDURA, A. **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Tradução de Ronaldo Catado Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- BOMPA, T. O. **Periodização**: teoria e metodologia do treinamento. [S.l.]: Phorte, 2002.
- BRETÓN PRATS, S.; ZURIGA ORTEGA, F.; CEPERO GONZÁLEZ, M. Análisis de los constructos de autoconcepto y resiliencia, jugadoras de baloncesto de categoría cadete, **Revista de psicología del deporte**, v. 26, p. 127-132, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5980201>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- BULLINGER, M. *et al.* Developing and evaluating cross-cultural instruments from minimum requirements to optimal models. **Quality of Life Research - Rapid Communication of Oxford**, v. 2, p. 451-459, Dec. 1993. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00422219>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CABRAL, A. L.; MORAIS, K. C. A.; MORAES, P. M. Autoconceito e Qualidade de Vida na Obesidade Infantil: Impacto para Infância? **3º Congresso Internacional de Pesquisa, Ensino e Extensão - CIPEEX**, p. 2837-2839, 2019. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/ic-uni/article/view/1493/1858>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CARREL, A. L. *et al.* Improvement of fitness, body composition, and insulin sensitivity in overweight children in school-based exercise program: a randomized, controlled study. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 159, p. 963-968, 2005. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16203942>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CASAS, F. *et al.* The well-being of 12-to 16-year-old adolescents and their parents: Results from 1999 to 2003 Spanish samples. **Social Indicators Research**, v. 83, p. 87-115, 2007. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-006-9059-1>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CASTEJÓN, J. L. *et al.* Differences in Learning Strategies, Goal Orientations, and Self-Concept between Overachieving Normal-Achieving, and Underachieving Secondary Students. [S.l.]: [s.n.], v. 7, p. 1438, Sept. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27729879>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CELESTINO, T. F. S.; LEITÃO, J. C. G. C.; PEREIRA, A. M. A. Determinantes para a excelência na Orientação: as representações de treinadores e atletas de elite. **RETOS: nuevas tendencias en educación física y recreación**, n. 35, p. 91-96, 2019. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/59118>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CIA, F.; BARHAM, E. J. Estabelecendo relação entre autoconceito e desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psico**, v. 39, p. 21-27, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1526/2791>. Acesso em: 2 mar. 2020.

- COELHO, V. A. *et al.* Validação do questionário Autoconceito Forma 5 numa amostra de crianças e adolescentes portugueses. **International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología**, v. 1, p. 67-78, 27 abr. 2015. Disponível em: <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/11/0>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- COUTINHO, N. F.; DOS SANTOS SILVA, S. A. P. Conhecimento e Aplicação de Métodos de Ensino para os Jogos Esportivos Coletivos na formação profissional em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 117-144, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2086/4829>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução de Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUBEROS, R. C. *et al.* Estudio de la resiliencia en función de la modalidad deportiva: fútbol, balonmano y esquí. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, p. 157-161, 2016. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/41313/25430>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- CUNHA, R. A. **Elaboração e validação do questionário sobre qualidade de vida de atletas (QQVA).** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/KMCG-7NRM33/1/disserta\\_\\_o\\_renata.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/KMCG-7NRM33/1/disserta__o_renata.pdf). Acesso em: 2 mar. 2020.
- DAMÁSIO, A. O homem está evoluindo para conciliar a emoção e a razão. **REVISTA VEJA CIÊNCIA**, p. 2, 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/o-homem-esta-evoluindo-para-conciliar-a-emocao-e-a-razao-diz-antonio-damasio/>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. The "What and "Why" of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behaviour. **Psychological Inquiry**, v. 11, p. 227-268, 2000. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/S15327965PLI1104\\_01](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/S15327965PLI1104_01). Acesso em: 2 mar. 2020.
- DIOTAIUTI, P. *et al.* A structural Model of Self-efficacy in Handball Referees. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 811, 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28572783>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- FERRANS, C. E. Development of a conceptual model of quality of life. **School Inquiry Nurs Pract**, v. 10, p. 293-304, 1996. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9009823>. Acesso em: 2 mar. 2020.

FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: Consensos e divergências. *In*: ROSE JÚNIOR, D. *et al.* **Esporte atividade física na infância e na adolescência**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 3, p. 45.

FIBA. **Federação Internacional de Basquete**, 2019. Disponível em: [www.fiba.basketball](http://www.fiba.basketball). Acesso em: 8 jun. 2019.

FLECK, M. P. *et al.* Review of the guidelines of the Brazilian Medical Association for the treatment of depression (Full Version). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 31, p. s7-17, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s1/en\\_a03v31s1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s1/en_a03v31s1.pdf). Acesso em: 2 mar. 2020.

FLECK, M. P. A. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL - 100): características e perspectivas. **Ciência. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 33-38, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7077.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

FLORINDO, A. A.; RIBEIRO, C. H. E. Atividade Física e Saúde em Crianças e adolescentes. *In*: ROSE JÚNIOR, D. *et al.* **Esporte e Atividade Física na infância e na adolescência**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 2, p. 30.

FORATTINI, O. P. **Ecologia, epidemiologia e sociedade**. São Paulo: Artes Médicas - USP, 1992.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física / UEM**, Maringá/PR, v. 25, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/refuem/v25n1/1983-3083-refuem-25-01-00153.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte**: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275218/1/Galatti\\_LarissaRafaela\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275218/1/Galatti_LarissaRafaela_M.pdf). Acesso em: 2 mar. 2020.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; DARIDO, S. C. Sport Pedagogy : tex books applied to team sports. **Motriz: Revista de Educação Física** , v. 16, p. 751-761, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n3p751>. Acesso em: 2 mar. 2020.

GALLAHUE; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Tradução de Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. São Paulo: Phorte, 2001.

GARCIA, F.; MUSITA, G. **Autoconceito forma 5**. Madrid: [s.n.], 1999.

GARCÍA, J.; MUSITU, G.; VEIGA, F. Autoconcepto en adultos de España y Portugal, **Psicothema**, v. 18, n. 3, p. 551-556, 2006. Disponível em: <http://www.psicothema.es/pdf/3252.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

GASPAR, T. *et al.* Qualidade de vida Instrumentos Kidscreen-52 para pais e crianças e adolescentes. **Revista Peruana de Psicometria**, v. 2, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/292720947\\_QUALIDADE\\_DE\\_VIDA\\_INSTRUMENTOS\\_KIDSCREEN-52\\_PARA\\_PAIS\\_E\\_CRIANCAS\\_E\\_ADOLESCENTES](https://www.researchgate.net/publication/292720947_QUALIDADE_DE_VIDA_INSTRUMENTOS_KIDSCREEN-52_PARA_PAIS_E_CRIANCAS_E_ADOLESCENTES). Acesso em: 2 mar. 2020.

GASPAROTTO, G. S. *et al.* O autoconceito de estudantes de ensino médio e sua relação com o desempenho acadêmico: uma revisão sistemática. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 31, n. 1, p. 21-37, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v31n1/v31n1a03.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

GAYDOS, R. Peyton Manning reflects on Kobe Bryant's death: 'It's real hard to comprehend'. **FOX NEWS**, Jan. 31, 2020. Disponível em: <https://www.foxnews.com/sports/peyton-manning-kobe-bryant-death>. Acesso em: 1º fev. 2020.

GEOGRÁFICOS, M. Mapa da região metropolitana de Curitiba. **Mapas Geográficos RMC**, 2019. Disponível em: <http://www.baixarmapas.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

GOMES, J. H. *et al.* Estado de humor e desempenho físico de jogadores jovens de basquetebol ao longo de uma competição. **Journal of Physical Education**, v. 29, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/40426/751375138346>. Acesso em: 2 mar. 2020.

GOMES, S. S. *et al.* O Fluxo No Voleibol: Relação Com A Motivação, Autoeficácia, Habilidade Percebida E Orientação Às Metas. **Educação Física UEM**, Maringá/PR, v. 23, n. 3, p. 379-387, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n3/06.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Translation, cross-cultural adaptation and psychometric properties of the KIDSCREEN-52 for the Brazilian population. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 29, p. 364-371, Sept. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n3/en\\_a10v29n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n3/en_a10v29n3.pdf). Acesso em: 2 mar. 2020.

HAYNES, A. B. *et al.* A surgical safety checklist to reduce morbidity and mortality in global population. **New England Journal of Medicine**, v. 360, p. 491-499, 2009. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMsa0810119>. Acesso em: 2 mar. 2020.

HEINEMANN, G, E.; GREGUOL, M.; OLIVEIRA, A. R. Análise da qualidade de vida em atletas de basquetebol da cidade de Londrina, Paraná. **Conexões: Educação**

- Física, Esporte e Saúde**, Londrina-PR, v. 16, n. 3, p. 266-280, jul./set. 2018.  
Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8649963/18456>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- IBGE. IBGE-EDUCA JOVENS. **Prática de esportes e atividade física**, 2015.  
Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/19051-pnad-esportes-2015-pratica-de-esportes-e-atividades-fisicas.html>. Acesso em: fev. 2020.
- ICI. **Jogos Escolares fase Curitiba**, 2019. Disponível em:  
<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/jogos-escolares-de-curitiba/3082>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- IGLESIAS, R. B. **Qualidade de vida de alunos-trabalhadores que cursam a graduação e enfermagem**. 2002. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637674>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- JOSEPH, R. P. *et al.* Physical activity and quality of life among university students: exploring self-efficacy, self-esteem, and affect as potential mediators. **Quality of life research**, v. 23, n. 2, p. 659-667, Mar. 2014. Disponível em:  
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4049193/>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- LAZZOLI, J. K. *et al.* Atividade física e saúde na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v. 4, n. 4, jul./ago. 1998. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v4n4/a02v4n4.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 12o ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LONE, P. A.; LONE, T. A. A Study on Relation between Self Concept and Academic Achievement among Secondary School Students of Jammu District. **Jornal of Education and Practice**, p. 19-23, 2016. Disponível em:  
<https://eric.ed.gov/?id=EJ1122537>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- LUIZ *et al.* Critério de Classificação Econômica Brasil. **Critério Brasil - ABEP**, abril 2018. Disponível em: [www.abep.org](http://www.abep.org) – [abep@abep.org](mailto:abep@abep.org). Acesso em: 2 mar. 2020.
- MACHADO, T. A. *et al.* Autoeficácia Esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. **Journal of Physical Education**, v. 25, n. 2, p. 323-333, 2014.
- MACHADO, G. V.; GALLATI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e projetos sociais: Interlocuções sobre a prática pedagógica. **Revista Movimento da Escola de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 21, p. 405-418, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48275/34216>. Acesso em: 2 mar. 2020.

MATSUDO, V. K. R.; MATSUDO, S. M. M. Evidências da importância da atividade física nas doenças cardiovasculares e na saúde. **Diagnóstico e Tratamento**, v. 5, n. 2, p. 10-17, abr./jun. 2000.

MENDES, D.; PICCOLI, J. C. J.; QUEVEDO, D. M. Qualidade de vida relacionada à saúde de escolares do ensino fundamental de Campo Bom, RS. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 22, n. 4, p. 47-54, out. 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/4902/3492>. Acesso em: 2 mar. 2020.

MISSIAS-MOREIRA, R.; VALENTIM, O. S. (org.). **Qualidade de vida e saúde em uma perspectiva interdisciplinar**. Curitiba: CRV, v. 2, 2018.

MONTEIRO, V. Promoção do autoconceito e auto estima através de um programa de leitura a par. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, p. 147-155, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v25n1/a18v25n1.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

MOREIRA, N. B. *et al.* Quality of life perception of basketball master athletes: association with physical activity level and sports injuries. **Journal of sports sciences**, v. 34, n. 10, p. 988-996, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26323316>. Acesso em: 2 mar. 2020.

OLIVEIRA, A. K. C.; MATSUKURA, T. S.; FONTAINE, A. M. G. V. Autoconceito e Autoeficácia em crianças com Deficiência Física. **Revista Bras. Ed. Esp.**, v. 23, p. 145-160, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v23n1/1413-6538-rbee-23-01-0145.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

OLIVEIRA, V. O processo de Ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol. **Research Journal**, Campinas, v. 45, p. 166-183, 2008.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia da iniciação a especialização**. Londrina: Midiograf, 2004.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia: da iniciação e especialização**. 2. ed. Londrina: Sportraining, 2012.

OPAS. Folha informativa - Saúde mental dos adolescentes. **OPAS**, 2019. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839). Acesso em: 15 jun. 2019.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. 3. ed. Campinas, SP: [s.n.], 1997.

PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas, RS: ULBRA, 2001.

PEREIRA E. S.; MOREIRA, O. C. Importância da aptidão física relacionada à saúde e aptidão motora em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 7, n. 39, p. 309-316, maio/jun. 2013. Disponível em: <http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/531/489>. Acesso em: 2 mar. 2020.

PEREIRA, C. S.; CIA, F.; BARHAM, E. J. Autoconceito, habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico na puberdade: Inter-relações e diferenças entre sexos, **Interação em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 203-213, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7870/10249>. Acesso em: 2 mar. 2020.

PILLI, L. *et al.* **Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016**. ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2018. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:x3cEuTuo8lYJ:www.abep.org/Servicos/Download.aspx%3Fid%3D12+%&cd=1&hl=es-419&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 2 mar. 2020.

PONTES, S. S. *et al.* Práticas de atividade física e esporte no Brasil. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 32, jan. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/8406/pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

POSSER, J.; ALMEIDA, L. H.; MOLL, J. Educação Integral: Contexto Histórico Na Educação Brasileira. **Revista de Ciências Humanas**, v. 17, n. 28, p. 112-126, jul. 2016. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/2177/2063>. Acesso em: 2 mar. 2020.

REEVE, J.; COLE, S. G.; OLSON, B. C. Adding excitement to intrinsic motivation research. **Journal of Social Behavior and Personality**, v. 1, n. 3, p. 349-363, 1986. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1987-30349-001>. Acesso em: 2 mar. 2020.

REVERDITO, R. S. **Pedagogia do Esporte e Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano**: Indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322128/1/Reverdito\\_RillerSilva\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322128/1/Reverdito_RillerSilva_D.pdf). Acesso em: 2 mar. 2020.

RIBEIRO, L. S.; MARINHO, C. L. F. A importância dos esportes coletivos no âmbito escolar para o desenvolvimento sensorio motor de crianças e jovens. **UNINGÁ**, Maringá/PR, v. 53, n. 3, p. 170-175, jul./set. 2019. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/3049/2026>. Acesso em: 2 mar. 2020.

- ROBINSON, T. N. Preventing obesity in children and adolescents. **Permanente**, p. 37-39, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637674>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- ROJAS, L. *et al.* Factors that Affect the Academic Performance of Pharmacy Students at the University of Costa Rica. **American Journal of Educational Research**, Costa Rica, v. 6, n. 6, p. 729-734, 2018. Disponível em: <http://pubs.sciepub.com/education/6/6/22/index.html>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- ROSE JÚNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, p. 19-26, 2008. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1bYaxTXUAzgJ:https://pdfs.semanticscholar.org/f87c/996342d8618d8fc8c5761b17ffadf0e8c0f3.pdf+&cd=1&hl=es-419&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- ROSE JÚNIOR, D. *et al.* **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SAMPIERI, R. H.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SANTOS, A. W.; REBELLO, D. S.; BERNARDES-AMORIM, D. Estados transitórios de humor de atletas de basquete. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, n. 6, p. 560-571, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637857/5548>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- SANTOS, L. B.; PALACIO, E. A.; GONZÁLEZ, M. Z. Percepção do autoconceito físico de escolares de onze a dezesseis anos fisicamente ativos. **Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 22, n. 236, p. 16-25, 2018. Disponível em: <https://efdeportes.com/index.php/EFDeportes/article/view/38/50>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- SECCO, D.; OLIVEIRA, V. D. **Afetividade no esporte escolar o caso do basquetebol**. 1. ed. Curitiba: Appris, v. 1, 2017.
- SERASSUELO JÚNIOR, H. *et al.* A Percepção do Autoconceito e sua influência no Desempenho Motor em Crianças e Adolescentes. **Journal Physical Education**, v. 23, n.1, p. 15-23, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n1/a02v22n1.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- SBICIGO, J. B. *et al.* Propriedades Psicométricas da Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP). **Revista de Psicologia da PUCRS**, v. 43, n. 2., p. 139-146, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11691/8037>. Acesso em: 2 mar. 2020.

- SILVA, N. C. A. *et al.* emoções e rendimento no basquetebol: uma pesquisa de campo. **Humanas & Sociais Aplicadas**, Campos dos Goytacazes - RJ, v. 8, n. 22, nov. 2018. Disponível em: [http://ojs3.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/1611](http://ojs3.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1611). Acesso em: 2 mar. 2020.
- SURVEYMONKEY. **Copyright** ©, 2019. Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- SZEREMETA, T. P. **Construção e validação de um instrumento de avaliação da trajetória esportiva sob a ótica do modelo bioecológico**. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M.; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **Revista Brasileira Ciencia e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 4, p. 13-18, out./dez. 2003. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/519/543>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- TAIROVA, O. S.; DI LORENZI, D. R. S. Influência do exercício físico na qualidade de vida de mulheres na pós-menopausa: um estudo caso-controle. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 135-145, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232011000100014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232011000100014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 2 mar. 2020.
- TANI, G. Esporte, educação e qualidade de vida. *In*: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002.
- TEJERO-GONZÁLEZ, C. M. *et al.* Satisfacción con la vida y autoeficacia en jugadores de balon cesto en silla de ruedas. **Revista de Psicología del deporte**, v. 25, n. 1, p. 51-56, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-147060>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- TERRY, P. C. *et al.* Psychological correlates of training load among athletes. In Proceedings of the 42nd Australian Psychological Society Annual Conference. **Psychology Making an Impact**, p. 381-386, Set. 2007. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Psychological-correlates-of-training-load-among-Terry-Galambos/d5d7e490da28b204dfdeef44e19c8fe902a233>. Acesso em: 2 mar. 2020.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Tradução de Denise Regina de Sales e Márcia dos Santos Dornelles. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- UNESCO. UNESCO, 2018. Disponível em: [www.unesco.org/new/pt/brasil/sociais-e-ciencias-humanas/esportes-e-educacao-fisica](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/sociais-e-ciencias-humanas/esportes-e-educacao-fisica). Acesso em: 1º out. 2018.
- VALOVICH, T. C. *et al.* Recent injury and health-related quality of life in adolescent athletes. **Journal of Athletic Training, Dallas**, v. 44, p. 603-610, Nov./Dec. 2009.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2775361/>. Acesso em: 2 mar. 2020.

VIEIRA, L. F. *et al.* Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo Paranaense. **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, maio/jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcdh/v13n3/04.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2020.

VITURAL, B. U. Comissão de direitos humanos. **Biblioteca virtual de direitos humanos**, 2019. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Tradução de Maria Cristina Gularte Monteiro e Regina Machado Garcez. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WHOQOL, G. The World Health Organization quality of life assessment (whoqol): position paper from the World Health Organization. **Social and Medicine**, p. 1403-1409, 1995.

YANO, C. Grande Curitiba cresce mais que as maiores do país: veja a população por cidade. **Gazeta do povo**, 2019. Disponível em: [www.gazetadopovo.com.br/parana/regiao-metropolitana-curitiba-populacao-2019-ibge](http://www.gazetadopovo.com.br/parana/regiao-metropolitana-curitiba-populacao-2019-ibge). Acesso em: 15 dez. 2019.

ZHAN, L. Quality of life: conceptual and measurement issues. **Journal of Advanced Nursing**, v. 17, p. 795-800, 1992. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1365-2648.1992.tb02000.x>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ZIMMERMAN, B. J. Investigating self-regulation and motivation: Historical background, methodological developments, and future prospects. **American education research**, v. 45, p. 166-183, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/0002831207312909>. Acesso em: 2 mar. 2020.

# **AValiação DOS PARECERISTAS**



**Prezado(a) parecerista, o objetivo é realizar um parecer crítico-construtivo a obra que tem como objetivo se tornar um livro.**

Título do Livro	<b>EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS NO BASQUETEBOL: RELATOS DO AUTOCONCEITO, AUTOEFICÁCIA E QUALIDADE DE VIDA</b>		
Tópicos de Avaliação		Avalie de 1 a 5	
1. O capítulo possui linguagem clara e correta?		5	
2. Qualidade do diálogo com o referencial teórico e normas ABNT		5	
3. Apresentação e discussão dos resultados frente os objetivos		5	
4. Clareza e coerência nas considerações e/ou conclusões		5	
5. Contribuição do trabalho para o escopo do livro		5	
<b>SOMA TOTAL DOS PONTOS</b>		<b>25</b>	
Potencial para Publicação	<input checked="" type="checkbox"/>	SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
<p align="center"><b>Considerações do Avaliador ao Coordenador (sigiloso)</b> (algum comentário que julgar relevante, se for o caso)</p>			
<p>A presente obra destaca-se pela sua contemporaneidade e pela primorosa apresentação.</p>			
<p align="center"><b>Comentários do(a) avaliador(a) para o(a) autor(a) – anônimo</b> (comentários construtivos para os autores visando correção e melhoria do trabalho. Recomendável)</p>			
<p>Faço notar que a obra está pronta para ser publicada; manifesto meu parecer favorável.</p>			
AVALIADOR(A):	<b>A09-ECDR-05-23</b>		

**Prezado(a) parecerista, o objetivo é realizar um parecer crítico-construtivo a obra que tem como objetivo se tornar um livro.**

Título do Livro	<b>EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS NO BASQUETEBOL: RELATOS DO AUTOCONCEITO, AUTOEFICÁCIA E QUALIDADE DE VIDA</b>		
Tópicos de Avaliação		Avalie de 1 a 5	
1. O capítulo possui linguagem clara e correta?		5	
2. Qualidade do diálogo com o referencial teórico e normas ABNT		5	
3. Apresentação e discussão dos resultados frente os objetivos		5	
4. Clareza e coerência nas considerações e/ou conclusões		5	
5. Contribuição do trabalho para o escopo do livro		5	
<b>SOMA TOTAL DOS PONTOS</b>		<b>25</b>	
Potencial para Publicação	<input checked="" type="checkbox"/>	SIM	<input type="checkbox"/> NÃO
Considerações do Avaliador ao Coordenador (sigiloso) (algum comentário que julgar relevante, se for o caso)			
A obra em questão encontra-se atual e exibida com notável apresentação.			
Comentários do(a) avaliador(a) para o(a) autor(a) – anônimo (comentários construtivos para os autores visando correção e melhoria do trabalho. Recomendável)			
Indico que a obra está apta para publicação; expresse meu parecer favorável.			
AVALIADOR(A):	<b>A02-ECDR-05-23</b>		

# ÍNDICE REMISSIVO



## A

acesso..... 32, 98  
adolescência ..19, 46, 47, 48, 53, 73, 78, 82, 83, 99, 112,  
120, 122, 125  
adolescente 22, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 40, 46, 47, 49,  
55, 75, 78, 83, 96, 100, 113, 120  
adolescentes.....19, 22, 25, 29, 40, 46, 48, 60, 73, 76, 97,  
103, 117, 119, 120, 121, 123  
alunos.....19, 21, 23, 40, 42, 53, 54, 55, 59, 60, 62, 64, 68,  
71, 73, 74, 75, 79, 81, 94, 96, 98, 101, 103, 104, 105,  
106, 108, 110, 122  
ambiente .....21, 22, 23, 28, 30, 40, 41, 42, 45, 47, 60, 62,  
71, 72, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 86, 90, 94, 95, 97,  
104, 105, 109, 110, 114, 115  
ambientes...19, 20, 23, 28, 30, 31, 32, 41, 49, 53, 77, 78,  
81, 97, 99, 104, 109  
amigos 60, 71, 72, 81, 86, 90, 96, 97, 102, 109, 110, 111,  
114, 115  
aprendizagem ..19, 22, 23, 28, 31, 33, 34, 38, 41, 42, 74,  
81, 82, 94, 95, 120  
aspectos19, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 40, 44, 45, 46, 47, 48,  
52, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 81, 83, 91, 94, 95, 97, 102,  
108, 109, 110, 111  
atividade20, 22, 25, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 45, 46, 47, 48,  
49, 50, 60, 62, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 86, 90, 91,  
93, 94, 96, 99, 103, 109, 113, 117, 120, 122, 123, 124,  
125, 126  
atividades ...19, 20, 29, 30, 33, 34, 41, 42, 47, 50, 55, 73,  
77, 78, 92, 93, 95, 96, 97, 101, 102, 103, 104, 110,  
113, 122  
atletas.....19, 20, 21, 25, 30, 33, 44, 46, 53, 54, 55, 59, 60,  
62, 64, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 92, 94,  
96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 108, 109, 111, 114,  
117, 118, 119, 121, 125, 127  
autoconceito.....24, 57, 60, 68, 69, 70, 86, 90, 118, 121,  
123, 125  
autoeficácia .....24, 57, 68, 69, 70, 86, 90

## B

basquete .....23, 25, 30, 33, 36, 38, 44, 53, 62, 71, 77, 82,  
94, 95, 96, 101, 102, 111, 112, 114, 115, 125  
basquetebol19, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33,  
34, 37, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 66, 68, 70, 71, 73,  
75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99,  
101, 104, 105, 108, 111, 113, 114, 115, 117, 121, 123,  
125, 126  
bem-estar....21, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 60, 72, 73, 77,  
79, 91, 92, 93, 98, 103, 112

## C

capacidades ..... 34, 42, 48, 49, 74, 93, 99, 100, 104, 105  
coletivos.....23, 28, 29, 34, 77, 82, 97, 98, 102, 120, 123,  
124  
competições .21, 29, 30, 33, 53, 73, 76, 94, 96, 109, 112,  
113, 114, 115  
crianças...22, 29, 30, 32, 33, 46, 48, 60, 78, 97, 117, 118,  
119, 121, 123, 124

## D

desempenho ..... 20, 29, 41, 42, 73, 76, 82, 94, 100, 101,  
102, 118, 121, 124, 127  
desenvolvimento....19, 21, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34,  
35, 36, 42, 43, 46, 47, 74, 77, 79, 92, 98, 104, 109,  
120, 124  
dimensão ....73, 75, 76, 77, 78, 81, 86, 91, 93, 94, 95, 96,  
97, 98, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

## E

educação ....19, 20, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 77, 79,  
97, 98, 102, 126  
educacional ..... 22, 29, 31, 32, 74, 77, 111  
emocionais ... 34, 43, 48, 62, 77, 79, 83, 94, 99, 100, 115  
emocional ...41, 60, 69, 70, 72, 76, 80, 84, 86, 87, 88, 90,  
109, 110, 111, 112, 113, 114

escola....21, 23, 28, 31, 32, 41, 42, 48, 49, 62, 71, 73, 76,  
77, 78, 97, 98, 102, 104, 106, 108, 110, 111, 115  
escores .72, 73, 75, 76, 78, 80, 86, 90, 91, 92, 95, 96, 97,  
98, 101, 102, 103, 104, 106, 109, 110, 111, 112, 113,  
114, 115  
especialização .....28, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 123  
esporte...19, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36,  
37, 38, 41, 71, 72, 76, 77, 79, 82, 95, 96, 97, 98, 99,  
102, 103, 104, 105, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 122,  
123, 124, 125, 127  
esportes..28, 29, 31, 43, 54, 77, 81, 94, 97, 98, 101, 114,  
117, 122, 124  
estudo ...21, 22, 25, 28, 30, 35, 41, 44, 45, 47, 52, 53, 55,  
64, 73, 78, 79, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101,  
104, 105, 108, 110, 114, 115, 123, 126  
estudos .19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 35, 41, 43, 44, 46,  
52, 71, 73, 74, 76, 79, 81, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102,  
103, 108, 111, 114

## F

família.....42, 72, 73, 76, 77, 81, 83, 86, 90, 97, 102, 108,  
109, 110, 111  
fatores ...19, 20, 21, 25, 26, 29, 33, 36, 37, 41, 43, 44, 45,  
46, 47, 48, 49, 52, 60, 62, 74, 76, 79, 81, 82, 83, 91,  
92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 111, 115  
formação..... 22, 72, 77, 97, 119

## I

importância.19, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 31, 33, 35, 43, 46,  
72, 81, 93, 97, 98, 101, 102, 104, 110, 112, 117, 123,  
124  
indivíduos .....50, 54, 78, 91, 92, 93, 104, 110

## J

jogo....22, 28, 29, 30, 32, 38, 73, 82, 94, 95, 99, 100, 105,  
106, 111, 112, 114, 115  
jovens..... 57, 95, 99, 108, 121, 122, 124, 127

## M

modalidade.....28, 30, 41, 53, 56, 77, 82, 92, 93, 96

motivação ..... 20, 29, 38, 40, 42, 43, 44, 103

## P

pedagogia..... 19, 36, 37, 38, 98, 123  
percepção...19, 20, 21, 23, 30, 44, 45, 47, 60, 68, 70, 71,  
72, 73, 75, 76, 79, 83, 91, 96, 97, 98, 99, 104, 105,  
108, 109, 110, 113, 114, 115  
performance ...25, 32, 37, 76, 81, 82, 83, 92, 96, 98, 100,  
104, 106, 111  
pesquisa24, 34, 40, 53, 54, 55, 62, 64, 71, 73, 75, 76, 78,  
91, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 103, 104, 106, 119, 126  
prática....20, 22, 23, 31, 34, 42, 44, 46, 49, 53, 71, 72, 73,  
76, 78, 93, 98, 99, 101, 103, 108, 113, 115, 117, 126  
praticante ....68, 71, 72, 73, 76, 78, 84, 87, 88, 91, 97, 98,  
99, 103, 104, 108, 109, 111, 113, 114, 115  
Praticantes..... 21, 54, 66, 84, 86, 87, 88, 90, 101  
processo19, 20, 22, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38,  
40, 42, 47, 52, 64, 74, 79, 81, 82, 83, 94, 97, 109, 112,  
120, 123

## Q

qualidade ....24, 40, 45, 57, 60, 62, 68, 70, 80, 86, 90, 92,  
103, 108, 117, 119, 120, 121, 126  
qualidade de vida ..24, 40, 45, 57, 60, 62, 68, 70, 80, 86,  
90, 92, 103, 108, 117, 119, 120, 121, 126

## R

rendimento..... 34, 40, 41, 42, 81, 95, 99, 101, 102, 126  
resultados ...20, 21, 23, 41, 52, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80,  
82, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 102, 103, 105, 111,  
115, 129, 130

## S

saúde.....35, 44, 45, 46, 47, 48, 60, 62, 72, 73, 74, 77, 78,  
79, 81, 83, 86, 90, 91, 92, 98, 103, 109, 110, 117, 122,  
123, 124  
sentimentos46, 60, 71, 72, 73, 78, 79, 82, 83, 86, 90, 94,  
95, 100, 101, 105, 108, 109, 110, 113

social19, 43, 47, 60, 62, 69, 70, 71, 73, 77, 79, 80, 81, 84,  
86, 87, 88, 90, 91, 97, 99, 101, 103, 108, 109, 110,  
111, 113, 117, 126

## V

variáveis19, 21, 23, 24, 25, 42, 52, 71, 73, 76, 77, 78, 79,  
81, 91, 93, 94, 96, 99, 102, 105, 106, 108, 109, 115



Adair José Pereira da Rocha  
Gislaine Cristina Vagetti  
Valdomiro de Oliveira

# EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS NO BASQUETEBOL

RELATOS DO AUTOCONCEITO, AUTOEFICÁCIA E QUALIDADE DE VIDA

